

Evaristo Suçuarana

Alaor Chaves

ÍNDICE

Gumercino e a assombração	04
O moinho de pedra	08
Evaristo Suçuarana	12
O pulo do gato	23
Chumbo não-trocado	31
O impasse	37
O pi no oficial e no paralelo	39
Oito bois malhados	41
Duas mortes	44
Julinho	47
A enchente	55
O desfecho	61
O pacto não pronunciado	73
A venda do Magnata	78`
Claro Campos	82
O menino da estrada	87
Uma italiana para dois talheres	89
Duas irmãs	92
Dois amigos	94
A visita da cegonha	96
Os filhos da lua	99

GUMERCINO E A ASSOMBRAÇÃO

O cavaleiro prosseguia sua incerta cavalgada numa região do vale do Urucuia onde Minas já é quase Goiás. Se subisse as quebradas arqueadas que podia avistar ao poente, atingiria a chapada goiana e não muito adiante talvez avistasse a vasta Lagoa dos Mourões. Partira ao alvorecer para uma jornada de uns sessenta quilômetros, e como a região não lhe era familiar guiava-se por um roteiro verbal rico em instruções sobre acidentes geográficos. Mas com as indecisões nas encruzilhadas e um ou outro erro que foi preciso consertar, não conseguiria chegar ao seu destino antes do anoitecer. Seu propósito era tentar um emprego de vaqueiro com Valdomiro Passos, vulgo Valdomiro Quebra Mão, alcunha que ganhara por causa do seu exageradamente poderoso aperto de mãos. Valdomiro era um dos mais conhecidos fazendeiros do Alto Urucuia, e sua fama de bom patrão corria longe. O mormaço se atenuara um pouco com a proximidade do crepúsculo, mas o cavalo extenuado precisava ser fustigado para manter a marcha. A última água que havia abrandado a sede hesitante do cavalo pareceu repugnante ao cavaleiro. Ambos sentiam fome. O cavaleiro tateou em vão o fundo do bornal em busca de alguma última migalha de paçoca. Não comeria outra coisa em toda a jornada. Tudo bem, racionalizou, talvez a paçoca só servisse para aumentar a sede. Ao cruzar um riacho já seco, mesmo sendo início primavera, cujo cascalho o cavalo farejou com frustração, concluiu que pelo menos estava no caminho certo. Tinham lhe falado do riacho. Estaria a pouco mais de dez quilômetros do seu destino.

No fim da estreita mata que margeava o riacho, tentou em vão localizar o sol por trás das nuvens para avaliar quanto tempo de claridade ainda lhe restava. O céu nublado anunciava uma noite escura, mas provavelmente livre de chuva.

Em menos de uma hora a escuridão acabou com qualquer esperança que o cavaleiro ainda tinha de prosseguir com segurança a sua rota. O cavalo ainda avistava bem o caminho, mas não saberia que rumo tomar em alguma bifurcação. O cavaleiro concluiu que era hora de parar a jornada e aguardar o alvorecer. Mesmo nas trevas, reconheceu que estava em uma campina. A ausência de coaxar de sapos indicava ausência de água na proximidade. Precisava de uma árvore para amarrar o cavalo, e enfim a encontrou. Apeou, desarreou o cavalo e tateou o chão com os pés em busca de um local para dormir. A noite era negríssima. Apesar do calor, enrolou-se em sua capa de couro para se proteger de formigas e outros insetos e deitou-se sobre um capim

fino e seco. Apesar da fome e da sede, conseguiu finalmente entrar em um sono intermitente.

Um tropel de cavalo o despertou na alvorada. Levantou-se às pressas, pois o outro cavaleiro poderia dar-lhe informações. Para seu espanto, o viajante da madrugada reverteu seu caminho e partiu em louca disparada. O cavaleiro ainda tentou chamá-lo de volta com gritos insistentes. Fracassado no seu intuito, contemplou o nascente dourado do céu e olhou em volta para examinar a vizinhança. Com surpresa, percebeu que dormira à margem de um velho cemitério aberto. Arriou o cavalo, persignou-se em reverência a algumas cruzes arruinadas pelo tempo e pelo abandono, e prosseguiu seu caminho. Logo-logo, a estradinha iniciou um declive continuado que naquela região era sinal de proximidade de algum grande curso d'água. Seria certamente o ribeirão ao fundo da fazenda do Quebra Mão. Não tardou a avistar uma casa de fazenda, mas dada a sua simplicidade estava visto que não seria a casa que procurava. Acabou de descer até a casa para pedir informação. Explicaram-lhe que a fazenda do Quebra Mão ficava uma légua abaixo, à margem do mesmo ribeirão. Seriam umas nove horas quando finalmente entrou no pátio da fazenda. Conversou com um homem que o aguardou no pátio e explicou o motivo da visita.

Estendeu temerosamente a mão ao fazendeiro, mas com alívio percebeu que aquelas mãos enormes haviam se abrandado com o tempo. Estavam na cozinha, o cômodo mais importante em quase toda fazenda antiga. Falou imediatamente sobre o desejo de trabalhar para o fazendeiro, mas ele não mostrou nenhum interesse em seguir esse fio de conversa. Preferiu falar sobre outro assunto que estava causando alvoroço na casa e nas imediações. Um dos vaqueiros da fazenda tinha sido ameaçado naquela madrugada por uma perigosa assombração. Tratava-se, explicou o fazendeiro em voz pausada, de um vaqueiro já meio idoso, que sendo viúvo vivia sozinho em uma casinha próxima ao casarão.

“Quis aproveitar o domingo para visitar um filho casado que mora a poucas léguas daqui. Nas primeiras luzes do dia, quando o Gumercino passava por um cemitério abandonado que margeava a estrada, ocorreu o fato sinistro. Um dos defuntos ergueu-se da sua sepultura desafiando aos berros o velho vaqueiro. Já ouvi boatos sobre problemas naquele cemitério, onde estão os restos de pessoas que desbravaram esse sertão urucuiano. Nunca levei nada a sério. Mas o Gumercino é um homem destemido e pouco dado a credices. Quando jovem, num tempo em que eu era recente nessa região, foi caçador de brabeza, boi bravo que tinha ficado selvagem neste vale. Você é novo, mas já deve ter ouvido falar do gado brabeza e dos seus caçadores. Um caçador de brabeza não é o tipo de gente do qual se espera temer pequenas coisas, muito menos pequenas assombrações. Gumercino

não retornou à sua casa, veio direto aqui pra sede da fazenda, aterrado de medo. Mandeí que o recolhessem em um dos meus quartos, onde tem recebido tratamento para combater um surto de febre. Febre causada pelo medo, mas diz ele que veio do corpo da assombração. Febre do fogo do inferno... Mas você está cansado e parece também que está com fome. Vamos forrar esse estômago antes de falar sobre sua experiência de vaqueiro. Pela fala vejo que você é baiano, eu sou lá de perto, de Coração de Jesus.

O cavaleiro saciou a fome e a sede, acertou seu trabalho na fazenda, e finalmente quis conhecer o velho e assombrado vaqueiro. Entrou no quarto e o senhor permaneceu em silêncio, recostado em um par de travesseiros. O cavaleiro explicou que acabara de ser contratado pelo seu Valdomiro na função de vaqueiro. A febre de Gumercino havia cedido após dois bons chás de gengibre com um pouco de quinino. Essa mistura mata qualquer febre, explicou Gumercino, que já se sentia reanimado e sentou-se na cama apoiando os pés no chão. O dorso nu e grisalho mostrava reminiscências de um corpo muito musculoso. Ficou falante.

- O moço não fala que nem urucuiano. Veio de onde mesmo?
- Da Bahia, faz dois anos que estou no Urucuia.
- E cadê o chapéu de couro, modelo baiano? Chapéu de coco, não é assim que o chamam?
- Ficou lá na cozinha. O seu Valdomiro me falou que você foi um valente caçador de brabeza.
- Ele te falou isso? Falou do gado brabeza? Ah pois, bons tempos aqueles, cacei muito boi brabeza. Agora já não existe mais, caçamos todos e hoje nem sua raça se vê. Boi medonho, sem cupim, de chifre pontudo virado pra frente. Agora só querem gado moderno, o tal de nelore, cupinzudo e de chifre pequeno. Seu Valdomiro, acho que tem o melhor nelore da região. Caprichoso que só ele. Patrão pra lá de bom, o moço acabou de ganhar. Já sou de pouca serventia, mas ele me mantém na fazenda pelo que já servi no passado. Me paga o mesmo que dá aos seus bons vaqueiros. O moço haverá de gostar muito daqui. Fazendão de cansar mais de vinte cavalos, cada vaqueiro precisa de dois. Pastaria de colonião, de Jaraguá e de meloso, além de capim nativo.
- Desci uma légua à margem do ribeirão e pude ver parte disso.
- Ribeirão das Anta. A fazenda também é chamada Fazenda das Anta. Quase acabamos com elas, agora estão retornando por causa das boas leis do governo. Nunca apreciei muito carne de anta, sou mais a de capivara. Especial mesmo é a de paca, mas nem essa eu já não mato mais, porque agora é crime. O que era certo vira errado, o que acho certo, pois governo existe mais é pra civilizar o povo. O Sô Valdomiro fala que até deixar menino fora da escola vai virar coisa proibida. Respeito as leis de Deus e do governo. O moço, a gente vê

logo, é pessoa beneplácita, haverá de ser benquista por aqui. Peguei no laço muito gado brabeza, ferrei e amansei. Você acha que isso é errado? Acho que era certo, e continua sendo certo, pois a natureza dele é ser manso. Não é atoa que depois de amansado cria bezerro até mais manso que bezerro nelore, quem iria atinar uma coisa dessas. Nem tudo que é errado é maldade, muita vez é ignorância. Já quem faz maldade grande, quando morre vai penar no inferno e sua alma costuma vagar neste mundo como má assombração. Me contavam e eu não acreditava, mas essa madrugada, o moço ficou sabendo, me apareceu uma perigosa assombração. Assombração das mais péssimas. Mas não quero falar nisso. O moço não está com fome? Ou esse almoço está hoje saindo muito tarde ou tão achando que estou indisposto a comer... ..

Calmamente e sem saber, Gumercino começava a entabular amizade com sua terrível assombração.

O MOINHO DE PEDRA

Na cidade de Goiás Velha, a história incomum de Herculano Nepomuceno só não era contada com mais frequência porque todos os moradores adultos a conheciam. Mas nos bares, pensões e hotéis, um visitante da cidade dificilmente deixaria de conhecer a história, em narrativas ornadas com acréscimos variados que iam se cumulando ao longo do tempo. Ouvi-a quatro vezes, com as divergências de praxe. Registro-a em um texto escrito, antes que os fatos se diluam em fantasias, como soe acontecer com toda crônica que se perpetua por narração oral. Não se pode estar seguro dos detalhes dessa história bizarra, mas creio ser possível contar o essencial sem incorrer em erros graves. A precisão na minúcia é coisa secundária quando os fatos mais relevantes são coerentes e merecedores de registro. Expressarei as quantias em números inteiros que conciliam as cifras divergentes que ouvi e omitirei detalhes que podem ser meras fabulações.

As atribuições de Herculano começaram depois de uma viagem a Uberaba. Ele vivia uma rotina diligente, embora sossegada, em sua fazenda nas imediações da cidade, que na época era capital do estado de Goiás. Plantava roça, criava gado, porcos e galinhas. Era mais do que remediado, a crer em alguns narradores seria abastado. Era dado a caridades e a citar passagens da bíblia. A cada três ou quatro anos Herculano fazia uma viagem a Uberaba, onde os fazendeiros sempre tinham novidades no campo da criação de gado. Em visita a uma fazenda, conheceu um aparato, talvez moderno, de admirável desempenho: um moinho de pedra movido por uma roda d'água. A água vertente de uma bica movia uma roda, que por meio de um eixo longo e uma engrenagem girava uma pedra cilíndrica, com base cônica, que por sua vez se apoiava no buraco também cônico de uma pedra maior. O movimento de um cone sobre o outro era capaz de triturar milho debulhado para produzir um fubá de granulação uniforme, muito superior ao fubá tradicional produzido em pilão nas fazendas de Goiás. A invenção encantou Herculano. Informaram-lhe que o moinho podia ser comprado em Uberaba e que o vendedor o entregava montado, pronto para operar. Observou a bica d'água que fazia mover a roda e concluiu que tinha como instalar outra igual no rego d'água que descia o declive do seu quintal.

No dia combinado, chegou o moinho que os dois técnicos instalaram com a ajuda de empregados de Herculano. Averiguado o seu perfeito funcionamento, o técnico responsável deu sumariamente uma última

instrução: não se pode deixar o moinho girar sem milho, pois isso rapidamente danifica as mós. Herculano acompanhou os técnicos até a casa, onde lhes serviu um último café com biscoitos. Sua mente se turvara com a advertência, mas suas únicas palavras destinaram-se só a confirmar algo que intuía.

– O que é mós?

– As pedras do moinho.

Não indagou mais nada, pois não era dado a perguntar coisas que imaginava dever saber. Mas logo que os técnicos se foram, sua mente mergulhou em cálculos que confirmaram e até agravaram seus motivos de preocupação. O moinho moía dois sacos de milho por hora, o que resultava em quarenta e oito sacos na roda do dia. Em um mês, mil quatrocentos quarenta sacos, uma pequena montanha de milho. Em um ano, coisa de dezessete mil e trezentos sacos, uma cifra acima da sua capacidade de imaginação. Passou o resto da tarde matutando sobre a medonha tarefa de prover milho para o moinho. Destacou três peões para a função de suprir, dia e noite, milho para a moenda e ensacar o fubá produzido. Na manhã seguinte, montou em seu melhor cavalo e percorreu a vizinhança em busca de milho para comprar. Com muita insistência e oferta de preços atrativos, obteve o bastante para mais de dois meses, mas atormentava-o o desafio de sustentar seu extravagante devorador de grãos. Sabia que até a colheita do próximo ano não haveria como comprar mais milho daqueles vizinhos. Vender o fubá não lhe pareceu problemático, pois Goiás Velha supria-se principalmente de fubá trazido de longe, e havia ainda as cidades da vizinhança.

Herculano vendeu sua porcada, o que lhe pouparia seis sacos de milho por dia. Resolveu vender parte do gado e plantar milho em toda a terra de pastagem propícia para tal cultivo. Calculou que colheria umas quatro mil sacas por ano, pelo menos em anos bons. Mandou erguer um galpão maior para armazenamento de milho e fubá. Foi à cidade e negociou com comerciantes um fornecimento semanal do seu belo produto. Alguns eram atacadistas fornecedores de pequenos vendedores de Goiás Velha e de cidades vizinhas. O escoamento do fubá estava arranjado, restava prover o milho, o que era bem mais problemático. O moinho revelou ser uma pequena usina capaz de suprir de fubá uma ampla região, o que rendeu a Herculano uma distinção muito honrosa na sua comunidade. Vizinhos e até mesmo moradores longínquos o visitavam com o propósito de ver com os próprios olhos o novo avanço da engenharia. As exclamações eram enfáticas e os elogios, sinceros e às vezes até solenes. Alguns atestavam a intenção de ampliar a roça de milho. Mas para Herculano, o sentimento de orgulho era nublado e sobejamente neutralizado pela consciência de que se tornaria um escravo do seu engenho. Começou a visitar fazendeiros mais distantes. A estes, e também a cavaleiros que encontrava nas estradas, depois de um dedo de prosa preliminar sempre perguntava se não tinham

algum milho para vender. Para transportar o milho amoeado, teve de comprar mais um carro de bois, além de quase duas dezenas de bois para rodízio nos dois carros, pois as viagens eram estafantes. Passou a incentivar o plantio de milho na vizinhança, onde a maioria dos fazendeiros só plantava para o consumo próprio. Por que não se planta mais milho? Está provado que é a lavoura mais lucrativa, argumentava com sua fala poderosa, que havia adquirido um tom de pregação. Reforçava o discurso com promessa de pagamentos mais atrativos para o milho que lhe fosse oferecido. Mas a resposta costumava ser uma concordância sem compromissos. Herculano sabia como é difícil mudar o hábito de fazendeiros. Sua vida passou a centrar-se no esforço de comprar milho, mas o suprimento nunca bastava. Em algumas oportunidades, teve de encomendar milho a atacadistas da cidade, o que sempre resultava em custos que liquidavam o lucro. Um atacadista mais avaro só aceitava trocar milho por igual peso de fubá, em exploração oportunista de uma situação de embarço. A criativa ideia de remoer o fubá produzido não funcionou, pois o pó muito fino tinha uma propensão a se emplatar em beijos que não se desagregavam. O expediente de trocar o milho dado às galinhas por fubá resultou em economia objetivamente ínfima, mas qualquer avanço não deixava de ser uma conquista moral. Herculano recorreu à ajuda e ao conselho de dois benzedores, e finalmente apelou ao próprio bispo, neste caso obviamente sem mencionar as instâncias anteriores.

Em coisa de três anos, Herculano ganhou um semblante turvo. Tornou-se grosseiro no trato com os empregados e familiares. Não dava prosseguimento a conversas alheias ao que havia se transformado em seu drama particular. Teimoso até o tutano dos ossos, resistiu à ideia, sugerida por amigos próximos, de deixar que o moinho se corresse pela falta de milho, pois tal derrota lhe soava como uma desonra. Seu orgulho sempre fora o respeito da vizinhança pela posse de um espírito inovador.

Certa manhã, a fazenda viveu um novo e inesperado infortúnio. Uma velha e até então saudável mulata, moradora do casarão e responsável por incessantes tarefas, foi ao rego d'água lavar uma trouxa de roupas. Talvez por morte repentina, caiu no rego e foi levada até à cabeceira da bica. Correu o alarme e Herculano foi um dos primeiros a acorrer. Enquanto todos especulavam sobre o acontecido, Herculano teve sua atenção colhida por um fenômeno que lhe pareceu ter importância maior. O corpo da mulher, estancado na entrada da bica, reduziu o fluxo da água a ponto de fazer cessar o movimento da roda e conseqüentemente também o do moinho. Para indignação de todos, Herculano não deixou que retirassem da água o corpo da velha, que putrificou e finalmente se decompôs sobre a água. Houve consternação e as primeiras dúvidas sobre a saúde mental de Herculano. Um mês de economia de milho foi muito significativo para a exaustiva rotina de

Herculano, que meditou detidamente sobre o ocorrido. Depois de graves ponderações, além da procura de milho, passou a sair também à compra de velhas. “Não tem alguma velha pra me vender? Uma sogra ranheta ou alguma tia imprestável? Me surpreende que não tenha, pois em quase toda fazenda vejo alguma velha que representa mais despesa e amolação do que serventia.” Os vizinhos encaravam Herculano com olhar assustado, que ele parecia ignorar inteiramente. Mas um ou outro não considerou a questão tão imprópria, pois três outras velhas encontraram seu fim nas águas do rego. Uma onda de alarme correu pela vizinhança. Questionavam por que as autoridades não punham fim a tamanho desatino. Segundo versões que ouvi, a mulher de Herculano era filha bastarda de um Ludovico, a família que mantinha a hegemonia de toda a política goiana, e esse laço de sangue conferia imunidade ao fazendeiro. Registro o que ouvi, sem endosso da sua veracidade.

Uma última vítima apareceu certa manhã boiando na boca da bica. Tratava-se de uma ex-escrava que vivia na fazenda de Herculano e que, embora muito idosa, ainda prestava pequenos serviços voluntários. Era especialmente estimada pelo seu gosto e dom de narrar um passado que capturava o interesse e a imaginação das pessoas. Contava as histórias em tom tão suave e conformado que a realidade dos fatos quase se extinguiu com a narração. Pode ser que essa morte tão singularmente torpe tenha reaberto uma ferida que demorava a se curar, e a comoção gerada acabou encerrando o macabro caminho pelo qual Herculano tinha se enveredado. Coisa de uma semana depois apareceu na fazenda um veículo do qual desceram um sargento e dois soldados. O sargento conversou brevemente com Herculano, que não resistiu à intimação de acompanhá-lo até o moinho. Tiraram a velha do rego, o que repôs em movimento a terrível roda d’água. As últimas palavras de Herculano foram o alarmado alerta “Não tem milho no moinho!” O sargento foi à roda d’água e encaixou-lhe uma trava que fez cessar seu movimento. Herculano observou o ato mágico com olhos alucinados. Com a ajuda dos soldados, o sargento pôs em Herculano uma camisa de força. Conduziu-o pela leve ladeira explicando à pequena assistência: “Irá para o hospício estadual. Não sou médico, mas esse me parece ser um desses casos que nenhum tratamento resolve.”

Não havia lua nem nuvens. Próximo das três horas da manhã, Evaristo tinha saído de casa no vilarejo de Garapuava e tomado o rumo a Uruana, no vale do rio Urucuia. Já cavalgara por duas horas e sua marcha seguia uma determinação sem pressa. O lugar era um extremo do Planalto Central, uma nesga de cerrado que separa os vales do Urucuia e do Rio Preto. O cenário era familiar ao cavaleiro e ele sabia que a areia que amortecia o tropel era de uma rara cor rosada, e que estava umedecida pelo orvalho. Uma brisa fria pressagiava o alvorecer e logo uma primeira luz distinguia a linha do horizonte. Sua horizontalidade revelava a perfeita planura da paisagem. Evaristo, antes absorto em suas lembranças e em seu propósito, respirou fundo o ar fresco e procurou localizar-se pelos detalhes daquela monotonia. Viu que estava a poucos quilômetros de iniciar a descida para o vale e mais uma vez encantou-se com a lisura da chapada e com as árvores cuja espécie podia dizer pelo perfil projetado contra o céu: aqui uma jurema, uma sucupira-branca, agora um moçambé ao lado do vinhático, ali um carvoeiro, logo depois um pau-Gonçalo pouco afeito a essas bandas, aquela cagaiteira, este pequeno murici, atrás dele um guritá esguio, a paineira que há anos vem invadindo a estrada... Aquele desarranjo de árvores, enfeitando e engendrando distâncias na planura, as estrelas que se calavam com o alvorecer, a luz que crescia no horizonte como se emanasse da substância do espaço, um pássaro que talvez cantasse longínquo, tudo era paz, tudo era alheio ao tumulto que revolia a mente de Evaristo. Cerradão das araras! exclamou para si Evaristo. Procurando alívio, novamente aspirou a noite, desta vez como quem toma um remédio. Uma indagação distraiu por um tempo sua concentração: pra que lado corre, nestas paragens, a enxurrada? Haverá um desnível que os olhos não decifram ou a água tem seu rumo definido por mera força da tradição? Ou, quem sabe, o elege a cada chuvarada por algum acidente imponderável? Procurou saborear, como quem faz uma despedida, o ar, as estrelas, o prenúncio da alvorada, o silêncio e o cheiro do cerrado.

Evaristo nasceu em 1901. Gerou-o um ventre mulato, fecundado em circunstâncias que permaneceram para sempre

inacessíveis. Quando da morte de sua mãe, uma mulher esguia e amena, Evaristo era um menino que aguardava com inquietação a revelação da sua paternidade, prometida “para o momento certo”. Celina fazia trabalho doméstico na fazenda do Orestes Campos, proprietário ou posseiro de léguas de terra no vão do Urucuia, onde nasceu e se criou Evaristo. Inicialmente o menino ajudava as mulheres em pequenas lidas, mas precocemente se aventurou na ajuda aos vaqueiros, no que suas habilidades de cavaleiro se revelaram.

Esta história ficará incompreensível sem um parêntesis descritivo do Noroeste de Minas na primeira metade do século 20. Durante o Ciclo do Couro a criação de gado difundiu-se no vale do São Francisco em grandes fazendas sem cercas e delimitadas por acidentes geográficos, as chamadas largas. Parte do gado foi se evadindo aos poucos para os vales dos afluentes, não ocupados por gente, e ali se espalhou como gado selvagem. Os desbravadores tardios dos vales do Paracatu, do Urucuia e do Rio Preto encontraram farta população de gado “brabeza”, adaptado ao ambiente local. Nas estações úmidas as pastagens naturais floresciam em terras ricas em cálcio e fósforo e durante as secas o gado se internava nas matas, onde a taboca, um bambuzinho abundante, fornecia alimento farto e rico. A caça e domesticação do brabeza tornou-se uma aventura lucrativa. A arte dos vaqueiros caçadores foi elaborada até os limites da perícia e da coragem. Após laçar a rês com longa corda de couro de veado, especialmente leve e resistente, o vaqueiro se emparelha com ela e lhe pega o rabo. Um brusco puxão lateral no preciso momento em que o animal em disparada está apoiado apenas nas patas dianteiras faz com que ele tombe numa calamidade de barulho, dor e susto. O cavalo, adestrado e ágil, retesa o laço previamente amarrado ao peitoral, impedindo que o animal se levante, e o vaqueiro lhe peia as pernas com outra cordinha de couro de veado. Em alguns casos, a rês quebra o pescoço na queda sinistra ou sofre algum outro ferimento grave. É então executada, virando charque e algum alimento de corvos. Seu couro tem excelente qualidade porque na região não se conhece o berne. Mais frequentemente, a rês não se fere gravemente e é então domada pelo artifício atroz de se lhe vazar as narinas com um anel de ferro, como se fosse um brinco. Usando o mesmo laço, agora passado pelo anel, o vaqueiro leva o pobre e finalmente dócil animal, que não resiste ao seu comando devido à dor que a rebelião causaria.

Esta descrição focalizada no humilhado destino do animal não expõe os riscos do vaqueiro nem de sua montaria. Fora das matas, onde se dá a caçada, o solo calcáreo do vão é cheio de pedras, e um tropeço na correria pode valer uma ou até duas vidas – se não

menosprezarmos a do árduo cavalo. Sem algum ferimento de sangue, uma fratura ou outra causa de baixa, é raro que os dois, cavaleiro e montaria, se safem nesse tipo de acidente. É parte da perícia do vaqueiro ficar em alerta e desviar o cavalo de alguma moita de arbusto ou de capim mais alto que possa camuflar uma pedra fatal. Mas não apenas isso. Uma vez ameaçado, o gado busca refúgio nas matas, das quais é preciso desalojá-lo. Cavalgar em correria numa mata é o pavor de qualquer cavaleiro. Impetuoso, o cavalo apenas considera a geometria do próprio corpo e para ele um cipó ou galho de árvore atravessado acima do dorso não parece ser empecilho a seu avanço. Se o vaqueiro se desprevine ou não é suficientemente ágil, tem-se um cavalo aliviado de sua carga e um corpo estendido no solo, ferido, às vezes morto.

Foi nessa lida de caçador de brabeza que Evaristo construiu seu orgulho e sua fama. Passava pouco dos vinte anos e seu nome já era conhecido em todo o Alto Urucuia. Nas vertiginosas manhãs de caçada, não era incomum que outros vaqueiros interrompessem a corrida para ver Evaristo traçar o mais curto e preciso percurso até sua presa, lançá-la no primeiro lance e finalmente tombá-la com tal perícia que seus movimentos pareciam quase suaves. Às suas façanhas autênticas se somavam muitas outras imaginadas e propaladas, iguais ou até maiores, como é destino de toda personagem que se torna mito. Evaristo era por índole solitário e reservado. Pouco lhe aprazia a cachaça que os vaqueiros compartilhavam à tardinha ou ao anoitecer, antes de comerem carne fresca ou de charque assada no braseiro, ou paçoca de carne seca, com mandioca, arroz e feijão. Tratava todos com uma cordialidade impessoal e distante. Jamais consentia em narrar algum de seus feitos, nem mesmo em confirmar ou negar o que lhe era atribuído.

A interrogação sobre sua paternidade, embora dissimulada, foi obsessiva durante toda a juventude e na verdade restou como uma permanente inquietação. Sua pele levemente morena, os cabelos lisos e o conjunto das feições sugeriam um pai branco. O próprio Orestes Campos, que o criara após a orfandade e depois o contratara como vaqueiro, pareceu-lhe quando menino e até a adolescência um pai provável, e o garoto Evaristo insistentemente buscou nos seus olhos algum carinho, algum fitar mais longo, alguma fagulha que legitimasse sua suspeita. Gostava de Orestes e queria que ele fosse seu pai. Tinha ímpetos de chamar-lhe pai. Mas ele era cordial, breve e inatingível. As dúvidas de Evaristo se dissiparam quando sua fama foi tomando as dimensões da lenda, pois Orestes reagia com uma vaidade de patrão, não com o orgulho indisfarçável de um pai.

Nada que mereça uma ramificação da narrativa se sabe da vida amorosa do jovem Evaristo. Conversava timidamente com as moças da fazenda e da vizinhança, não desapreciava dançar e sorria com discreto orgulho quando alguma mencionava seu alardeado talento de caçador de brabeza. Era assediado, mas nenhuma moça conseguiu mais que sua cordialidade tímida. Vez ou outra acompanhava o grupo de vaqueiros na visita de sábado a Uruana, com a invariável culminância no lupanar, e suspeita-se que excluídos os benefícios carnis ali usufruídos o jovem Evaristo nunca conheceu a intimidade de uma mulher. Conheceu o amor, repentino, quando já contava trinta e um anos.

Por ordem do patrão, Evaristo comandou um grupo de vaqueiros na entrega de um gado quase domesticado, adquirido por um fazendeiro da chapada. Retirar os animais do vale onde haviam nascido, obrigando-os a subir as quebradas que dão ao planalto, era tarefa árdua em que os cavalos se exauriam; gado urucuiano berra virado para o Urucuia, dizia-se naquelas chapadas. Por isso o fazendeiro convidou para ficarem um par de dias para descansar os cavalos. Os vaqueiros aguardaram em silêncio a resposta de Evaristo, mas os olhos unânimes lhe pediam que aceitasse.

– Com a vossa hospitalidade e a graça de Deus, a gente fica até amanhã de tardinha recuperando os cavalos e desfrutando esta lindeza de fazenda. A gente arma as redes naquela gameleira, caso o senhor não desaprove.

Soltaram os cavalos, banharam-se num ribeirão, e a tarde seria para uns cigarros de palha, um pouco de cachaça e o que Deus concedesse a mais. No pátio à frente da casa, não tardou que os vaqueiros locais se juntassem aos visitantes; alguns já se conheciam. A conversa seguiu alegre e calma, como é feitio do homem do sertão. No entardecer, um pequeno grupo de moças acercou-se do bando, excitadas pela oportunidade de ver de perto os caçadores de brabeza. Pouco depois surgiu outra, muito jovem, que atraiu os olhares. De soslaio, mas com alguma demora, a moça examinou Evaristo, que após uma hesitação aproximou-se. No impulsivo desejo de causar impressão, adotou um tom que lhe era inusitado:

– Sou Evaristo, o chefe desses vaqueiros.

– Adivinhei logo que o vi. Desde menina, conheço seu nome e sua fama.

– E qual é mesmo a sua graça?

– Júlia. Meu pai também é vaqueiro, quando mais novo foi tropeiro de boiada.

Evaristo guardou silêncio, o olhar vagueando pela paisagem e, finalmente, fitando os olhos em Júlia, disse:

– A tarde na chapada é mais bonita que a do vão. Essa luz até parece ser de vidro. Não admira que aqui cresçam moças bonitas como você.

Júlia sorriu e não se falou mais palavra, apenas olharam-se furtivamente algumas vezes. Finalmente, sem despedida, ela buscou a companhia de outra moça mais madura que visivelmente acompanhava a cena. Evaristo isolou-se do grupo para observar o anoitecer, pitando cigarros de palha. Vaqueiros e moças conversavam animadamente e a noite veio estrelada, com a transparência que se conhece nas chapadas do Planalto. Assou-se carne e comeu-se com mandioca. Os olhos de Júlia não saíram do pensamento de Evaristo. Aceitou duas cachaças que lhe trouxeram, agradecendo sem estender-se em conversa, e quando foi deitar seus companheiros já dormiam. No dia seguinte, não tardou que Júlia reaparecesse, e Evaristo não deixou de notar que ela tinha posto mais capricho ao arrumar-se. Caminhou, sem pressa, rumo a uma bica d'água e Evaristo foi-lhe ao encontro. Conversaram com segredo e alguma demora.

No sábado seguinte, Evaristo não acompanhou seus companheiros no passeio a Uruana. Ao anoitecer, quando o grupo já havia partido, arriou seu cavalo preferido e cavalgou no sentido oposto, rumo à chapada. Próximo à meia noite, encontrou Júlia no local acertado. Sem apeiar e em silêncio, puxou-a pelo braço e ela mostrou destreza em usar o impulso para saltar à garupa do cavalo. Evaristo tomou o caminho de volta, cavalgou uma meia légua, até onde havia água, parou e disse que tinha de dar comida e água ao cavalo. Apearam e em silêncio Evaristo abraçou e beijou Júlia como se pela primeira vez abraçasse e beijasse uma mulher. A bem dizer, era exatamente isso o que estava fazendo. Ao amanhecer, entrou com Júlia em uma casinha coberta com palma de buriti, não distante da sede da fazenda onde trabalhava. A casa estava desocupada e Evaristo pediu o consentimento do Senhor Orestes para morar nela com uma moça “com quem pensava amasiar-se”. Júlia tinha quinze anos, belos olhos e o mais doce sorriso que se pudesse imaginar.

A vida de Evaristo ganhou uma felicidade quase desumana, talvez até indigna. No complicado ofício de caçador de brabeza ele vivia aquele apogeu em que o saber que se vai acumulando não é ainda neutralizado pelo declínio da força física e da destreza. Somase que nele nasceu uma motivação antes inexistente: o forte desejo de figurar como herói perante Júlia. Em seu dia-a-dia de já triviais façanhas, cada touro vencido era uma inconfessada oferenda à mulher que tomara sua vida e seu sonho. No final de cada dia, lá estava Júlia, com seu sorriso, seu corpo quente, banhado e perfumado. O passar dos anos não abrandou esse amor.

Mas nesses anos outra coisa se exauriu. Evaristo já chegava aos seus trinta e oito anos e percebia já não ser o mesmo. Sabia que estava em declínio, pressentia que em pouco todos notariam. Foi quando apareceu Nonato, vindo do vale do Paranã, rio originário de quebradas no leste de Goiás, que ruma ao norte para verter no Tocantins. Tinha vinte e seis anos e era uma obra da natureza. Lembrava um pouco Evaristo no corpo musculoso de proporções medianas e parecia trazer o mesmo instinto preciso do cavaleiro nato, a mesma certeza no galope por entre árvores e pedras, o mesmo destemor ao abordar o acuado e monstruoso marruá. Em contraste, todavia, tinha um jeito alegre e brincalhão, um sorriso aberto e universal, e sua presença era visivelmente apreciada por todos. Cedo procurou aproximar-se de Evaristo, cujo nome dizia ter transposto as chapadas de Cabeceiras de Goiás e Formosa dos Couros para se fazer ouvido lá pelos seus lados. Sua admiração era patente. Dizia abertamente que no Paranã já não tinha rival e que tinha vindo pra mais aprender com o melhor de todos, Evaristo Suçuarana. Pois Evaristo ganhara esse codinome, que lhe inventaram por ressaltar a determinação e precisão com que ele partia rumo à sua caça. Suçuarana, a onça parda que habitava as cavernas das quebradas que desciam ao vão.

Nonato observava discretamente as manobras do mestre, mas nunca lhe solicitou orientação ou conselho. Em Evaristo, inspirou uma imediata apreciação, paradoxalmente paterna e velada, mas que aos poucos foi se contaminando de preocupação, talvez de um ciúme corrosivo. Ainda mais discretamente, Evaristo conferia a voluptuosa perseguição de Nonato à sua presa. Quando uma maloca surpreendida estourava em disparada, Nonato sempre elegia para perseguição um touro ou o novilho mais veloz e vigoroso, e esse gosto pelo desafio não poderia escapar à observação de Evaristo. Conferia também que a vítima quase sempre estava no chão em menos de duzentos metros de corrida e em mais trinta segundos um abominável anel lhe adornaria as narinas. Esse moço é um carcará! pensava Evaristo com fascinação, mas também com presságios. Nonato não tardou em despertar a atenção dos outros vaqueiros. Mais de uma vez, todos se calaram quando Evaristo se aproximava e ficava claro que falavam de Nonato. Ninguém ousava manifestar de forma mais eloquente sua admiração pelo novição, e comparação com o grande chefe era impensável.

Evaristo considerou o seu declínio, o peso dos anos, a ascensão de Nonato, e reconheceu que seu reinado estava chegando ao fim. Decidiu abandonar a contenda não declarada antes de ser superado. Anunciou sua decisão, dissimulando a causa, primeiro ao patrão, que tentou inutilmente dissuadi-lo, e depois aos

vaqueiros, que apenas ouviram em silêncio e consternação. Somente após isso, no cair da noite, enrolou um cigarro e disse:

– Júlia, no outro fim de semana vamos mudar para a chapada; a gente vai morar em Garapuava.

A notícia pode ter sido bem recebida, até porque a Júlia nunca agradavam os ares quentes e a água salobra do vão. Mas isso é conjectura, pois ela nada disse, nem em coisa alguma foi indagada. Evaristo recebeu uns dinheiros que lhe eram devidos e o patrão mandou que escolhesse como presente dois cavalos e dois burros “que precisará para carregar suas tralhas”. Deu-lhe ainda algum dinheiro, “coisa que também precisa para comprar uma casinha boa”. No amanhecer do sábado Evaristo subiu com Júlia as quebradas que dão acesso ao Pingo D’água, na franja da chapada. Dali, em mais três horas de cavalgada chegaram a Garapuava.

Evaristo sempre gostara de tecer seus próprios laços e peias de couro, e assim desenvolvera algum traquejo que lhe permitiria ganhar a vida como fazedor de laços, de arreios e de outros utensílios de couro. Praticava esse pacato ofício há mais de dois anos e nunca retornou ao vão. Algumas vezes reviu seus antigos companheiros, agora sob o comando de Nonato, que não raro davam uma passada em Garapuava e sempre lhe faziam uma visita. Mesmo bebendo pouco, Evaristo não dispensava ter em casa uma cachaça para servir aos amigos e lembrar os bons tempos. Cachaça e um forra-estômago de carne de sol. No final, Júlia distribuía café fresco servido em canequinhas de metal esmaltado.

O vilarejo não disfarçava o orgulho de hospedar personagem tão ilustre. Cedo se frustrou a expectativa de se ouvir da voz de próprio Evaristo alguma narrativa de suas aventuras, mas aquele jeito enigmático e caladão contribuiu mais ainda para aumentar seu fascínio. A rotina era pacata e Evaristo sofria umas saudades difusas, mas ele tinha Júlia e bastava essa presença para suavizar e preencher sua vida.

Esta narração está chegando a um ponto em que o leitor comece talvez a discernir seu intuito. Era alta noite, talvez já madrugada, quando Evaristo acordou e não sentiu a seu lado o corpo de Júlia. Não havia lamparina acesa, o que indicava que a mulher não estava em casa. Evaristo a procurou, primeiro pelo terreiro e depois na vizinhança frente à casa. Aguardou sentado num banco de prancha, na porta da rua, buscando alguma explicação para o sumiço. O sol nasceu e Júlia ainda era uma ausência incompreensível. Sucederam-se os dias e depois o tempo já era contado em semanas, e Evaristo ainda não atinava com o paradeiro da mulher. A angústia já o invadira, mas ele buscava manter um ar e um comportamento de normalidade. A uma vizinha que indagou onde andava Júlia, Evaristo disse “foi visitar uns parentes pros lados

de Cabeceiras”. Passaram-se meses, a estação das chuvas já havia terminado e a Evaristo não passou despercebido que o povo do vilarejo já o olhava de modo indagador. Não raro, esticavam conversa mais longa que o costumeiro, tentavam uma aproximação mais íntima que o delimitado pelo tratamento sucinto e impessoal que Evaristo dispensava às pessoas. Já era visível que ele perdera uns quilos e parecia um pouco pálido, e que seu semblante se turvara e parecia quase taciturno.

Um dia um tropel interrompeu-se frente à sua casa e Evaristo correu, vendo que alguém estava chegando. Era Diogo, um dos seus ex-comandados vaqueiros, que já cuidava de amarrar o cavalo na sombra do pequizeiro. Diogo era um homem maduro, um pouco mais velho que Evaristo, e por mais de quinze anos fora um dos seus vaqueiros mais confiáveis. Recebia de Evaristo o tratamento mais próximo da amizade que alguém jamais lograra, o que lhe causava grande orgulho.

– Bom dia, Diogo. Até pelo tropel se reconhece o bom cavaleiro. A que devo a prazerosa visita?

– Vim comprar uns remédios pro meu filho e aproveitei pra matar a saudade do amigo, se assim me permite chamá-lo.

– Amigo foi sempre o que te considerei. Vamos entrar. A gente toma cachaça, um café fresco e poderei ouvir as novas lá das nossas bandas.

Após alguns reticentes rodeios, Diogo aventurou:

– Como decerto é do seu conhecimento, Júlia está morando com o Nonato. Fiquei surpreso, tentando atinar por que você não a quis mais.

A resposta só veio após algum silêncio, mas foi tranqüila, quase casual.

– Tudo passa nessa vida, até o gosto de um homem por uma mulher, ou o gosto dela por ele, não se pode saber qual acabará primeiro.

Esse veio de conversa não teve prosseguimento e Diogo narrou pequenas novidades do Alto Urucua, ponteadas de “o vão não é mais como naqueles tempos, você há de lembrar”, e de nostalgias afins. Evaristo não se ligava na prosa, sua mente e seu coração estavam alheios. Ansiava-lhe ver-se livre do antigo companheiro. Este não tardou em perceber e iniciou aquele tipo de conversa que costuma antecipar uma despedida. Para dar impressão de tranquilidade, Evaristo fez uma ou duas menções atenciosas a seus antigos companheiros, pediu que desse lembrança ao Senhor Orestes. Juntou até mesmo força para completar “... ele e vocês todos estão bem servidos contando com Nonato, o melhor vaqueiro que tive a ventura de conhecer”.

Aquela notícia foi para Evaristo como um soco no estômago, e depois era como uma camisa de ferro que lhe apertasse o peito. Passou noites digerindo o fato e pensando como agir frente a ele. Numa madrugada de domingo, alimentou e arriou seu cavalo, que desde a véspera estava preso no quintal. Tudo preparado, partiu rumo ao seu destino naquela viagem por onde esta narrativa começou. Nas já mencionadas duas horas de cavalgada, sua mente esteve ocupada numa revisão de sua vida, aquele tipo de revista em que uma vida, por mais que pareça variada em detalhes, quando resumida apenas ao essencial cabe em uma hora de lembranças. Pois fora dessa essência, a lembrança – como também o olvido – é como coisa inventada. Isso já fora feito e Evaristo retornou ao exame da sua ligação com Júlia. Pela primeira vez percebeu, pelo menos com a claridade de agora, que jamais dissera a Júlia o quanto era grande o seu bem-querer. Descobriu também que, se Júlia fora por dez anos o centro da sua vida, também fora algo que ele tratava como um traste, um bem pessoal do qual se dispõe como apetece ao dono. Do comportamento de Júlia, daquele sorriso suave, da forma como ela recebia e retribuía o seu abraço, do cheiro de castanha que exalava do seu sexo, deduzia que ela o queria e que era feliz. Sabia poder ter sido melhor companheiro, mas não exatamente de que forma.

Da sua parte, fora muito feliz com Júlia. Uma frustração antes tolerável agora se expunha de forma mais sofrida. Do seu amor não resultaram filhos. Pode ter sido porque Júlia era infecunda, como ocorre com as vacas maninas, ou talvez fosse a ele que faltasse alguma substância vital. Ou poderia também ter ocorrido de seu sangue e o de Júlia não combinarem, só Deus podia dizer. Entretanto, dessas três possibilidades duas agora lhe eram desfavoráveis, e parecia-lhe provável que o ventre de Júlia viesse a ser abençoado com a maternidade. Isso lhe doía de forma particular. Doía-lhe também lembrar o ar alegre e comunicativo de Nonato e sua juventude. Era isso, imaginava, o que havia atraído o interesse e finalmente a preferência de Júlia. Nonato tinha tudo: uma reputação de vaqueiro que não se distanciava tanto da sua lenda, a alegria que ele nunca teve e a juventude que ele já perdera. Tais circunstâncias faziam dele um rival talvez invencível. Mas suas esperanças se agarravam ao fato de que o um coração de mulher esconde mistérios e que dos seus dez anos de vida com Júlia restassem marcas que sobrevivessem ao seu encantamento por Nonato, talvez uma empolgação fogo-de-palha. Não aceitava perder a esperança de reaver Júlia e seu amor.

Não por coincidência, mas por decorrência dos seus planos, Evaristo iniciou a descida das quebradas ao alvorecer. Ali daquele ponto da estrada, que de repente se tornava pedregosa, o vão lá embaixo estendia-se a perder de vista. Evaristo deixou que o cavalo

descesse lentamente o acesso ao vão e após isso ele espontaneamente retomou sua marcha repicada e firme. Em mais duas horas estava chegando ao seu antigo casebre, onde decerto Nonato devia estar vivendo com Júlia. Como era domingo, também sabia que Nonato não sairia de casa antes de ter almoçado. Atraído pelo tropel, Nonato apareceu à porta. Caminhou pelo pátio uns doze passos na direção do visitante e aguardou que ele apeasse e amarrasse o cavalo ao palanque, na sombra de um baru. Sempre previu aquela visita, com o tempo passou talvez a ansiá-la, e sabia que Evaristo seria direto e de poucas palavras.

– Vim buscar Júlia – disse de forma pausada, mas quase casual.

– Júlia é agora minha mulher e aqui vai ficar.

– Nesta manhã só lhe restará um homem, com quem irá viver, mas acho cedo para dizer que esta será sua casa.

Deu as costas a Nonato, voltou ao cavalo e desatou da garupa um bernal de couro. Olhou as árvores de folhas paradas. Por fim aproximou-se de Nonato e em silêncio entregou-lhe o bernal.

– O que é isso?

– Abre.

Nonato retirou do bernal duas facas idênticas e novas, e elas diziam por si o que propunha Evaristo, que apenas comentou:

– Uma disputa como essa só é justa se contamos com as mesmas armas.

Nonato examinou uma das facas, sentiu a acomodação do seu cabo em sua mão direita. Girou-a no ar e observou o brilho do aço nunca usado. Notou que Evaristo permanecia bem próximo à sua frente, em postura descontraída, revelando a certeza de que não seria vítima de um golpe traiçoeiro. Virou-se para trás verificando se Júlia os observava e para seu alívio não a viu. Entregou uma das facas a Evaristo, os dois se olharam por algum tempo em silêncio e depois iniciaram o duelo. Estavam ali dois homens que se respeitavam mutuamente, na verdade cada um conhecia e admirava a destreza e coragem do outro, e para ambos era claro que um deles, pelo menos, estava em vias de morrer. Estudaram-se num vagar esmiuçado, nenhum consentindo que o outro se aproximasse. Voltaram-se em torno um do outro, com avanços habilmente rechaçados. O braço de um deles gotejou. Cada qual urdia a sua estratégia. Evaristo logo percebeu a de Nonato: eles não se equivaliam em tudo, os doze anos a menos de Nonato lhe concediam resistência para uma luta mais demorada, e ele buscava cansar Evaristo num laborioso jogo de manobras a distâncias seguras. Essa constatação exaltou Evaristo, o que resultou na sua perdição. Esse moço tá me tirando pra dançar! concluiu Evaristo, que partiu desastrosamente, meio afoito, sobre Nonato e nisso sentiu a lâmina perfurando-lhe o ventre. Tombou lentamente e sua

agonia foi breve. Eram nove horas do dia dezessete de maio de 1942.

O PULO DO GATO

... por entre o da-Garapa e o da-Jibóia, ali tem três lagoas numa, com quatro cores.

Grande Sertão – Guimarães Rosa

O sol estava quase se pondo, mas Lauro também já completara a rotina de trabalho na fazenda Garapa-Jibóia. Encaminhou-se à bica d'água para um banho. Uma grossa lâmina de água, conduzida por um tronco de coqueiro buriti, despencava da altura de uns dois metros caindo sobre um lajeado de pedra. Enfiar-se debaixo daquela bica ao final de cada dia era um dos seus hábitos indispensáveis. O impacto da água lhe massageava o corpo fatigado pela lida de doze horas, com interrupções nas horas mais quentes do dia. Esfregar-se energicamente com uma bucha vegetal era necessário para retirar todas as camadas de suor e sujeira que cada dia se acumulavam em sua pele num processo sedimentar, quase geológico.

Seu cavalo baio já estava amarrado ao palanque, restava apenas botar-lhe os arreios; foi o que fez após se vestir. Calçou botinas limpas, sem usar meias. Isso lhe dava um conforto especial. As botinas de trabalho eram sempre imundas, por fora e por dentro. A terra que lhe penetrava o interior dissolvia-se no suor dos pés, criando um caldo imundo. Não colocou esporas, pois seu baio era um cavalo tão vigoroso que precisava ser contido, nunca fustigado. Lauro montou e saiu em marcha calma, saboreando o crepúsculo. O último canto dos pássaros, um ou outro ainda se recolhendo em vôo apressado. Em pouco só haveria o pio dos pássaros noturnos, que por algum motivo são mais graves que o comum. Cantam muito pouco, os pássaros da noite, e quando o fazem mais parecem estar lamentando. Muitos vêm agouro nesses sons, mas Lauro os aprecia. Fazem harmonia com as sombras, onde algum trinado soaria destoante.

A fazenda era grande, mas a sede ficava em uma das extremidades, próxima ao ribeirão Garapa. Em pouco, Lauro cruzou o Garapa por uma ponte ruidosa de madeira e saiu da fazenda. Atravessou uma capoeira alta, quase uma mata, que naquele trecho ocupava a várzea esquerda do ribeirão, subiu uma ladeira e numa encruzilhada virou à direita, tomando um trajeto paralelo ao curso d'água. Em mais dois quilômetros estava chegando ao seu destino. Era o pátio de uma fazenda. Logo ao entrar no cercado, o cavalo

farejou com interesse a grama que o cobria e Lauro decidiu deixá-lo solto para que pudesse pastar o gramado. Já era noite.

Ali moravam Ernesto, sua mulher Verônica e uma quantidade meio incontável de filhos, variando dos dez aos vinte e muitos anos. Alguns já haviam se casado e não moravam mais na casa, mas ainda restavam muitos. Tanto Ernesto como Verônica tinham uma tez ligeiramente mulata e os cabelos um pouco crespos. Mais pareciam irmãos do que marido e mulher, ambos bem formados de corpo e de rosto. Disso resultou uma produção seriada de filhos e filhas muito uniformes, todos bonitos. Era uma gente simples que vivia na pequena fazenda obtida por usucapião. Nela tinham nascido todos os filhos. Lauro gostava de visitar aquela família vez por outra, geralmente à noite, raramente em alguma manhã de domingo. Para um rapaz de dezenove anos, que morava sozinho em um casarão antigo, com assoalho de tábuas largas e rangentes, aquela casa pequena, com um piso de cimento vermelho e apinhada de gente alegre, era um local muito agradável para passar algumas horas.

Ali não se usava sequer lampião a gás, a iluminação se fazia com lamparinas de querosene. Esse tipo de luz tem um temperamento instável. Os objetos, as pessoas e até mesmo as paredes e o teto ganham intensidade oscilante quando a chama míngua ou cresce alimentada pela brisa que entra pelas janelas. As pessoas ficam mais bonitas e seus olhos alcançam um brilho singular, a ponto de parecer novas luzes. Ernesto tinha uma filha de uns dezesseis anos e seu rosto muito bonito adquiria uma cor de bronze sob a luz da chama. Sua face, o pescoço e o colo transmitiam uma impressão de ser mais quente que o comum. Ela quase nunca falava, mas raramente se arredava da sala. Ouvia Lauro muito atentamente e sorria toda vez que ele lhe dirigisse o olhar.

Nenhum daqueles filhos tinha escolaridade acima da quarta série; era a educação possível naquele ermo. Já Ernesto e Verônica, era improvável que jamais tivessem frequentado escola. Mas eram todos inteligentes, de uma vivacidade nata. Falavam com uma correção inesperada, usando termos típicos e uma linguagem que parecia se moldar com perfeição ao próprio ambiente. Houve conversa, broas de fubá e café adoçado com rapadura. Houve também um comestível de polvilho com coco ralado, sempre feito na hora e para se comer quente com café. Era uma tapioca regionalizada, influência nordestina naquele noroeste de Minas. Coco de buriti, a palmeira das veredas. Mais uma noite alegre, embora Lauro não gostasse da tapioca.

Mas o assunto encaminhou-se para um dado tema e a ele apegou-se de forma obsessiva, visguenta. Já haviam falado naquilo antes, mas naquela noite pareciam ter decidido esgotar o assunto tenebroso. O fato é que, segundo asseveravam, a casa da fazenda Garapa-Jibóia era assombrada. Lauro já ouvira isso de outras bocas,

mas nunca lhes dera crédito. O Major Norberto fora o proprietário da fazenda até havia coisa de uns vinte anos. Era um homem perverso que ainda vivia em Paracatu. Homem de pequenas, médias e enormes maldades.

– Olha do que o Major era capaz – minuciou Ernesto. – Um dia, dois cavaleiros desconhecidos deram uma parada na fazenda. Estavam de passagem, resolveram descansar um pouco e pedir informação sobre a rota da viagem. Iam para o Urucuia, seu destino final era nas cercanias de Arinos. Naquela época essa estrada de carro que corta a fazenda não existia. Nem havia aquela ponte, tinha apenas uma pinguela e um vau. O Major os recebeu muito bem, pois era homem de modos amenos no dia-a-dia banal. Causou boa impressão aos viajantes, acredito, pois era difícil alguém desgostar do Major no primeiro encontro. Foram servidos de tudo que manda a cortesia. Agradeceram a hospitalidade e tomaram a estrada; aquela estradinha velha que sobe rumo à lagoa. Já tinham ouvido do Major que após subir o declive de cerrado chegariam a uma planície e que ali, exatamente naquele alto, havia uma lagoa rasa e muito larga, de variados verdes e azuis. Lindeza de se ver e alegre de tantos pássaros. Contornassem a Lagoa pela esquerda até encontrar outra estradinha. Aí tinham de novamente virar à esquerda. Explicou tudo até à chegada ao Pingo-d'Água. Uns dez minutos depois, um vaqueiro puxa-saco veio falar com o Major. Homem pra lá de mau também aquele, pois era certo que o Major não ia relevar o ocorrido. Contou que, enquanto os homens reapertavam os arreios dos cavalos, comentaram entre si que o café do Major estava com pouco doce. O Major pensou por alguns segundos, lançou os olhos rumo ao cerrado esconso depois da campina e ordenou que três homens fossem trazer de volta os dois atrevidos. Não falassem nada, nem mostrassem armas sem precisão, deviam só dizer que o Major os queria ver de novo. Os dois homens chegaram sem preocupações visíveis, apenas intrigados com aquele interesse. Quase alegres. Foram convidados a entrar, muito cortesmente, pelo próprio Major: era homem do mais afável trato. Sobre a mesa da sala tinha duas rapaduras, sobre cada uma estava uma faca. O Major disse que a cozinheira tinha incorrido na falta de coar um café impróprio, e era preciso remediar tal grosseria. Bastava que cada um comesse uma rapadura para tirar o amargo do café. Quanto ao mais só lhe cabia pedir sinceras desculpas. Foi aí que os homens se assustaram. Tiveram de comer as rapaduras, cada uma tinha coisa de um quilo ou até mais. Compadre Nicanor me contou, por ter presenciado. Conseguiu licença do Major para servir muita água, pois os homens já não conseguiam engolir a rapadura.

– Que maldade mesquinha!

– Sim, ele era homem de variadas pequenas maldades. Minuciosas. Na medida exata da ofensa cometida. Medida sempre

ajuizada pela sua cabeça malvada. Às vezes era medonho. Mandou matar muitos homens, no geral de forma lenta: saboreável. A pior morte foi a do Baiano, um ex-vaqueiro dele. Saiu da fazenda e ficou por aí falando mal do Major. Foi pego pelos próprios ex-colegas e trazido de volta à fazenda. O Major mandou que o amarrassem naquele embiruço que ainda tem lá no pátio. Foi atormentado até à morte, o corpo todo marcado a ferros, como gado. Morreu numa sexta-feira. Em algumas sextas, no tarde da noite, fica andando pela casa, seus passos ressoando o assoalho e as esporas tilintando ao tocar as tábuas. Ninguém o vê, mas todos que já ouviram isso reconhecem o andar do Baiano. Um homão do passo pesado, as tábuas até gemem.

– Tem também aquela luz que vagueia pela casa – disse Verônica. – É como uma lamparina que alguém carregasse pelos cômodos. Mas só tem a luz, parece estar brotando do ar. Também tem um motivo, aquela luz, mas só de lembrar me dá uma ruindade. Não conto e rogo que não contem – disse se benzendo.

As conversas persistiram, Ernesto contando os casos e Verônica os completando, às vezes retocando alguma imperfeição: cerzindo. Os dois meninos mais novos deram de queixar o medo que haviam de ter naquela noite. Juntariam as camas para dormir com os irmãos mais velhos.

– Lauro, pelas redondezas comentam a sua imprudência em morar sozinho naquela casa. Você não ignora que é benquisto aqui na região do Garapa. Trabalha como um peão, sabemos que nem carece. Eu tenho e revelo orgulho da sua amizade, principalmente do gosto que você demonstra em visitar essa casa humilde. Você não deve passar dos vinte anos, mas sua conversa parece a de um homem de trinta. Alguns falam que você é ateu. Cada um tem a sua fé, ou não tem nenhuma. Essas histórias do que acontece naquele casarão irão lhe parecer pura bobice. Ilusão, corriqueiro mal interpretado. Talvez invencionice. Mas não é nada disso. De presença, confesso que nunca testemunhei coisa alguma, mas muito ouvi de pessoas evoluídas e que não mentem. Deus tem te protegido contra essas assombrações. Mesmo não crendo Nele, você recebeu a graça da Sua proteção. Mas é um perigo. É preciso que arranje algum empregado solteiro que lhe faça companhia.

– Mas esses fantasmas, senhor Ernesto, fisicamente eles nada fazem contra ninguém. Não é assim?

– Exato, é isso mesmo que se diz, mas se aparecem para alguém sozinho ele pode até morrer de medo. Ou ficar muito doente. Fantasma é muito perigoso. O Valdivino, lá do Campinho, não sei se o conhece, o seu filho ficou variado por ter visto uma má assombração. Começou a ver coisas que não existem. Ouve vozes

quando todo mundo só tá ouvindo silêncio. Assombrado para sempre, mesmo na frente de todos. Os médicos explicam que virou esquizofrênico. Moço inteligente, quando muito há de ter a sua idade. Todo caso que conheço é assim, fantasma sempre ataca é a cabeça.

Lauro finalmente conseguiu desviar o rumo da conversa. Mas teve longa relutância em ir embora. Estava com medo e não tinha humildade para confessar. Foi ficando tarde, os meninos já estavam cochilando debruçados na mesa, mas não arredariam pé da sala. A conversa foi minguando.

Lauro despediu-se, pegando na mão de cada um que estava acordado, recolocou as rédeas no cavalo e tomou a estrada. A noite era clara, a lua minguante já meio alta no lado do nascente. Aquelas histórias o haviam amedrontado outras vezes, mas naquela noite os detalhes haviam sido mais pavorosos. O medo agora era muito intenso e nenhuma racionalidade estava sendo capaz de aplacá-lo. Respirou com lentidão e profundidade, o que lhe valeu algum relaxamento, mas o medo permanecia irreduzível, só um pouco menos alvoroçado.

Atravessar a capoeira na várzea do Garapa já pareceu um desafio próximo ao limite das suas forças. A estradinha, coberta de areia fina, ao receber a luz da lua fazia um bonito contraste com a sombra da mata. Porém, aquela beleza tinha um aspecto tenebroso. Um grande pássaro noturno assustou-se com o tropel e levantou vôo de uma árvore margeando a estrada. Era um urutau, reconheceu Lauro. *Segundo as crendices, é ave de péssimo agouro*, lembrou-se com angústia. O urutau, logo se viu, acabou pousando um pouco adiante e mais uma vez levantou vôo quando o cavalo aproximou-se. Desta vez soltou um grito lúgubre que se superpôs ao farfalhar das ramas e ao bater das suas asas. Sons que mais realçaram o silêncio que os seguiu. Lauro passou a ouvir o próprio coração. Tentou distrair-se com o tropel ritmado do cavalo, que parecia marcar o compasso da sua palpitação. Já estava quase alcançando o fim da mata. Ali, de novo, o urutau alçou vôo. Desta vez ele pareceu ameaçador. Voou rumo à ponte, mas retornou e parou batendo asas no alto, sobre a cabeça de Lauro. Deu três gritos dilacerados, adejou por mais uns instantes e finalmente voou sobre a estrada às costas de Lauro. Este se virou e ainda viu a ave pardo-amarelada rebrilhar a luz da lua. O rapaz sentiu arrepiar todo o corpo. Aquilo pareceu simbólico, adquiriu a dimensão de um presságio. Algo irremediável devia estar prestes a ocorrer.

Quando o urutau adeja sobre uma casa e solta três pios, ali vai morrer uma pessoa. É o que dizem. O bicho me esperou três vezes, sempre pousado numa galha lançada sobre o meu caminho. Sua

mensagem foi crescendo de eloquência e finalmente exibiu o pleno signo da morte.

Lauro perdeu a capacidade de ação e deixou-se levar pelo cavalo. Aliviou-se um pouco ao atravessar a ponte e ver-se de novo no descampado. Respirou fundo mais algumas vezes, o que abrandou sua taquicardia. Aquelas cenas voltaram-lhe à memória, mas agora sua racionalidade tentava impor-lhes outra lógica.

É uma ave de rapina, estava na espreita: um rato, um lagarto notívago, uma pequena serpente. Ao tentar cruzar a estrada, um bichinho desses é presa muito fácil. Assustou-se comigo e fugiu. Ela não teme um cavalo, mas teme um homem. É natural que buscasse outro ponto à margem da estrada, não às minhas costas, mas à minha frente, pois aquela era a sua direção de fuga. Tudo se repetiu até que ela se viu no limite da mata. Fugiu então rumo ao descampado, mas acabou voltando. Parou sobre mim para expressar sua ira. Ave de rapina é raivosa. Aquela mata é sua morada, eu era um invasor. Pairar no ar é um hábito das aves caçadoras. Fazem isso enquanto aguardam o momento preciso de mergulhar rumo à presa.

Lauro pareceu satisfeito com a nova interpretação dos fatos.

As coisas sempre têm uma explicação perfeitamente natural. Entretanto, sem atinar com elas as pessoas apelam para a mistificação. Certamente isso também se aplica aos fenômenos que dizem ocorrer naquela casa.

Essas ponderações, todavia, operavam apenas ao nível da razão. Sua mente lúcida ocupava um corpo dominado por um medo aterrador. Lauro era dois; mente e corpo não chegavam a um acordo. Buscou refúgio na contemplação do entorno da estrada. O suave aclave após a ponte. Do lado esquerdo algumas mangueiras enormes misturadas a palmeiras antigas e muito altas, num ponto onde havia resquícios de um casarão. Do lado direito, a paisagem dominada por um conjunto disperso de paus-d'óleo de tamanhos variados, com a copa em forma de domo, típica dessa árvore. Tudo cotidiano e calmo, inexplicavelmente calmo. Saiu da estrada principal virando à direita e trezentos metros adiante entrou no pátio da fazenda. Desceu do cavalo e abriu a pesada porta de cedro que dava para uma sala. Não relutou, isso apenas aumentaria o medo. Logo à direita ficava seu quarto, que tinha uma janela voltada para o pátio. Abriu a janela e depois outra que dava para o lado da casa. Voltou ao pátio e acendeu um cigarro. Sentia vontade de dormir ali fora. Bastava colocar o colchão sobre o gramado aparado baixo pelos cavalos. Mas isso seria um grave precedente, pois o medo acabaria dominando-o para sempre. Tirou a cela do cavalo e a pendurou ali mesmo, na cabeça adiamantada de um palanque.

Decidiu deixar o cavalo dormir preso no pátio para lhe fazer companhia. Não queria ficar inteiramente só e sentia afeição por aquele animal magnífico, seu único luxo. O rego d'água que alimentava a bica atravessava o pátio, o cavalo foi direto saciar a sede. Dirigiu-se depois à cancela que dava para um pastinho de cavalos e bezerras, mas viu que ela estava fechada. Permaneceu parado voltado para a cancela, parecendo ter a expectativa de que seu dono logo viesse corrigir aquele equívoco. Cavalo sempre sabe quando sua jornada se encerrou, e aquela porteira devia estar aberta.

Lauro terminou o cigarro e dirigiu-se ao quarto. Estava decidido a enfrentar o medo. Achou, entretanto, melhor deixar abertas as janelas. A lua ascendia para o meio do céu e tornava a noite ainda mais clara. Sua cama ficava sob a janela que dava para o pátio. Deitou-se, sem tirar a roupa, e ficou tentando conciliar o sono. O cavalo tinha desistido de esperar e estava pastando no pátio. Podia-se ouvir o ruído da grama sendo rasgada pelos seus dentes. *Cavalo é bicho que quase nunca dorme, come esparsamente por quase por toda a noite*, pensou Lauro. *Ainda bem*. Atinou ter se esquecido de jogar uma água no lombo do cavalo. Nunca soltava aquele baio sem lavar-lhe o suor do dorso. Um balde d'água, uma escovada e finalmente uma enxaguada, para deixar o animal confortável e sadio. Lamentou-se. Cerrou os olhos na busca do sono, deitado de costas. A dificuldade era tirar do pensamento aquelas histórias. A voz de Ernesto ainda ecoava nos seus ouvidos. A explicação do comportamento do urutau não lograra convencer a química do seu corpo. Mas em pouco haveria de se acalmar. Respirou fundo e com lentidão. A água da bica caindo sobre o piso de pedra produzia um som apaziguador. Outras vezes Lauro vencera o medo.

Mas aconteceu de repente. Algo assombroso saltou sobre o seu peito. Lauro sentou-se enquanto soltava um grito pavoroso. O gato também miou esganiçado com enorme susto e saiu em disparada. Sua corrida ainda podia ser ouvida enquanto ele cruzava o pátio. Lauro inundou-se de suor, o coração querendo sair pela boca. Foi para o pátio, bebeu água do rego. Lavou o rosto e os braços na água já bastante fria. Aproximou-se do cavalo e ele parou de pastar, como se esperasse um afago. Farejou o corpo do dono, parecendo ter notado um cheiro inusitado. O cheiro do medo, reconheceu Lauro, os animais o percebem facilmente.

Lauro não teve coragem para retornar ao interior da casa. Debaixo da sua janela havia uma pequena pilha de telhas. Fora através dela que o gato acessara a janela alta e dali saltara sobre o seu corpo. Lauro subiu nas telhas e debruçou-se sobre a janela. Com isso conseguiu puxar o colchão e os seus complementos.

Arrumou a cama sobre o gramado, bem no centro do pátio. Conferia as horas pela posição da lua e só dormiu quando era quase o amanhecer. Um de seus empregados teve de fazer-lhe companhia naquela casa por mais de trinta dias.

CHUMBO NÃO-TROCADO

Naquele domingo Felisberto tinha de ver uns porcos. Seu compadre Betinho era o melhor criador da região e estava com três ninhadas de leitões desmamados para vender. Ainda não eram sete da manhã e seu cavalo já estava amarrado à sombra do pau-ferro, preparado e impaciente para sair. Felisberto tinha seu fusca, por sinal em bom estado, mas estava sem pressa e preferiu aproveitar o tempo fresco para também dar uma cavalgada. Deu uma conferida no tempo, no céu sem nuvens, pegou o chapéu, fez um último ajuste nos arreios e tomou a estrada. Em coisa de uma hora estava chegando ao seu destino, a fazendinha do compadre. A casa e o pequeno conjunto de instalações podiam ser vistos logo que a estrada invertia o declive, passando a dar vertente para o Córregoda-Mata-da-Pedra-da-Onça – esse nome longo que enfileirava evocações.

Felisberto admirava o capricho de Betinho. A casa branca com janelas azuis, o pequeno curral com todos os moirões pintados de branco, a ceva de porcos e um pequeno pomar. Era início de abril e as laranjeiras estavam carregadas, as mexericas poncãs já começando a amarelar. Um canavial fazendo divisa com um piquete de capim napier para corte, uma pequena horta. Aquilo ficava a uns quatrocentos metros, num declive suave, de onde Felisberto se encontrava, junto à porteira também pintada de branco que abria o acesso à pequena, mas cuidada fazenda. Passada a porteira tipo cancela, a estrada interna era reta e ladeada de pastagens de pisoteio. Do lado direito havia braquiarão e do outro capim tanzânia. Tudo em piquetes com cerca elétrica móvel, e muito verde. Em um dos piquetes estava todo o gado, umas cinquenta vacas girolando, bezerros, novilhada de sobre-ano, um touro gir e outro holandês. Todo o gado exalava saúde de seu pelo brilhante. Os cheiros do gado e do capim tosado e macerado pelo pisoteio se combinavam de forma agradável. Felisberto parou um pouco para revistar as reses e alegrou-se em ver uns bezerros saciados brincarem de correr volteando suas mães. Três dias em cada piquete, era a norma rígida de Betinho, e podia-se perceber que no dia seguinte o gado passaria para o piquete em frente, de braquiarão. Alternar o tipo de capim era bom para a saúde do gado. A casa ficava no final do declive, pouco antes de se iniciar a várzea plana do córrego. Um milharal já seco, no ponto de colheita, ocupava metade da planície.

Na outra metade, o milharal tinha sido cortado para silagem enquanto ainda verde. *Como é caprichoso o compadre*, refletiu Felisberto enquanto corria mais uma vez os olhos por toda a terra. Ele gosta de se dizer moderno, de adepto da técnica, às vezes dá uma de superior a todos nós da vizinhança. Mas é realmente sabido, aquele velhaco.

Amarrou o cavalo sob um jatobá no pequeno pátio gramado e reparou em volta. Não havia barulho de gente. Alguns pássaros ainda cantavam, mas já não era aquela festa dos dois crepúsculos, o do dia e o da noite. Um casal de sanhaços voou rasante rumo ao pomar, e de lá também se ouvia alguns sabiás piando. *Em abril os sabiás nunca cantam, apenas repetem esse pio um tanto impaciente. Mas se não há alguma outra fruta no pomar, as poncãs já devem estar docinhas.* Conferiu que a casa estava deserta. *Espero um pouco, devem ter ido à missa na capela da escola.* Entrou no pomar, escolheu três mexericas e desceu rumo à pocilga. Conferiu o asseio, o piso cimentado que havia sido lavado naquela manhã. Em pequenos compartimentos separados havia duas porcas amamentando leitões, em um cercado um pouco maior havia umas três dezenas de porcos já em fase de acabamento. Um pouco mais abaixo, uma dezena de porcas matrizes sem leitões e dois cachaços. Finalmente, no último compartimento, uma leitoada aparentando uns dois meses. Correu os olhos nos animais. *São vinte e seis, devem ser as três barrigadas postas à venda.* Conferiu um por um, mas alguns estavam deitados e Felisberto entrou no compartimento para fazê-los levantar. Nenhum mancava, todos estavam espertos e alertas. Pegou um pela perna traseira e o bichinho iniciou imediatamente aquele angustiado grunhido de leitão ao ver-se preso, enquanto se debatia energicamente na tentativa de desvencilhar-se. Retornou ao pátio da casa. Ali havia um tanque com torneira, onde lavou as mãos. *Vamos ver como estão estas mexericas; não tardará que retornem.*

Em um quarto de hora ou pouco mais, avistou a comadre Romana descendo o corredor entre as pastagens. Vinha a pé. Quando ela fechou a cancela do pátio e se virou para o rumo da casa, viu Felisberto caminhando ao seu encontro. Ao cumprimentar a comadre, ele confirmou o que estivera reparando desde que Romana se aproximava do pátio: ela estava muito bonita, em um vestido cor de pêssego. Os cabelos escuros e brilhantes mal atingiam a altura dos ombros. Um ornamento dourado com três pedrinhas verdes prendia seu cabelo de um dos lados, dando-lhe um caimento assimétrico. Usava uma pintura suave; um pouquinho de batom e alguma coisa para realçar o rosado da face. Ao dar um cauteloso abraço na comadre, Felisberto também sentiu um perfume indecifrável, discreto: delicioso.

– Bom dia, comadre. Cadê o compadre?

– Teve de dar um pulo à cidade. Deu disenteria num bezerro ontem à tarde, foi procurar um antibiótico. Ia também aproveitar para tentar falar com algumas pessoas. Mas volta a tempo para o almoço, foi o que disse. No máximo, se atrasa um pouco.

– Soube que ele tem uns leitões para vender e me interessei. Mas ele não volta em menos de três horas, volto outro dia.

– Não compadre, eu lhe mostro os leitões. Mas deixa eu me refazer do calor da caminhada. Vamos lá na cozinha, vou coar um café fresco para nós.

Romana indicou a Felisberto uma cadeira com assento e encosto de tiras de couro:

– Senta, compadre.

Virou-lhe as costas e foi cuidar do café. Água no fogo, pó de café no coador, xícaras e pires etc. Felisberto não pôde evitar ficar examinando Romana pelas costas. O vestido de alças deixava a nu os ombros. Os cabelos brilhantes e a pele suavemente dourada, em parte frutos do ar puro e do banho em água sem cloro. As costas ligeiramente convexas, quase planas, afunilando-se corretamente na cintura. Felisberto foi descendo os olhos e mais ainda aquele corpo mostrava formas que acendiam seus instintos. Romana falava, ainda de costas, movimentando levemente o corpo e gesticulando.

– Este está sendo um ano bom, choveu bastante e há muito pasto para o outono, as vacas estão produzindo mais leite. Betinho quer aproveitar os rendimentos para comprar dois touros importados da Holanda, talvez também umas vacas holandesas P.O. Temos silagem de milho, napier e camerum, vai haver muito leite no inverno e na primavera, quando o preço fica melhor.

Depois se voltou para Felisberto, e seu rosto espelhava a satisfação das próprias palavras. Continuou falando, contando dos planos, da idéia de em alguns anos irrigarem toda a várzea, e seu sorriso era muito feliz. Mas ela falava de umas coisas, Felisberto pensava em outras. *Tudo desse compadre Betinho é mais caprichado, até a mulher. Não que eu tenha o que lamentar da Clara, mas essa Romana não é desse mundo... E eles já estão casados há pelo menos uns seis anos, mas não têm filhos. Será coisa planejada ou alguma deficiência? Vou perguntar para a Clara, as mulheres sempre sabem de tudo.* Interrompeu Romana e disse:

– Comadre, você está muito bonita.

– Seus olhos, compadre, mas estou feliz com a vida, isso sempre ajuda um pouco.

Tomaram café, Romana disse que na volta faria uma limonada de fruta fresquinha e desceram rumo à pocilga. No caminho ficava o pomar e passaram ao lado de duas goiabeiras. Era final da safra de goiabas e os poucos frutos que restavam nas árvores estavam quase todos maduros, muitos parcialmente comidos por passarinhos. Felisberto descobriu o que estava atraindo os sabiás e

sanhaços. O cheiro das goiabas também o fez lembrar-se do perfume de Romana, que conseguia sentir ao caminhar ao seu lado.

– Cheiro gostoso, esse das goiabas.

– Anrã.

– Romana, esse seu perfume, eu nunca vi igual, o que é?

A mulher estranhou ele dizer seu nome, e não simplesmente comadre, mas não deu importância ao fato.

– Ah, compadre, eu misturo uma lasquinha de pau-de-bálsamo e outra de canela em uma loção de alfazema, dá esse cheiro depois de descansar uns dias.

– Até seu perfume é especial, Romana. Parece ser exalado pelo seu próprio corpo.

– Você hoje está muito cordial, compadre. Galante desta forma, deve estar deixando a Clara muito feliz. Uma cigana me ensinou, eu também havia me deliciado com o cheiro dela. Darei a receita à comadre.

Chegaram à pocilga, e Romana foi direto ao lote dos vinte e seis leitões.

– Não são uma graça, compadre?

– Com certeza, não estão nada maus. Você e o compadre entendem dessas coisas como ninguém. Quantos são, afinal?

– Vinte e seis. Em dois meses estão com o triplo do peso e no ponto de abate. Betinho os vende pela balança, o preço por quilo apenas vinte por cento acima do cobrado por porcos já acabados para matadouro. Está muito barato, mas isso é bom para que se venda rápido. Precisamos do dinheiro. Em quinze dias venderemos também trinta e dois porcos para abate. Betinho está com urgência em trocar o trator, estamos juntando todo tipo de dinheirinho.

– Você dá notícia de tudo. Pode-se dizer que também é uma ótima fazendeira.

– Ah, eu gosto, acho que sou como o Betinho. Também, sem ajuda da mulher hoje em dia nenhum marido consegue aprumar.

Ficaram um pouco olhando os leitões, mas já começava a fazer calor e a maioria deles estava deitada à sombra. Romana esperou que o compadre entrasse no compartimento para colocá-los de pé. Isso é importante para uma melhor avaliação: mostra a estrutura da carcaça e o vigor dos animais, revela que nenhum é portador de defeito. Resolveu ela mesma atizar os leitões. Subiu dois degraus das réguas de tábuas e trespassou a perna esquerda horizontalmente sobre a cerca. Isso expôs mais da metade de sua coxa. O torneamento perfeito, a mesma pele acetinada, a fina penugem brilhante nas pernas nunca depiladas. Num impulso, Felisberto colocou a mão direita sobre a coxa de Romana, apertando-a suavemente. Ela olhou para ele indignada e sua voz foi um misto de susto e indignação.

– Compadre, o que é isso? Não estou entendendo, você e o Betinho sempre foram amigos, a Clara é minha melhor amiga. A confiança que o Betinho tem em você. Perdeu a cabeça, compadre? Estou com medo de ficar aqui sozinha com você. Vai embora, não fale mais comigo longe do Betinho ou da Clara. Ah, como ele ia reagir se soubesse disso, meu Deus?

Felisberto ficou rubro. Permaneceu por segundos sem saber o que dizer e finalmente saiu precipitadamente, dizendo:

– Lamento, comadre, que vergonha, foi um impulso. Não conte ao Betinho, não vai acontecer de novo. A comadre me perdoe.

Montou seu cavalo e subiu rapidamente o aclive que dava à porteira da fazendinha. Cavalgava preocupado, quase atordoado. *Ela vai acabar falando pro compadre.* Já se aproximava de sua propriedade quando surgiu na estrada, vindo em seu rumo, a pick-up do Betinho. O veículo parou, Betinho desceu e foi ao encontro do amigo e compadre. Seu jeito, como sempre, era alegre e descontraído. Quem conversasse com ele não seria capaz de imaginar seu esmero e dedicação ao trabalho.

– Que cara é essa, compadre. Se alguém te amolou, ganhou dois ofendidos.

– Ninguém ofendeu nem amolou, compadre, apenas ando com preocupações e hoje me bateu uma dor de cabeça. Estou vindo da sua casa, a comadre me mostrou os leitões que estão à venda. Não pude te esperar, a previsão era de que você não chegasse antes do meio-dia.

– De fato era. Gostou dos leitões? Com certeza a Romana falou do preço. Não posso dar prazo porque preciso do dinheiro, caso contrário eu mesmo lhes daria o acabamento até o ponto de abate. Mas o preço é muito bom. Tomaram todas as vacinas, você me conhece. Mas por que não pega a Clara e os meninos e vai com eles almoçar conosco? De carro é questão de minutos.

– Fica pra outro dia compadre, a Clara já deve estar com o almoço encaminhado, quase pronto. Menino, você sabe, a barriguinha deles reclama mais cedo. Quanto aos leitões, são bons e o preço a gente discute. Vou pensar antes de fazer uma proposta. Tenho de contar meus trocados.

– Estou vendo que você levou um bernal e não o encheu de mexerica. Deve estar mesmo preocupado para ter esquecido as suas poncãs! Mas a Romana, ela havia de ter-lhe lembrado. E também, não esse bernalzinho, devia ter-lhe dado uma boa sacola para trazer as mexericas. Como vão a Clara e os meninos?

– Estão bem, todos vão bem. Bom,... Ou melhor, lamentavelmente... Compadre Betinho... Acho que preciso lhe dizer... Bem, aconteceu algo impensável, o seguinte... Cheguei na sua casa, a comadre estava chegando da missa toda arrumadinha. Ela é uma mulher bonita e eu falei isso pra ela. Mas parece que ela se confundiu e achou que eu estava me engraçando com ela. Ou

melhor, para confessar a verdade, ela acabou se engraçando comigo. Falei da nossa amizade, da sua confiança em mim. É uma situação embaraçosa, muito chata, acho que é um desses cinco minutos de bobeira que às vezes pode dar em qualquer um. Uma mulher direita, isso ninguém questiona... Não sei mais o que dizer, compadre.

Betinho pensou algum tempo, tirou o chapéu e coçou a cabeça. Surpreendentemente, não teve qualquer reação intempestiva, nem sequer fortemente emocional. Parecia intrigado, surpreso, isso era o máximo que se poderia dizer. Acabou dando um sorriso meio desconcertado, antes de responder.

– Compadre, não se deve dar uma dimensão exagerada a esse fato. É a modernidade, as mulheres agora se permitem certas liberalidades que sempre pertenceram a nós homens. A televisão, as novelas. Você pode ver, mulher agora quer viver novas experiências. Ter um marido que ama e que a ama nem sempre preenche todas as suas fantasias. Olha, vou lhe contar. Último novembro fui à sua casa, você estava fora, os meninos estavam na escola. Comadre Clara me fez um café, depois disse que havia um pé de jabuticabas carregadinho, me levou para o pomar. Estávamos lá chupando as frutinhas, certa hora ela resolveu subir no pé para alcançar as frutas de cima. Ficou em pé sobre uma galha a mais de um metro do chão. Acabei comentando sobre as pernas muito bonitas que ela tem. Você sabe, compadre, mulher muitas vezes confunde elogio com cantada. Da mesma forma que a Romana, achou que eu estava me engraçando com ela e manifestou claramente que havia gostado.

– Sim, entendo, compadre, mas você também agiu como eu. Considerou nossa amizade, a frequente fraqueza das mulheres.

– Ah, compadre, lamento, mas não tive sua força de vontade.

– Uai compadre, explica melhor!

– Acabou acontecendo. Eu também fraquejei. Mas entenda, esse é o mundo moderno. A Clara te ama mais do que nunca. Extravasou sua fantasia, apenas isso... Foi bom ter ficado meio em família.

Ermelino queria vender uns bois, coisa de meia centena, e anunciou na vizinhança. Dias depois, bem cedinho, apareceu na fazenda Teotônio, seu compadre e velho amigo. Vinha pelo negócio dos bois, mas para derrubar o preço era preciso voltar a conversa. Cumprimentou o amigo e foi logo dizendo:

– Tenho uns poucos bois para venda e não quis falar com ninguém sem antes indagar se ao compadre Ermelino não interessava dar uma olhada.

– Vendendo bois, compadre Teo? O tempo tá mais é para comprar. Ano bom de chuva tá esse, nem é não? A chuva veio cedo, início de setembro, e nada de bruegas, quase só água firme. Flor de pau-d’arco este ano caiu no barro, há quanto tempo a gente não vê isso? O capim meloso já tá refeito, nas queimadas de jaraguá a brotação está a mais de palmo. Pasto vai sobrar e logo-logo todo mundo vai tá catando gado pra comprar onde se tenha notícia. Não fossem uns meus apertos eu estaria comprando gado. Bois, novilhas e bezerrada.

Aquilo é que era impasse! O comprador se apresenta vendendo e o vendedor lamenta não poder comprar. Todavia, nada que estivesse acima da competência daqueles dois escolados velhacos. Cada um sabia que o outro estava mentindo e, mais que isso, também sabia que o outro sabia estar ouvindo mentira. Coisa de menos, quase corriqueira naquela confraria onde a palavra era em primeiro lugar um instrumento para dissimular o pensamento. Pra se destecer aquele imbróglio havia de se gastar algum tempo, mas ninguém estava com pressa. Tomavam-se algumas coadas de café, comiam-se umas cestinhas de pão de queijo, conversava-se tortuosamente, e cada um buscava desatar aquele nó ao seu jeito. E, principalmente, a seu favor.

No fim, Ermelino foi capaz de convencer o compadre Teo a comprar bois, não a vender, e depois expor razões especialíssimas pelas quais se via obrigado a vender uns bois em momento tão pouco indicado. Teotônio se declarou impressionado com a visão

dos negócios que o compadre demonstrava. Estava, disse, também passando por uns apertos, mas como tinha recebido oferta de comprador por umas vacas, se o amigo lhe desse um pequeno prazo, quem sabe ele dava uma olhada nos seus bois. Olhou-se, regateou-se, contou-se e conferiu-se, e fechou-se o negócio. Tomou-se um último café fresco e Teotônio partiu em seu jipe. Achava que poderia ter obtido mais algum abatimento, mas não queria mais pensar naquilo. Sua preocupação era agora chegar à fazenda do amigo Horácio a tempo para o almoço. Pelo que lhe haviam dito, este também estava vendendo umas vacas e não custava ver se ainda hoje fazia outro bom negócio.

O PI NO OFICIAL E NO PARALELO

Era uma mata na enorme várzea do Rio Preto, não distante de onde ele paga seus tributos de água e lama ao Paracatu, que mais abaixo verte no São Francisco. As árvores expunham-se colunares à cobiça de um madeireiro: aroeiras, angicos, perobas, copaíbas, vinháticos, imburanas, jatobás, cedros, tamboris, o raro pau-ferro, o raríssimo bálsamo, jequitibás do branco e do vermelho, ipês roxos e amarelos. O madeireiro e seu ajudante, um rapaz magricelo que operava, não sem alguma solenidade, uma trena tesa capaz de projetar-se no ar até o ápice do tronco das árvores. Media o comprimento dos troncos, media seu diâmetro a uma altura acima da sua cabeça onde as mãos alcançassem e ditava os números a seu patrão. Mas foi este último quem chamou minha atenção: mostra todos os sintomas de um capiau que pouco havia saído daquela solidão onde algumas matas ainda assoberbavam a planície, aqui e ali interrompida por alguma pedreira de dolomita. Mas no bolso da camisa traz uma caderneta onde registra os dados de cada árvore, após puxar uma calculadora eletrônica e dedilhar uns cálculos. Passa um giz no tronco para que a mesma árvore não se repita no censo e faz uma vistoria na árvore seguinte. Estava obviamente calculando o volume de cada tronco e não é de estranhar que me surpreendesse sua capacidade para realizar o cálculo. Aproximei-me do matuto e declarei minha admiração pela sua competência:

– Nunca cheguei a entender como é que se mede o volume de um tronco. Difícil esse seu ofício.

– Cubar madeira? Olhar moço, num é tão custoso assim.

– Poderia me explicar? Mas com paciência, tem de esmiuçar o negócio do começo.

– É uma satisfação, moço. No primeiro pau eu lhe mostro. Lá na escola não ensinam isso, já me contaram.

O próximo foi um ipê amarelo, o apreciado pau d'arco amarelo. A melhor tábua para assoalho ou cerca de curral. Uma árvore magnífica que não voltaria a ostentar flores. O ajudante ditou as medidas: altura, seis metro e meio; diâmetro, setenta centímetro. Notei que o rapaz media a altura a partir de uns três palmos do chão, onde deveria começar o chanfrado do corte. Achei interessante a forma como o diâmetro era medido. Um dispositivo de madeira na forma de H, em que uma das pernas podia correr ao longo de uma haste que era o travessão da letra, fechava-se apertando o tronco, e

o rapaz media a separação entre as pernas do H. Uma variação rústica do paquímetro, pensei comigo.

– Espia aqui, seu moço. O diâmet'ro deu setenta. Deve ter dado ao menos setenta e cinco, mas tem dar um desconto, pois ninguém tá aqui pra comprar casca de pau. Aí eu tenho que escrever zero vírg'la setenta, – e me mostrou a calculadora onde acabara de digitar 0,70.

– Agora eu multiplico esse número é por ele mesmo. Entendeu? Multiplico o diâmet'ro de novo pelo diâmet'ro.

Multiplicou e me mostrou: 0,49.

– Mas tenho que dividi esse quarenta e nove por quatro. Pra mor de quê esse quatro, eu acho que num sei não. Olha o que deu – e me mostrou o número 0,1225.

– Agora eu tenho de multiplicar pela altura, que é seis e meio.

Multiplicou e me mostrou: 0,79625.

– Espia aí, deu zero vírg'la sete nove seis dois cinco. Bem, a ciência vem é agora. Eu tenho de multiplicar por um núm'ro estrangeiro, que descobriro ser quem toma conta do roliço do pau e que chamaram de pi. Invenção meio nova, é por isso que ainda num tá nos livro de escola. Olha aqui.

Olhei a calculadora e vi escrito: 3,14.

– Esse núm'ro pi, treis vírg'la catorze, é matemática que pôca cabeça tem tino pra entender. Mas o que eu faço, vou ser muito honesto e sincero, é usar treis pra comprar e quatro pra vender.

Fala isso enquanto já apaga o número. Escreve 3 e multiplica, obtendo 2,38875. Na caderneta anota: Pau d'arco reto sem defeito – 2,3 metro.

OITO BOIS MALHADOS

A história teria ocorrido nos anos 40. Quem me contou disse tê-la ouvido do próprio Gervásio, mais de vinte anos depois. Escutei-a também uns tempos mais tarde, desta vez em uma mesa de bar, naquela mesma cidade de Dores do Indaiá. Essencialmente o mesmo fato, com compreensíveis pequenas divergências. Narro-a em uma forma mais resumida que não discorda de nenhuma das duas variações. A linguagem, cujos detalhes obviamente já são inatingíveis, uso-a de uma forma livre.

Gumercindo morava em sua fazenda com mulher e filhos. Com a ajuda dos dois filhos já rapazes, cuidava das suas terras. Pastagens, gado gir meio-sangue, plantação de mandioca, arroz e milho consorciado com feijão, e uma boa porcada piau. A filosofia tipo de tudo um pouco. Um dos seus orgulhos era uma tralha de bois carreiros. Quatro juntas de bois malhados vermelho-e-branco – bois mouros, como se dizia naquele tempo – todos eles perfeitamente aparelhados, quase indistinguíveis. Quando Gumercindo passava com seu carro de boi puxado por aqueles animais, não havia quem não parasse para admirar. Mantinha-os em um pastinho especial, sempre muito limpo por prevenção contra cobras, suplementava sua alimentação com milho e cana picada, mantinha-os livres de bernes e carrapatos. Não os venderia por preço algum, desdenhava ofertas generosas de toda a vizinhança. Gervásio, seu compadre, cobiçava os bois, talvez invejasse aquele luxo.

Gumercindo morreu de maneira súbita, problema do coração. Uma semana depois, Firmino, seu filho mais velho, apareceu na fazenda do Gervásio.

– Seu Gervásio, pouco antes de morrer meu pai lhe vendeu uns novilhos. Ocorre que eu não soube bem os detalhes. O senhor foi com ele para o pasto ver o gado, quando voltaram o senhor fez um cheque de banco. Mas eu estava de saída pra cidade, acabei não me inteirando das coisas. Nem sei quantos novilhos lhe foram vendidos. Imagino que o senhor ainda não foi lá em casa buscar a novilhada por uma questão de cerimônia, respeito pela morte do meu pai. Agradeço a reverência, sei o quanto vocês eram amigos. Mas tenho pressa de resolver essa pendência e gostaria que o senhor fosse separar o gado que comprou. Imagino que saberá identificar todos eles, não são tantos.

– Você disse novilhos, Firmino, estou vendo que houve uma falha na informação. Seu pai me mostrou os novilhos que tinha para vender, mas aquilo não deu negócio. O que comprei foram os oito

bois carreiros que eu conhecia muito bem e nem precisei ver de novo. Seu pai precisava do dinheiro, acabou dispondo dos bois, apesar da estima que tinha por eles.

– Os carreiros? Mas seu Gervásio, meu pai não vendia aqueles bois por preço algum. Eram as meninas dos seus olhos, até banho nos fazia dar nos bois. O senhor mesmo tinha feito tentativas de compra, sabe que ele não vendia.

– Eu entendo sua dúvida, foi uma coincidência azarada que seu pai não o tivesse informado. Melhor dizendo, o verdadeiro azar foi a morte tão lamentável do seu pai, que também era meu tão prezado compadre. Esta questão de bois ou de novilhos é coisa de somenos diante desse luto. Mas lamento também que você questione minha palavra. Na verdade, tenho de ser sincero e dizer que me sinto injuriado. Quanto a essa conversa de ir separar novilhos, não aceito isso. Deixa as coisas como estão, ignoremos que comprei algum gado do seu pai.

– Mas seu Gervásio, não pode levar para esse lado. Os bois, tenho certeza, meu pai não os venderia. O que imagino é que tenha havido um mal entendido na conversa de vocês. E não posso entregar os bois exatamente pela estima que meu pai tinha por eles. Sempre dizia que eles haviam de morrer de velhice naquele pasto. Se o senhor não quer receber novilhos, devolverei o dinheiro. Havia uma dívida urgente que saldei com o seu cheque, mas vendo mais gado e lhe entrego o dinheiro.

– Fica tudo na sua consciência, Firmino. Se for o caso, recebo o dinheiro. Não é o certo, mas é o possível.

Aos domingos, Firmino sempre ia à cidade e nunca voltava antes de cair a noite. Essa era a rotina que ele estava completando naquele dia. Já tinha atravessado a ponte que dava acesso à fazenda. Logo depois, à margem da estrada, havia uma moita fechada de arvoredos, em parte coberta por cipó São João. Firmino estava a uns dez metros daquela latada quando ouviu, saindo dela, a voz inconfundível do seu pai.

– Meu filho, preciso de uma providência sua.

Firmino ficou petrificado, aguardando que o pai continuasse sua fala. Mas só houve silêncio.

– Que providência, meu pai, tenho de encomendar mais uma missa?

– Não é missa, meu filho, pela graça de Deus fui um homem justo e vou merecer Sua misericórdia. Mas há um pormenor, uma pendência, isso precisa ser sanado.

– Farei o que for preciso, meu pai, pode explicar que pendência eu tenho de resolver.

– São aqueles bois. Você questionou a palavra do compadre Gervásio. Os bois lhe pertencem, meu filho, a paz completa só me será concedida quando eles estiverem em suas mãos.

- Farei isso, meu pai, amanhã mesmo entrego os bois.
- Deus te abençoe, meu filho. Amanhã mesmo, não me falhe.

Ainda não eram sete horas e Gervásio avistou Firmino descendo a pequena ladeira, a cavalo, tocando os bois mouros.

– Seu Gervásio, pensei melhor e achei por bem entregar os bois. Eu não ia conseguir conviver com essa dúvida.

– Faz o que manda a sua consciência, Firmino. Se isto foi o que ela lhe disse, dou-me por duplamente feliz. Primeiro pelos bois, segundo por ver que a palavra de seu pai foi honrada pelo filho.

Tirou respeitosamente o chapéu, olhou para o céu e completou.

– Que sua alma justa esteja contemplando a glória de Deus.

Segundo meu amigo Osvaldo, que atestou ter ouvido do Gervásio toda história, este ainda teria comentado:

– Sei que nem consegui imitar direito a voz do compadre, o finado Gumercindo. Mas eu contava com o assombro do seu filho, o que sempre tira o discernimento. As pessoas têm medo dos mortos, chegam a temer os próprios finados pais. Deu certo.

Estava-se na cozinha. Dessas cozinhas amplas de fazenda antiga: o fogão de lenha, uma mesa de tábuas sem verniz, com marcas do tempo, cadeiras com assento e encosto de couro, dois bancos de madeira. Lá fora caía uma chuvinha fria. Pelas duas janelas penetrava o barulhinho da chuva e das goteiras, mas não se via a paisagem enfiada na escuridão. Jantou-se, tomou-se cachaça queimada com canela e gengibre, e a conversa dispersa acabou se fixando em assombros e mistérios: aparições. Uns criam, outros descreiam, embora não as temessem menos intensamente. As duas crianças já tinham ido dormir e o assunto podia ser abordado sem rebuços. Um caso, outro caso, sempre entrecortados pelas exclamações de uma mulher muito magra: – Te esconjuro! – e falava isso enquanto se persignava com o sinal da cruz. Um senhor, já bem passado dos setenta, pela primeira vez tomou a palavra. O hábito do cigarro havia-lhe deixado uma bronquite que o obrigava a interrupções na fala para tossir e pigarrear. Sua linguagem, num estilo saboroso e muito pessoal, era cheia de minúcias e expressões que não sou capaz recompor.

“Naquele tempo eu morava lá no Macacos. Debaixo da serra a terra, bem dizer plana, ainda era quase tomada de matas. Fora mantimentos, plantava-se principalmente café. Eu era moço, casado de pouco, e estava formando um cafezal num pedaço de mata que tinha derrubado e queimado. Terra nova, das mais próprias pra plantação. Compadre Emiliano tinha caçado uma paca, que decidimos assar ali mesmo na lavoura para matar a vontade dos peões que me ajudavam. Pois carne de paca, ninguém ignora, é a melhor que existe, e só de ficar espiando o bichinho morto sobre um jirau em frente ao rancho os camaradas ficaram aguados, babando que nem vaca com aftosa. Comemos o assado com arroz e mandioca cozida e quando demos fé já era passado das nove. Não se havia dispensado um pouco de cachaça. Era noite de lua clara e já começava a entrar o tempo do frio. Durante a semana, meus peões pernoitavam num ranchão de pau-a-pique, coberto de sapé, ali na margem da lavoura. Eu, compadre Emiliano e o Gumercindo pegamos a estrada de nossas casas, que até certa altura era em comum. O frio começava a apertar e já caía um pouco de sereno. Depois de uma curva a estradinha era reta e plana. A poeira

vermelha já estava umedecida. Do lado direito a mata ainda virgem, do lado esquerdo um cafezal de três anos, na primeira produção. Um aramado de cinco fios o separava da estrada.

Daí a pouco avistamos um rancho abandonado, onde tinha morado o Pedrês, que assim era apelidado por motivo do seu rosto cheio de pintinhas marrons, umas sardas grandes queimadas pelo sol. O Pedrês, mesmo bastante moço era viúvo e morava sozinho naquele rancho que tinha sido feito para acomodar o pessoal no tempo da plantação. Mas um dia apareceu morto na porta do rancho, com dois tiros. Ele tinha uma malquerença com o Gumercindo, que foi apontado suspeito do crime, mas vai e mexe não houve evidências que o incriminassem. Ninguém quis mais ocupar aquele rancho, que ganhou fama de mal-assombrado. Defunto, quando não se conforma com a morte, costuma ficar rondando o lugar onde morou. É o que se diz. Mas eu não acreditava naquilo e até aquela noite tinha essas histórias de assombração por credence de gente assustada: – Assombração não existe, o que tem é muita gente assombrada.

Estávamos chegando perto do rancho e foi quando notamos a figura de um homem alto e magro, como tinha sido o Pedrês. Faiscou fogo numa pedra de binga e acendeu um cachimbo. Lembrei-me na hora do cachimbo de sabugo de milho que o Pedrês tinha o costume de pitar. Puxou três baforadas, e mesmo na luz da lua pudemos ver o alumiar da brasa crescendo quando ele aspirava o cachimbo. Então caminhou pro rumo da estrada. Passou pelo aramado como se ele não existisse, sem nem mesmo alterar a cadência do andado. Tomou a estrada e começou a caminhar vagorosamente, uns vinte passos à nossa frente. Minha grande vontade era sair correndo e troquei um olhar de medo com o compadre Emiliano. Mas o Gumercindo não deu nenhum ar de cisma, nem fez qualquer menção de mudar sua marcha. Se ele não tinha medo, ia ser muita covardia minha demonstrar o pavor que me arrepiava. Apenas comedi os passos, para não ficar ainda mais perto do que parecia ser o finado Pedrês, e nisso os outros me seguiram.

Por quase um quilômetro, que era o tamanho do cafezal, o homem magro andou à nossa frente fumando o seu cachimbo. Parece que o vento trazia de vez em quando o cheiro do fumo barato que ele costumava usar. Acho que nenhum de nós conversou qualquer palavra. Sem dúvida cismava-se, e ninguém arredava o olho da alta figura. No fim da lavoura, o que seria o Pedrês saiu da estrada, passou de novo pela cerca de arame como se ali nada houvesse e sumiu na plantação. Porque essas aparições são como figura de espelho, existem para os olhos, mas não são tangíveis. Entram na água e não molham, caminham no fogo e não queimam, não desviam de cerca nem de parede. Seu caminhar nem barulho fazia.

Seguimos calados, escondendo o medo. Em mais meio quilômetro, era a encruzilhada em que cada um de nós tinha de pegar seu caminho. Paramos, ninguém tomava a providência de despedir-se. Acendemos uns cigarros e ficamos pitando parados, nenhum a mais de dois passos dos outros, ninguém dando as costas para os lados do cafezal. Compadre Emiliano foi o único que falou “Tá provado que só podia ser o Pedrês”. Estávamos já perto de nossas casas; em coisa de uns quatrocentos metros cada um já estaria sob o seu telhado. Compadre Emiliano começou uma reza para a alma do finado, e daí a pouco eu e o Gumercindo começamos a fazer acompanhamento. Terminamos o pai nosso e as três ave-marias e fizemos o sinal da cruz. Despedimo-nos, e o medo dissimulado parecia só estar crescendo. Tomei meu caminho a passos rápidos, mas logo comecei a correr no limite das minhas pernas. Cheguei a casa e essa minha mulher, que está aqui do meu lado, falou:

– Quê que foi, Juca, por acaso topou com alguma onça ou assombração? – Foi nada, corri foi só pra acalmar o frio.

Fiquei muito tempo sem querer contar pra ela; tinha vergonha e também pensei que ela ia ficar cismada de morar naquelas bandas.

O Gumercindo, comentavam, estava perdendo o tino. Deu de rezar o tempo todo e fazer demasiada caridade. Em dois meses deixou a mulher e dois meninos pequenos para viver mendigando e fazendo pregações: o fim do mundo estava chegando e só havia tempo para se arrepender dos pecados e rogar pela misericórdia de Deus, que não deixaria de acolher os humildes e arrependidos. Uma manhã o encontraram pendurado pelo pescoço ao galho de uma gameleira, na franja da mata, frente ao rancho do Pedrês. No chão, ali perto, acharam também um cachimbo de sabugo.”

JULINHO

Julinho lamentava não ter um irmão. Todos os seus amigos tinham irmãos e irmãs, brincavam juntos quase o dia inteiro. Dava-lhe inveja especial o caso do Bebeto, seu melhor amigo. Eram colegas de classe, tinham iniciado naquele ano o estudo na escola rural que ficava bem ali, a coisa de dois quilômetros da sua casa. Na casa de Bebeto eram ele, a Laurinha, que ainda não estava na escola, mais a Clarisse e o Guga. A Clarisse já tinha dez anos, o Guga estava com oito. O Bebeto era como ele, estava nos sete anos, e a Laurinha tinha apenas quatro. Da sua casa à de Bebeto, na fazenda vizinha, era menos de um quilômetro, e sempre que seus pais deixavam Julinho ia passear na casa dele. Os quatro irmãos brincavam juntos quase o dia todo. Às vezes também brigavam, mas a arrelia não durava, não se guarda raiva de irmão. A Laurinha costuma chorar muito porque nem sempre é incluída nas brincadeiras. Nesses casos, ela quase sempre corre pra casa chorando, e aí se pode ter certeza de que a mãe, dona Augusta, aparece no quintal para exigir que brinquem também com a Laurinha.

– Deixem também brincar a Laurinha, por que vocês a excluem? Clarisse, não deixe a Laurinha chorar, você está na idade de ganhar juízo.

– Nós brincamos com ela mamãe, mas ela não dá conta e emburra.

– Mas vocês ficam subindo em árvores, queriam o quê?

Aí eles inventam um tipo de brinquedo especial para agradar Laurinha e ela fica toda feliz. Mas depois acabam cansando daquela brincadeira – os outros brinquedos são mais divertidos – e é hora de a Laurinha abrir de novo o bué. É chorona, a Laurinha, mas Julinho gosta dela. Tem cabelos cacheados que embaraçam. Para pentear depois do banho às vezes ela também chora, a mãe tem de passar o pente com muito cuidado. Julinho queria ter algum irmão, nem que fosse uma menina chorona feito a Laurinha. Se ela fosse sua irmã,

teria paciência para inventar brincadeiras que a agradassem. Por exemplo, fazer desenhos no chão, riscando com um prego. Um dia ele começou a ensinar Laurinha como desenhar uma casa no chão batido e ela achou isso interessante. Mas na presença dos outros meninos havia muita coisa divertida para se fazer, logo ele deixou Laurinha sozinha com o prego na mão e ela perdeu a iniciativa.

Mas na sua casa o tempo passava devagar, ele tinha de ficar imaginando brincadeiras. Muitas delas incluíam o rego d'água que descia atravessando o pomar. Com uma faca velha ele tinha feito um reguinho ao lado do rego maior: tinha apenas meio palmo de largura e seis passos de comprimento. Ele desviava uma parte da água para o reguinho e depois a fazia retornar para se juntar à água maior. Fez uma barraginha no reguinho, que ele abria ou fechava segundo dava vontade. Tentava também fazer barragens no rego principal, mas elas sempre se rompiam antes de ficar prontas. Julinho tinha um projeto de ampliar aquele reguinho, duplicando seu comprimento. Pensava também em divergir o reguinho num dado ponto para fazer uma ilha. Laurinha havia de gostar disso, mesmo que não conseguisse ajudar ia se distrair observando a construção. Talvez ele colocasse patinhos de pedrinha na ilha, disso a Laurinha ia gostar muito. Ela ficava alegre e caladinha sempre que lhe davam atenção, apenas se revoltava quando era ignorada.

Julinho também gostava de pegar piabinhas, elas subiam rego acima vindo do córrego onde ele desaguava. Eram muito espertas e difíceis de pegar, era preciso tentar muitas vezes para pegar uma. A piabinha ficava pulando na sua mão, quase sempre caía no chão e continuava pulando. Depois esmorecia, e se não fosse posta de volta na água em pouco morria; mais tarde ficava ressecada, os olhos vidrados. Também tinha girinos no rego, mas sua mãe não gostava que ele os pegasse. Ela dizia que girino era filhote de sapo. Devia ser para lhe dar nojo, ou medo, pois girino não tem pernas e tem um rabinho.

O pai havia feito para Julinho um balanço de corda, pendurado a uma gameleira no pátio da casa. A sombra da árvore era muito fresca e Julinho podia ficar ali um tempo longo balançando quando o sol estava quente. Tinha aprendido a impulsionar o balanço com movimentos do próprio corpo e aí não precisava ficar insistindo com a mãe para que o empurrasse. A gameleira dava umas frutinhas redondas do tamanho de um feijão e muito passarinho ficava na árvore comendo frutinhas. Eram doces, tinham gosto de figo. Muitas cores de passarinhos, de vários tamanhos, piando, cantando, comendo, pulando de galho em galho. Aquilo era muito alegre. Passarinho é pura felicidade.

Desde o princípio do ano, quando Julinho começou a frequentar a escola, o tempo passava mais rápido, pois a manhã ficava ocupada. Na hora do recreio, faziam muita algazarra, às vezes Julinho até arrependia de ter corrido tanto quando voltava para a

sala de aula todo suado e sentindo calor. Também gostava de conversar com seus colegas durante a aula, e a dona Dulce de vez em quando o mandava sentar em outra carteira. Conversava porque a professora ficava explicando coisas muito fáceis. Já sabia escrever e ler tudo, a dona Dulce dizia que ele era um aluno muito bom. Ela falou aquilo também para sua mãe, e Julinho achou que sua mãe passou a tratá-lo de forma diferente; parecia que ela tinha orgulho de ser sua mãe. *É gostoso ter uma mãe que tem orgulho se ser minha mãe.* Ouviu a mãe falar para o pai que o Julinho, quem diria! era o melhor aluno da classe. Levado e barulhento, mas muito interessado e inteligente. Também fazia amizade com todos na escola. Em casa, Julinho estudava pouco. Bem que se esforçava para estudar, mas sempre era estorvado pela felicidade. Mas nem precisava, tudo na escola era tão fácil!

Para Julinho, sua mãe Isabel era a mulher mais bonita que havia, nem a dona Dulce era tão linda. Era também muito carinhosa, só era muito chato que ela o tratava como se fosse uma criancinha. Era outro defeito de não ter irmãos, a mãe ficar dando de cima como se o menino não crescesse. No início das aulas ela o levava à escola todos os dias e ia buscá-lo quando a aula terminava, mas logo criou coragem para deixá-lo fazer sozinho o trajeto. Nem era sozinho, pois logo à frente se encontrava com Bebeto e seus irmãos. Já eram quase as férias do meio de ano quando sua mãe permitiu que ele fosse sem ela à escola. Estavam agora em agosto, já tinham recommçado as aulas e ela não mais se preocupava.

Muitas árvores tinham ficado sem folhas, incluindo o ipê que ficava logo à frente da casa da fazenda. Julinho ficou contente ao saber que em pouco ele havia de florir novamente. Já duas vezes ele se lembrava de ver aquela árvore alta carregar-se de flores. Na luz do sol, ela até parecia brilhar como uma enorme lâmpada amarela. Depois as flores começavam a cair sobre a grama. Eram flores do tamanho da sua mão e pareciam ser molhadas, quando estavam na sombra tinham um tato frio. Nunca tinha visto nada mais bonito que aquela árvore de ipê.

Julinho gostava da sua vida e da sua casa, apenas sentia falta de irmãos. Seu pai dizia que a fazenda era pequena, mas para Julinho ela parecia muito grande. Era a metade da fazenda de seu avô, pai do seu pai, depois dividida entre seu pai e seu tio Lúcio. Eram três irmãos, mas há muitos anos o irmão do meio tinha morrido picado de cobra. Julinho não o conhecera; era uma pena, gostaria de ter uma família com mais gente. Mesmo sem nunca ter visto o tio, gostava dele por causa do retrato que ficava pendurado na parede. O tio e os avós paternos, todos mortos, enfeitavam a parede da sala. Parecia com o pai de Julinho, o tio Carlos. A família da sua mãe era maior, mas morava distante. Uma vez ao ano, algumas vezes no natal, iam à cidade onde moravam os avós, pais da sua mãe. Sua mãe tinha três irmãos e duas irmãs, mas todos, menos uma irmã, tinham ido

para Belo Horizonte para estudar e nunca retornaram. No natal ele via aqueles tios e seus primos. Meninos diferentes, com outros tipos de brinquedo e de assunto. Mas Julinho gostava deles, daqueles branquelos que não tomavam sol. Contavam histórias de filmes.

A antiga fazenda do avô já era pequena, as metades tinham ficado ainda menores. Seu pai tinha ficado com a sede da fazenda, para isso havia dado um dinheiro ao irmão. Tio Lúcio construía uma casinha em seu terreno, isso há quatro anos, Julinho não se lembrava e só sabia por ouvir dizer. Mas conseguia lembrar-se muito bem de quando ele era noivo. Ia casar-se com a Aline, uma moça morena e bonita. Tio Lúcio cuidava da sua fazendinha, mas não morava na casa que tinha feito. Morava na casa de Julinho. Ocupava um quarto que tinha entrada independente. Era um quarto divertido, bagunçado, onde Julinho gostava de ir visitar o tio quando ele estava ouvindo rádio ou sem fazer coisa alguma. Toda manhã ele ia para sua fazendinha e só voltava à tardinha. Fizera a casa com capricho, mesmo que pequena, e iria morar ali quando se casasse com Aline. Tinha cozinha com azulejo colorido.

Mas o noivado se acabou, não haveria mais casamento. Aline ficou com muita tristeza, dizia não entender porque Lúcio não a queria mais. Já tinham se passado quase dois anos e ela não tinha outro noivo. Nem tinha namorado. Aline era professora na escola de Julinho, agora ele a via todos os dias e achava uma pena que ela estivesse sozinha. Ela continuava a tratá-lo como se fosse um sobrinho. Era alegre, mas também era triste.

Quando o noivado acabou, seu tio Lúcio tornou-se mais nervoso. Nunca ficava triste, ficava só nervoso. Discutia com o irmão Humberto, o pai de Julinho, por coisas miúdas. Não era por Humberto ser seu pai, mas nas vezes em que Julinho tinha visto o começo da discussão achou que quem estava errado era o tio. Parece que ele tinha algum remorso de ter acabado o noivado. Julinho imaginava que ele tinha descoberto alguma coisa errada em Aline e desistido do casamento, mas ainda gostava dela. Talvez alguma coisa feia que ela tinha feito, alguma coisa indesculpável, alguma coisa envergonhável. Tinha muita vontade de ver tudo superado, de ver o tio desculpar Aline e voltar o noivado com ela. *Tio Lúcio não esquece a Aline, ele vai ter de casar com ela.* Ficava imaginando Aline sendo sua tia, morando naquela casinha que ele podia avistar quando subia na cerca do curral. Um dia ele chegou à escola e a chamou de tia Aline. Era seu plano começar a chamá-la de tia, mas os olhos dela encheram-se de lágrima e ele não repetiu o carinho. Ela até lhe deu um beijo, mas tinha sido apenas para ser educada, ficou muito triste quando ele falou “tia Aline”. Julinho era incapaz de entender: os dois tão infelizes com o fim do noivado, mas nenhum deles punha um ponto final no desentendimento.

Tio Lúcio nunca tinha ficado nervoso com Julinho, era um tio muito bom, carinhoso e divertido. Fazia com ele umas brincadeiras

diferentes. Pegava-o pelos punhos e o rodava no ar, seus pés a dois palmos do chão, e quando parava Julinho não conseguia ficar de pé. Tinha de ficar sentado até passar a zonzeira. Algumas vezes Julinho o visitava em sua fazendinha. O ruim era que lá não tinha pomar.

O pai de Julinho, quatro anos mais velho que o irmão, dizia não entender o motivo do fim do noivado. Aline era a melhor noiva que ele podia sonhar. Moça bonita e de trato fino. Além do mais, tinha seu trabalho de professora, o que seria uma ajuda importante para o irmão. Mas ele não falava no assunto com Lúcio, Juninho ouvira o pai dizer isso para sua mãe. Sua mãe sempre concordava com o marido, mas evitava opinar sobre a questão. Concordava sem acrescentar palavras. Talvez entendesse melhor porque Lúcio havia desistido do casamento e ela não gostava de se intrometer na vida dos outros. Julinho pensava que a mãe devia ter razão. Um dia tio Lúcio falou de modo enraivecido também a Isabel. Julinho estava no quintal e correu para casa, mas logo que entrou o tio se calou e foi para seu quarto, contornando pelo exterior da casa. Entre as palavras que ele disse, Julinho ouviu muito bem o nome de Aline. *Talvez mamãe tenha tentado algum conselho, tio Lúcio ficou com raiva.*

A árvore de ipê floriu por inteiro, como era seu hábito. Julinho já sabia que não tardaria que viessem as chuvas: estava começando a entender a roda do ano. *No meu aniversário, mês de novembro, já chove quase todo dia. Depois de algum tempo vem o natal, chove mais ainda.* No caminho da escola, Julinho via muitos ipês com flores e já tinha escolhido o seu preferido: era exatamente aquele na frente da sua casa. Era sorte viver numa casa que tem o ipê mais bonito. Comentou com sua mãe, ela achou que era porque ele tinha apego àquela árvore. Mas Humberto, que ouvira calado o filho e a resposta da mãe, interveio.

– Aquele ipê fica muito próximo ao curral, suas raízes alcançam o esterco do gado. Isso lhe deu uma força muito grande. Seu tamanho também é exagerado para a sua idade.

Numa segunda-feira, Julinho chegou à escola e soube que não haveria aula. Dona Dulce tinha feito uma viagem no final de semana e ainda não retornara. Mandou recado dizendo que no dia seguinte estaria na escola. Julinho pegou sua mochila e voltou para casa. Aproveitou para visitar um a um os ipês próximos à estrada. Não tinha nada de especial para fazer em casa, podia empregar seu tempo naquela diversão. Gastou mais de uma hora no trajeto de dois quilômetros. Chegou a casa e foi direto à cozinha para beber água. Estava suado e calorento de tanto ficar ziguezagueando de um ipê para outro. Parou na soleira da porta que dava para a sala. Ao lado da pia da cozinha, viu tio Lúcio abraçado à sua mãe, beijando-a na boca. Sentiu-se temporariamente petrificado, mas se recuperou a tempo e recuou sem que ninguém o visse. Correu até à sombra do

ipê, toda coberta de flores em várias etapas de decaimento. Flores recém-caídas, outras murchas, algumas já marrons e ainda outras já quase secas. Mas não queria ficar ali. Logo seu tio talvez saísse da casa e haveria de encontrá-lo. Deu uma volta na casa, no lado oposto ao da cozinha, e foi para o fundo do pomar, para uma sombra à margem do rego.

Chorou. Primeiro desesperadamente, depois de forma lenta e quase calada, do jeito que ele via pessoas grandes chorarem. Suas lágrimas acabaram se interrompendo, Julinho não mais chorava. Isso por algum tempo. Olhou o rego d'água, o abacateiro sob o qual se encontrava, ouviu um pássaro que cantava de forma também triste. Era um sabiá, reconheceu logo. Aquele tipo de canto tinha se tornado muito frequente nos últimos dias e seu pai havia explicado que era o sabiá de peito roxo. A primavera era sua estação de acasalamento, por isso ele cantava durante todo o dia. Ninguém sabia tantas coisas quanto seu pai. Havia também o sabiá laranjeira, mas aprendera a distinguir os dois cantos. Costumava achar aquele canto muito bonito, mas hoje ele estava apenas triste demais. *Podia, aquele sabiá, ir namorar noutra canto.*

Julinho nunca conhecera o que era a real tristeza. A daquele momento lhe parecia atroz. Antes sentia aquela insatisfação por ser filho único, o desejo de ter um irmão sempre fora intenso, mas essa falta só lhe causava alguma melancolia. Agora, a sensação era a de um desabamento. Todo o seu universo se acabara, o mundo era um imenso oco. *Minha mãezinha de namoro com o tio Lúcio.* Aquele beijo prolongado, ele nunca vira o próprio pai beijar a mãe daquele modo. Era um beijo ardente, Julinho não conhecia a palavra ardente, mas sentia o seu significado no beijo que vira. Sentia ódio de ambos e era demais doloroso sentir ódio pela própria mãe. Os seus soluços voltaram. Então, Aline, o fim do noivado, sua mãe devia ter sido a razão de tudo! O tio Júlio, suas brigas com seu pai eram raivas de ciúme. Tio Júlio queixava de uma cerca de divisa que seu pai ficara de renovar e não o fizera, ficava nervoso por um dinheiro que o pai não pudera lhe emprestar, mas o problema não era a cerca nem o dinheiro. Tio Júlio estava nervoso porque tinha se apaixonado pela mulher do irmão. Brigava por qualquer motivo, mas no fundo só brigava por Isabel, sua mãe.

Julinho queria morrer, não sabia como fazer isso, mas a morte viria buscá-lo. Nunca mais entraria em casa, onde sua mãe e o tio namoravam quando ficavam sozinhos. Não tardaria que chegasse a hora de ele voltar a casa, mas não ia aparecer. Sua mãe, preocupada, iria à escola e saberia então que não houve aula. Ficaria desesperada, colocaria todo mundo em busca do filho. Ninguém o encontraria, pois Julinho planejava enfiar-se no canalial que havia depois do pomar, ali ia ficar até morrer de fome, de frio, talvez de cobras, como o tio Carlos. Havia também outros bichos, tinha o tamanduá, no açude havia um jacaré: Julinho podia ficar no

lado perto do açude. Seu pai estava viajando, só voltaria no dia seguinte. Sua mãe não teria como explicar o sumiço do filho, mas ela de alguma forma ia sentir que aquilo era sua culpa, era castigo pelo seu pecado. Tio Lúcio não faria outra coisa senão procurar o sobrinho, também ele tinha de sofrer por aquilo. No desespero, quem sabe o tio e a mãe se ajoelhariam aos pés do seu pai suplicando que ele os perdoasse. O pai não ia entender nada, ia estranhar aquele pedido de perdão, mas então eles confessariam as suas culpas. Sentia então uma pena muito grande do seu pai; o filho havia sumido e, não bastasse, saberia que a mulher namorava seu único irmão. *Papai não merece, ele é o único que não merece, mas vai ter de aceitar minha morte. Minha mãezinha, mamãe Isabel, não quero viver depois do que vi. Não era importante que eu tivesse irmãos, eu apenas não queria ter visto aquilo.*

Julinho tinha de morrer. De frio, de cobras, se não fosse de chuva ou comido pelo jacaré. Mas se o jacaré o comesse, não encontrariam seu corpo, e aquilo era muito triste. Ele queria que chorassem junto ao seu corpo. Um menino morrer e seus pais não chorarem debruçados sobre seu corpo, isso é coisa triste demais. Odiava sua mãe, mas não queria ir embora sem que ela chorasse sobre o seu rosto. Chegou a sentir no rosto o respingar das lágrimas quentes. Essa dor e esse remorso haveriam de purgar o sofrimento de Julinho, que partiria em paz para o outro mundo. Ficaria longe do açude. Julinho sentia também sede, mas não queria beber água, não queria adiar sua morte. Olhou para o rego de água fresquinha, mas isso apenas conseguiu aumentar os soluços do seu choro. Não beberia água, nunca mais ia beber água. *Vão encontrar meu corpo no canavial, cheio de formigas, e descobrirão toda a verdade, saberão que os vi se beijando. A minha mãe, a minha mãezinha, aquilo tinha de não ser verdade.* Lembrou-se das formiguinhas muito miúdas que atacavam as piabinhas mortas. Não queria que as formigas atacassem o seu corpo. *Meu pai me encontrará logo que eu morrer, antes das formigas. Meu pai é mais inteligente, ele vai descobrir que entrei no canavial e fui mordido pela cobra.*

– Julinho, o que está fazendo aí no quintal?

Era o grito da sua mãe, e Julinho saiu em correria, soluçando, rumo ao canavial. *As cobras, a chuva, o frio da noite...*

A ENCHENTE

Bentinho foi despertado por uma mão que o chacoalhava e começou a discernir a voz do pai dizendo com urgência:

- Acorda Bentinho, meu filho acorda.
- Que foi papai, quê que foi?
- Tem uma enchente, temo de nos salvá.
- Quê que é enchente?
- Senta na cama, Bentinho, larga de moleza.

Bentinho sentou-se e foi quando viu o aguaceiro. O quarto parecia um tanque, a água quase na altura da cama. O pai segurava uma lamparina que se refletia tremulamente na água cheia de ondinhas.

- Que tanto de água, papai, donde veio?
- É a enchente, tô te falano. Garra no meu pescoço.

Bentinho pendurou-se ao pescoço do pai, que puxou seu corpinho com o braço que estava livre. Foi até a pequena cozinha e subiu no fogão com o filho no colo. No telhado havia um buraco, e o pai levantou o menino até que sua cabeça apontou para fora.

- Iolanda, pega o Bentinho.

A mãe alçou o filho pelo sovaco e o sentou sobre o telhado. Estava muito escuro, mas Bentinho não tardou em notar que ali também já estavam seu irmão Belardo e sua irmã Joana, ambos maiores que ele. A Joana era a maior de todos. Um dia Bentinho a viu se banhando. Tava nascendo cabelo na perereca dela, e também estavam brotando os peitinhos. *Então é por isso que ela não nada mais com a gente no rio*, descobriu Bentinho. Os dois irmãos se protegiam sob uma lona de plástico. Bentinho conhecia aquela lona e sabia que era amarela, mas naquele breu nem dava para perceber. E o menino logo também se ajeitou ao lado deles. O pai começou a entregar um monte de coisas para a mãe através do buraco, que eram alojadas mal-mal sobre as telhas. Um rádio e mais umas coisas que não podiam molhar foram colocados sob a lona. Finalmente o pai subiu. Ele e a mãe se acomodaram junto aos filhos, cada um numa margem da lona. Bentinho sentiu que a mãe estava molhada e evitou o contato do corpo dela, passou por cima do Belardo e se apoiou entre ele e a Joana. Estavam quentinhos os dois irmãos, achou que ali era um lugar muito bom. Joana disse pro pai:

– Mamãe disse que o senhor ia explicar tudo.

– Escuta, ô meninos. O rio derramô, deu enchente. A água tá subindo cada hora mais, logo vai cubri até as cama. Amanhã cedo vem socorro pra gente, o que temo de fazê é ficá aqui em cima esperano. Logo que clareá, já vão tá socorreno os moradô da bêra do rio. O prefeito doutor Ercles vai tomá as providença que já tá tomano.

– Papai, me lembro da enchente, eu devia ter o tamanho do Bentinho, mas não foi de noite, nem tivemos de subir no telhado.

– Mas agora foi de noite e ela veio mais depressa. O rio já tava botano água pra fora e num para de chovê faz treis dia. Nas cabecera a coisa deve tá ainda pió, esse aguaceiro tá descendo é das cabecera do rio. Mas não tem de ficá com medo não, estamo seguro aqui no telhado. Amanhã logo que clareá, eu prometo.

– Rio tem cabeceira, papai?

– Sim Bentinho, cabecera é aquela banda de donde o rio desce. Mas fica calmo, papai tá muito calmo. Deita aí no colo da Joana e dorme.

Bentinho dormiu, só estava esperando aquela ordem. Ainda pegou na mão da irmã pra ver se ela também estava calma. Quando acordou, já era dia. Chovia fininho, todo mundo estava sentado sob a lona, que cada um segurava num ponto. Pra onde se olhava, o mundo era água. Bentinho olhou para o chiqueiro, não tinha mais chiqueiro.

– Cadê o chiqueiro, mamãe?

– Tá tapado de água.

– Cadê os porco?

– Sei lá, a enchente deve ter levado.

– Os porcos morreram, mamãe? – perguntou Joana.

– Só o capado deve tê morrido, Joana, ele tava preso. Os que tava solto deve tê fugido da enchente. Capado tem de ficá preso, se anda muito num engorda – respondeu o pai.

– Mas tinha cinco leitões.

– Sim Joana, mas eles deve tê seguido a mãe, que sabe pra onde fugi. Animal enxerga bem no escuro.

– E as galinhas?

– Deve tê morrido tudo, galinha é bicho pra lá de bobo.

– E o Átila?

– Ele tá vivo, cachorro num morre na enchente. Um dia aparece.

Belardo teve a ideia de sair de sob a capa e dar uma olhada pelo buraco do telhado.

– Virge! a água tapou até a trempe do fogão. Tá subindo ainda, papai?

– Tá subino divagazinho. Fica calmo, ocê e todo mundo. O socorro tá pra chegá.

– O que dá mais dó é o galo ter morrido. Quem vai cantar no lugar do galo? – lembrou-se Bentinho. Aguardou em vão alguma resposta e passou a olhar a água. Tinha ouvido falar no mar. Decerto o mar era como aquela enchente. O mar é muito sujo, pensou Bentinho.

– Papai, a água do mar é suja ou é limpa?

– Limpinha, seu bobo, não reparou naquela folhinha na parede? Limpinha e muito azul, só não é de beber porque é salgada.

Era a Joana respondendo e a Joana era muito sabida. Tinha coisas em que o Bentinho era mais pela opinião dela que do pai ou da mãe, que não tinham ido à escola. A mãe até que tinha, mas pouco. Era por isso que ele aguardava com ansiedade o começo das aulas. Ia fazer sete anos, mês e pouco depois do natal iria entrar na escola onde estavam a Joana e o Belardo.

– A água do mar é limpinha e salgada – reforçou o pai. – O mar é maió que a maió enchente.

Um barulho cresceu de mansinho até que todo mundo teve certeza de que era um barulho. Olharam para o lado de onde ele vinha e daí a pouco puderam ver o barco.

– Num falei? Eu garanti que a gente tava salvo, agora tamo totalmente salvo – exclamou glorioso o pai. – Aquele barco é o socorro. Deus teja na Sua glória.

A mãe olhou para os filhos com os olhos brilhantes. Depois todos ficaram reparando o barco que vinha quase reto, apenas se desviando de uma ou outra árvore. A uns vinte metros da casa desligaram o motor e ele veio freando caladinho. Usando um remo, um dos seus dois ocupantes impulsionou o barco até quase encostá-lo na casa e com uma corda o outro o amarrou a um dos caibros do telhado. Bentinho não viu o lance da corda. Mas entendeu quase tudo e foi o primeiro a ir a direção ao homem, cuja cabeça podia ser vista. Devia estar muito alta a água, o homem aparecia do ombro pra cima e olhava a família muito alegremente. Pegou Bentinho pela cintura e o desceu até o barco. O menino gostou do riso dele e de ele ter falado “Meninão bonito”. O pai logo saltou para o barco e ajudou a descer o resto da família, fazendo questão de ele mesmo pegar Iolanda e Joana. Subiu novamente no telhado para entregar os objetos que tinha salvo das águas. Em um tempinho de nada já estavam na margem da enchente, onde havia um caminhão e duas famílias. Mais três famílias foram depois trazidas de barco. Os pais de família garantiram que ali na região não morava mais ninguém. Só mais pra baixo, depois da barra do Ribeirão do Sono ou bem acima, além da Pedra da Tartaruga.

– Para aquelas bandas foram mandados outros socorros – disse um homem que parecia ser o chefe da delegação. Instruiu aos barqueiros que descessem rumo à barra do ribeirão, ficassem atentos a algum animal que pudesse ser salvo. Voltaria com o

caminhão sem muita demora. Mandou que todos subissem na carroceria.

– Vamos zarpar, essa criançada deve estar com fome.

Bentinho achou bom ele lembrar que a criançada devia estar com fome. Aquela lembrança com certeza era uma promessa de comida. Vamos zarpar, disse Bentinho pra si mesmo. Zarparam, e o vento úmido no rosto era gostoso. Entraram na cidade, o caminhão deu volta em muitas ruas, entrou por um portão muito largo e parou no pátio de uma escola. Ela nada tinha a ver com a escola rural que Bentinho em breve começaria a frequentar e já conhecia em festinhas dos irmãos. Mas ouviu as pessoas dizerem escola. Era enorme aquela escola, dois andares, muitas portas voltadas para o pátio contornado em três lados pela edificação. Já tinha muita gente na escola. Um punhado de homens e mulheres – Bentinho sabia contar até dez, contou até dez e sobraram dois: eram dez e mais dois – organizava tudo. Escreviam os nomes das pessoas num caderno preto de capa dura. Perguntavam se tinham parentes entre os flagelados. Bentinho entendeu o que eram flagelados. Era gente, crianças e pais, tirados da enchente. Todos ali eram flagelados, a enchente era muito maior do que ele havia imaginado. Mas o mar era ainda maior. Reparou melhor aqueles homens e mulheres que os recebiam e anotavam. Contou de outro jeito e viu que eram sete mulheres e cinco homens. Distribuía as famílias em salas de aula, as carteiras estavam empilhadas em um canto para limpar o espaço. Acabaram encaminhados para uma sala onde havia duas outras famílias. Até o meio da tarde tudo estava arranjado.

Bentinho já tinha ganhado um sanduíche de queijo e mais alguma coisa. Perguntou a Joana o que era aquilo. Era mortadela. Mais um copo de leite com Nescau. Perguntaram se queria mais, ele não quis, mas agora pensava que já era hora de perguntarem de novo. Ofereceram então bolachas com guaraná. Bentinho adorava guaraná geladinho como aquele, que só tinha bebido nas festas da escola. Em casa, quando raramente aparecia guaraná, era normal, feito água. Não era geladinho. Encostou o copo de plástico no rosto para sentir a friagem.

Tomaram banho. Tudo muito arranjadinho. Meninos mais ou menos do seu tamanho se banhavam de três em três num chuveiro dentro de um cômodo miudinho com azulejos azuis. Tinha seis chuveiros na escola. Os meninos ficavam disputando o espaço debaixo da chuva da água, mas era divertido. Uma das mães ficava controlando, falando para andarem depressa: depressa molecada, tem mais meninos na fila! Bentinho conhecia banho de bacia, banho de caneco e banho no rio. Agora também banho de chuveiro, que era divertido e rápido. Gostaria de ter chuveiro em casa. No rio só se podia banhar quando a água estava baixa; um laguinho se separava da correnteza e era lugar seguro para tomar banho e nadar. Era o banho mais gostoso, se deixassem ficava a tarde inteira se

banhando. Aprendera a nadar com quatro anos, era uma piabinha dentro d'água.

Antes de anoitecer direito, deram janta pra todo mundo. Também era organizada, a janta. Quem entrasse na fila antes comia primeiro. No fim do dia Bentinho já tinha feito conhecimento com vários meninos flagelados. Ficavam brincando nos corredores porque a chuva não permitia que fossem para o pátio. Na hora de dormir espalharam uns colchões fininhos no chão da sala de aula. Cada família ficou com seu espaço reservado, seus colchões colados um ao outro. Tudo com cheiro de novo, cheiro de coisa que chegou da loja.

O segundo dia foi ainda melhor. Os conhecidos de ontem já eram quase todos amigos e outros meninos se tornaram conhecidos. Na tarde fez sol, puderam brincar no pátio. Não apenas pátio, havia dois campinhos cimentados que eles chamavam de quadra. Deram várias bolas para que os meninos jogassem. Os maiores ficavam na outra quadra para não machucarem os pequenos nem os maltratarem. Um homem vestido com um calção diferente e camiseta ficava na quadra orientando e advertindo, dizia que era o instrutor. Inventaram também um brinquedo de jogar um caco, de não se sabe bem o quê, num espaço de cimento riscado com giz amarelo. Jogava-se o caco e depois tinha de ir buscá-lo pulando numa perna só, feito saci, sem poder pisar nos riscos. Uns chamavam aquele jogo de maré, outros de amarelinha. Os meninos tinham de brincar em grupos do mesmo tamanho, qualquer que fosse o brinquedo. Meninos e meninas podiam jogar maré juntos, e também pular corda.

Trouxeram também um saco de plástico cheio de bolas de gude, deram cinco pra cada menino. Começaram a jogar bola de gude nos corredores e até nas salas de aula, pois a chuva ia e vinha e aquele era um jeito de brincar na hora da chuva. Bentinho achava difícil pular corda e jogar maré. Preferia reparar a Joana jogando maré. Ela era uma magrela muito esperta. Gostava de ser irmão da Joana e do Belardo: ela falante, ele mais caladinho. Na hora do banho houve outra surpresa. Tinham trazido um montão de roupas de muitos tamanhos. Pra meninos, meninas e pra gente grande. Ao Bentinho coube uma roupa parecida com a do instrutor de esportes, um calção comprido e uma camiseta. Ficou sabendo que aquele calção se chamava bermuda. Ainda pôde escolher a cor, e Bentinho pegou uma bermuda azul e uma camiseta amarela. Alguém comentou que sua roupa era o uniforme da seleção do Brasil. O Bentinho ficou de esclarecer isso com a Joana, mas acabou esquecendo. Seleção do Brasil! Mesmo sem explicação tava claro que tinha sido uma boa escolha. No terceiro dia tinham trazido mais uma novidade pra escola. Três televisões coloridas que colocaram em salas não ocupadas por flagelados. Uma delas era destinada a crianças menores e mostrava muito desenho animado. Bentinho

passou toda a manhã vendo desenho animado. Muito engraçado. Aqueles bichinhos ficavam brigando, se amassavam inteiramente e nunca morriam. E os menores sempre venciam!

As chuvas cessaram de todo, agora era apenas um solão daqueles. Falavam que a enchente estava abaixando, em pouco poderiam voltar pra casa. Mas Bentinho não estava com pressa, começava a gostar muito dos amigos que fizera. Aquela escola era o lugar mais divertido que já vira. Algazarra. Para ser perfeita, só faltava ter um rio com uma lagoinha de água sem corrente. A saudade da sua casa estava aparecendo vagamente, mas se fosse pra escolher preferia ficar na escola por mais uns tempos. Lembrava-se do pé de manga, que deixou carregado e onde a cada manhã havia novas frutas maduras. Das galinhas e do galo, que na verdade nem mais havia. Mas a escola era mais divertida. A enchente continuava a diminuir, o pai começou a sair toda manhã com outros homens pra fazer reformas nas casas dos flagelados. Um dia soube que na manhã seguinte voltariam para casa. Brincou mais longamente com os amigos, quis ver televisão até mais tarde.

Despediu-se de seus muitos amigos e entrou no caminhão cheio de gente e de coisas. Famílias eram deixadas em suas casas e Bentinho notou que todas estavam limpas, mesmo havendo lama pra todo lado. Tinham sido pintadas de fresco. Chegou finalmente à sua. Estava bonita, pintada de uma cor clara que ele não sabia se era azul ou verde. O chão de cimento estava muito limpo, uns rachados tinham sido remendados. As camas tinham colchões novos, revestidos de plástico. A mãe examinava tudo maravilhada. Triste com as coisas que a água arruinara, mas feliz em ver que ainda havia o fogão e as camas com colchões tão novinhos. Bentinho ia atrás dela, curioso. A mãe lhe perguntou:

- O que acha, Bentinho?
- Acho que devia é de ter mais enchente.
- Tira essa praga da boca Bentinho!
- Mãe, quanto tempo é mês e pouco depois do natal?

Na tardinha, o esplendor vermelho no céu carregado de bruma desdenhava a desolação que oprimia a terra. O capim seco ou consumido por queimadas, o gado definhando, as reses mais fracas deitando-se para não mais se erguer. Nenhum vento para desfazer uma lenta coluna de fumaça que dois carcarás espiralavam em espreita. Arnaldo pitava sob o ingazeiro diante da casa quando na estrada apontaram três cavaleiros, e logo que saíram da mirada do sol puderam ser reconhecidos. Eram dois vaqueiros do senhor Tenório e um pouco mais adiante o próprio Tenório montado numa mula de marcha macia.

Deve ter ido longe o Tenório – especulou Arnaldo – do contrário estaria naquele cavalo castanho. Para viagem longa, nada melhor que uma boa mula.

O próprio Tenório abriu a cancela, de taramela baixa, sem ter de apearse da mula alta, e deixou o animal marchar lentamente rumo a Arnaldo.

– A que devo a honra, senhor Tenório?

– Salve Arnaldo. Andamos o dia todo nesse solão, acabamos ficando sem água. Fiz esse desvio pra beber da sua. Estive examinando as matas lá no Pimenta-de-Macaco, tenho de pôr o gado solteiro pra comer taboca lá naquele fundo. Só me preocupa a água. O Pimenta interrompeu o curso e só restam os poços dos remansos, onde a água já nem serve pra gente beber.

– Arre, não é de ver que até o Santa Rita, vocês cruzaram há pouco e viram, este ano secou? Fim de outubro e nem uma gota d'água do céu. O sertão agora só atina é em pegar fogo, Deus tenha misericórdia. Vamos apearse a acabar de chegar. Bebem a água e também um café fresco.

– Agradeço, ficamos só na água. Não vejo a hora de chegar em casa e tomar um banho.

Arnaldo pediu licença e entrou em casa, retornando rapidamente.

– Tá vindo a água, jazinho. Ahrã... E então, Curió, andam falando que tá de casamento marcado.

– Foi mexer logo com a filha do Tião-Tiririca, rê rê rê – intrometeu-se o Franquilim. – O recado veio na asa do vento: neto do Tião só nasce sem pai se nascer órfão. Rê rê rê...

– Não tem vento nem recado, tô casando pra mode matá o meu gosto.

– Rê rê rê...

O Curió ainda fez menção de replicar, mas ficou na intenção porque Juliana assomou na porta. Trazia uma bandeja com três copos e na outra mão uma bilha. Arnaldo estava de costas para a casa, percebeu Juliana no olhar longo do Tenório. Virou-se e notou que a mulher caminhava meio encabulada pelo olhar daquele homem. Contrariando sua conduta, ela apenas disse “boas tardes”, os olhos voltados para o chão, entregou a bandeja e a bilha ao marido e voltou rapidamente para casa. Arnaldo encheu os três copos e serviu os visitantes.

– Água de bilha, êh trem bom num calor desses – disse Tenório após beber seu copo de um único gole. – Posso ter outra servida?

Arnaldo encheu aquele copo e logo depois os outros dois que lhe apresentaram, e uma terceira vez teve de servir os três copos. Tenório tirou do bolso um maço de cigarros, puxou um para si e estendeu o maço ao dono da casa.

– É servido, Arnaldo?

O rapaz aceitou; ao perceber o olhar dos vaqueiros sobre o maço Tenório condescendeu:

– Tá bom, peguem também vocês.

Ascenderam-se os quatro cigarros, agradeceu-se a água e foram-se os cavaleiros, empoeirando a estrada e depois o horizonte.

Tenório, o filho do finado Coronel Alvarenga. Tenório Alvarenga, dono por herança da Fazenda do Boi-Preto, nas barrancas do Urucuia. Solteiro, menos de trinta anos, mulherengo e valentão, devedor de duas ou três mortes, não contando as ordenadas aos capangas. Iniciou-se em briga de homem aos dezoito anos, em uma casa de má fama. Agradou de uma moça que já estava com outro e foi tirá-la para dançar. Houve uma turra e ele pôs no chão o rapaz e mais três amigos que vieram em seu socorro. Aquele seu olhar sobre Juliana trazia turvos presságios.

Não deu três semanas, apareceu o Róbisson, capataz do Tenório. Conversou moleiramente antes de convergir. O patrão tinha recebido, numa venda de gado, uma promissória que ele, o Arnaldo, devia ao Altamiro, lá do Varjão. Avisava porque a letra estava quase vencendo, e se quisesse mais um prazo devia procurar o Nhô Tenório.

– Agradeço a gentileza de conceder mais prazo, mas diz pr’a o senhor Tenório que pago no vencimento. Vendi um gado, o dinheiro é devido em coisa de dias. O Zé Gumercino, pontual que nem banco. Faltam, me parece, doze dias pr’a vencer a promissória, levo o dinheiro pr’a o seu patrão. Ficou até mais fácil, tenho de andar menos pr’a pagar.

Na véspera do vencimento, Arnaldo chegou aos currais da Fazenda do Boi-Preto. Amarrôu o cavalo pampa num galho pendente de gameleira e logo foi festejado por uns vaqueiros.

– Boa tarde pr’a nós todos. Finalmente um pouco de chuva, o Divino seja louvado. Vim a passeio não, só saldar uma letra em posse do senhor Tenório.

Foi introduzido na casa que conhecia desde a infância. Na grande sala com móveis de madeira escurecida foi recebido pelo fazendeiro.

– Vim cuidar da minha dívida, senhor Tenório – disse colocando um pacote de notas sobre a mesa.

O fazendeiro contou as notas, conferiu o número de pequenos maços, e retrucou:

– Temos aqui, me parece, três contos de réis. Tenho uma promissória sua de treze contos, em favor de Altamiro de Moraes Viana. Veio pedir um prazo pelo restante?

Arnaldo ouviu aquilo com sobressalto. Controlou-se antes de responder.

– Eu devia ao senhor Altamiro exatamente esses três contos de réis e foi esse o valor da promissória que assinei.

Tenório nada respondeu. Retirou-se e retornou com a promissória, que colocou nas mãos do próprio emitente. Arnaldo conferiu o título e ficou petrificado. O documento, preenchido pelo seu próprio punho e depois assinado, sofrera uma adulteração perfeita: treze contos de réis, tanto no número como na declaração por extenso.

– Esse documento foi adulterado. Nunca assinei um título de treze contos.

– Você não está tendo o atrevimento de insinuar que mexi no documento. Paguei por ele, em gado, os exatos treze contos que rezam a face.

Tenório disse essas palavras com voz alterada, encarando seu hóspede de modo desafiador. Arnaldo pensou um pouco antes de responder:

– Peço-lhe que não se altere. Vou pedir explicações p’ro Altamiro. Retorno amanhã mesmo. Quanto ao dinheiro, levo-o de volta ou o senhor me dá um recibo de três contos?

– Recibo! Ninguém jamais me fez esse tipo de exigência. Mas tudo bem. Uma vez que perdemos o crédito um do outro, o melhor é deixar tudo preto no branco.

Fez-se o recibo e Arnaldo se despediu do fazendeiro com sumária formalidade. Ao alvorecer do dia seguinte, partia no seu cavalo pampa rumo à Fazenda Varjão. Foi recebido com um sorriso meio sem-graça pelo senhor Altamiro.

– Veio pela promissória. Acho que falhei. Passei pro senhor Tenório, seu vizinho, e ele prometeu que ia te avisar. Vejo que eu pessoalmente devia ter feito isso.

– A questão não é bem essa, senhor Altamiro. Ele me comunicou a posse do título. Mas ontem fui pagar, entreguei três contos de réis e ele me disse que a promissória rezava treze contos, não três.

– Mas era só pedir para conferir o documento.

– Ele me trouxe a letra: treze contos de réis, no número e no extenso. Treze contos!

Altamiro percebeu a fraude e pôde talvez prever as consequências.

– Me diz, Arnaldo, você tem alguma malquerença com o senhor Tenório?

– Nenhuma.

– Nenhuma pendenga antiga que deixasse uma raiva enrustida?

– Nada que eu possa compreender.

– Nunca chegaram a namorar a mesma moça? Fuxica bem a memória. Quem sabe mexeu com alguma moça que tinha um caso com seu vizinho.

– Nada que eu saiba, senhor Altamiro. Mesmo a Juliana, o senhor sabe, é lá de São Romão. Nem conhecia o Tenório.

– As suas divisas de terra estão em ordem?

– Tudo em perfeito acordo, tudo cercado e documentado.

– Pois alguma coisa há de ter. O Tenório não ia fazer isso pelo dinheiro. Ele quer te atingir e esse foi seu caminho. Deixa eu te dizer um pouco mais. Ele passou por aqui, isso faz umas duas semanas. Falei da minha intenção de comprar umas vacas. Tinha um dinheiro pra receber de você, uma promissória de três contos. Quando recebesse, ajuntaria com um dinheirinho que já tinha pra comprar o gado. Ele se interessou, fiquei por entender quando ele quis ver a promissória. Examinou, disse que aquilo ele recebia como dinheiro vivo pelo valor de face. Precisava vender gado com urgência porque com a seca tava ficando sem pasto. Daí dois dias, comprei dele oitenta vacas por quatro contos de réis: a sua promissória mais um conto em dinheiro. Cinquenta mil réis cada vaca parida, um preço que me pareceu conveniente.

– Sem dúvida, senhor Altamiro.

Arnaldo percebia que Altamiro tinha os olhos aflitos. Pressentiu que sua proposta seria inútil, mas arriscou:

– O senhor exporia ao Juiz de Direito o que me foi dito?

– Arnaldo, não podemos ir por esse caminho. Tenho filhos ainda por criar. Você casou há pouco, tem a vida pela frente. Denunciar o Tenório é assinar nossa sentença; uma má sentença. O que ele quer não é o dinheiro, ele busca outra coisa. Você tem de deslindar essa armação. Procura um entendimento com ele. Se fosse dinheiro, eu estaria disposto até a assumir parte do prejuízo e também ajudaria a levantar empréstimos. Meu Deus, por que fui

passar aquela letra pro Tenório? Arnaldo, tenta ficar calmo! Tenta desatar esse nó com habilidade! Isso tem fedor de encrenca.

Arnaldo condeou-se da covardia do senhor Altamiro, mas dissimulou o sentimento. Agradeceu os conselhos e a oferta de ajuda, e despediu-se. No mesmo dia, à tardinha, voltava à casa de Tenório.

– Então, Arnaldo, desfez sua dúvida sobre a promissória?

– Em parte sim, senhor Tenório. Agora, diz logo o que pretende.

– O que pretendo, ora essa é boa! O que pretende o portador de uma nota promissória vencida? Receber o que ela manda, o que mais podia ser?

– Eu gostaria que essa nossa conversa fosse privada, de homem p'ra homem e sem que ninguém a ouvisse.

– E por acaso tem alguém aqui ouvindo? Alguém tá me ouvindo?

Proferiu a pergunta em voz muito elevada e logo uma criada apareceu esbaforida:

– O que foi Nhô Tenório? Do quê sinhozinho tá precisando?

– De nada, Augusta, só quero que me deixem falar em privado com esse moço.

– Sim sinhô! Sim sinhô! Tô indo já-já pra cozinha...

– Pode falar de homem para homem, Arnaldo, é bom saber que você acredita ser um.

– O senhor sabe que não vai receber treze contos. Por alto, isso é o que vale a soma dos meus bens; mesmo que eu aceitasse ceder a essa covardia, com essa seca ninguém tem dinheiro p'ra comprar terras. Diz logo o que pretende com a falsificação da promissória!

– Falsificação! – exclamou Tenório enquanto se erguia.

– Não tente sacar a arma, Tenório. A minha já tá na minha mão, sob a mesa.

– Se quer mesmo ouvir, arma na mão de ninguém me faz engolir as palavras: eu quero a Juliana. Quanto a seus bens, eu os compro. Pago dez contos pelas suas terras, vaca parida a cinquenta mil réis, bezerro de sobre-ano a vinte, bezerra a dezessete. Rasgo a promissória que você não quer honrar. Você desaparece pra sempre com seu dinheiro e deixa a Juliana. Homens sumirem no mundo são coisa da vida, a Juliana acabará acatando o destino.

– Pr'a o inferno com sua proposta e sua teoria.

– A alternativa deve ser bem pesada, Arnaldo. Protesto sua promissória, seus bens vão a leilão, eu mesmo os arremato na bacia das almas: fico com todos os seus bens pela quitação da dívida. Depois você some do mesmo jeito, meus homens cuidam disso. E então?

– Fico com a alternativa. Não me parece muito pior e não perco a minha honra. Mas se assim encerramos a negociação, preciso de um jeito de sair daqui sem exhibir uma arma. Retira seu cinturão e coloca sobre a mesa.

Tenório acedeu e dirigiram-se à saída enquanto Arnaldo repunha seu revólver no coldre.

Protestada a promissória, Arnaldo contestou sua legitimidade. O perito não aceitou a contestação: não havia adulteração reconhecível. Arnaldo requereu que o senhor Altamiro Viana fosse intimado a depor: confirmasse o valor autêntico da promissória ou dissesse o que havia vendido no valor de treze contos de réis. O Juiz, comprado ou temeroso, não acatou o requerimento. Seus bens foram a leilão, Tenório os arrematou pela quitação da dívida.

Arnaldo ia para a cidade, onde pretendia alugar um barraco para morar com a mulher. Devia desocupar a fazenda em duas semanas. Tinha dinheiro para sobreviver uns dois meses, enquanto arranjasse algum trabalho. Num local ermo, um laço envolveu o seu corpo e derrubou-o do cavalo. Quatro homens caíram sobre ele a pontapés.

– Cuidado, gente! Sangue na estrada, nem pensar. O Nhô Tenório só falou pra dar uma boa sova e depois jogar no abismo.

Arnaldo desmaiou com os pontapés na cabeça e não viu o restante. Colocaram-no sobre o cavalo num ponto onde a estrada de pedregulho beirava uma ribanceira. Um dos homens passou uma corda, trançando um oito nas patas traseiras, enquanto dois outros empurravam o cavalo no abismo. Cavalo e cavaleiro despencaram e por segundos ouviu-se o ruído da queda. Impossível sobreviver àquela calamidade. O chefe do grupo sentenciou:

– Estão mortos, em local onde só os calangos frequentam. E no caso de serem achados, terá sido um acidente. O cavalo derrapou no pedregulho, ou levou um susto e caiu na bocaina. Isso já aconteceu uma vez: eram dois cavaleiros, lado-a-lado, um deles calamitou-se.

Montaram em seus cavalos e partiram em disparada. Outro cavaleiro vira o lance final do crime. Saiu do meio das árvores, onde se escondera e prendera o cavalo, e aproximou-se do despenhadeiro. Examinou cuidadosamente a encosta, viu que dez metros abaixo havia uma ponta que se projetava sobre o abismo; se a alcançasse poderia examinar melhor. O corpo do homem, mais leve, podia ter-se engarranchado nas ramas. Trazia no arreio o laço urucuiano, treze metros trançados de couro de veado. Laçou a própria cintura, amarrou a ponta do laço ao tronco de um murici e iniciou a descida. Ardia-lhe nas mãos o laço fino. Ao atingir a protuberância dá com o corpo de Arnaldo. Confirma que está vivo. Avalia os ferimentos: escoriações diversas, uma perna quebrada e

uma profunda laceração na bunda. A cabeça fora pouco atingida. *Antes judiaram com uma boa surra! Tudo na cara e nas costas foi pancada de gente. Mas ele não demora em voltar a si.* Acende um pito e põe-se à espera. No segundo pito, Arnaldo dá o ar de si, meio aos poucos. Quanto mais consciente, mais geme. Finalmente reconhece o companheiro:

– Humberto, onde estou?

– Na beira da pirambeira, lugar onde maritaca e arara fazem ninho. Como estão os braços?

– Tudo dói no meu corpo, até o raio da bunda! Ai, o que tenho na bunda?

Humberto põe-se de pé e estende-lhe o braço direito:

– Tenta levantar pendurando no meu braço.

Arnaldo agarra o braço, dá alguns gemidos e finalmente se ergue. Humberto mostra-lhe o laço e quer saber:

– Vê se é capaz de subir por esse laço, usando a força dos braços e algum apoio da perna boa.

Arnaldo pega o laço e confirma que mesmo com muitas dores é capaz de pendurar-se nele sem qualquer outro apoio.

– Então vai dar, me deixa laçar seu corpo.

Acomoda o laço na cintura do conhecido.

– Pode subir. Não carece ter pressa, descansa em um ou outro lugar de bom apoio.

Arnaldo olha Humberto, abre um sorriso que também é uma careta de dor. Inicia seu esforço de subida. Geme feito um esfaqueado agonizante. Para várias vezes no percurso.

– Graças a Deus, acho que vai dar.

– Vai sim, você tá quase lá.

Finalmente, Arnaldo atinge o nível da estrada.

– Cheguei, louvado seja o Misericordioso! Vou jogar o laço.

Em menos de um minuto Humberto está na estrada, onde Arnaldo tinha se deitado. Busca o cavalo, pensa um pouco até decidir.

– Você vai no arreio e eu fico na garupa segurando o seu corpo. Segura a cabeça do arreio com a mão esquerda e pisa nas minhas mãos com a perna boa. Vai ter de passar sua perna direita, que está quebrada, por cima do arreio, puxando com a mão direita.

O método dá certo e finalmente Humberto sobe à garupa do cavalo. Em quarenta minutos chegam à casa simples de Humberto. Sua mulher e o filho rapazinho ajudam a levar Arnaldo até um catre. Humberto pega uma garrafa de pinga e dois copos. Dá meio copo a Arnaldo:

– Toma essa pinga, tá muito precisado dela. Joana, pega aquele meu remédio pra dor de cabeça... Esse mesmo! Agora faz um chá de barbatimão e outro de arnica. Você o conhece? Não? É o Arnaldo, tem uma fazendinha que divide com a Fazenda do Boi

Preto. Os homens do Tenório tentaram matá-lo. Ninguém pode descobri-lo aqui.

– Ele vai ficar bom?

– Vai sim, tem de ficar. O barbatimão não deixa inflamar e a arnica cicatriza. Chá dos dois, três vezes ao dia. E também um terço toda noite, com menção em Nossa Senhora do Amparo e São Judas Tadeu.

Arnaldo fica noventa dias na casa de Humberto. Em sessenta o novo amigo retira-lhe as ripas que fixavam a posição da perna quebrada. Em mais alguns dias Arnaldo já caminha sem apoio. Finalmente fica em condições de ir embora. Já fazia um mês que Humberto lhe dera a notícia: Juliana, por bem ou por mal, tinha ido morar com Tenório. Naquele dia Arnaldo chorou, depois pediu cachaça. Depois chorou de novo. Finalmente saiu para o terreiro na tardinha opressora e vagarosa. Esperou a noite e as estrelas. Nunca mais se tocou no assunto.

Quando o dia surgiu no céu, despediu-se de seus benfeitores com emocionada gratidão:

– Deve existir no céu um lugar reservado só para gente como vocês. Humberto, meu irmão, nunca te esquecerei. Joana, minha maninha, eu nunca vou esquecer você. Lúcio, se algum dia eu tiver um filho, ponho nele o nome seu. A paz de Deus permaneça nessa casa!

Foi com essa despedida, a roupa do corpo doada por Humberto e dinheiro para comer por algumas semanas que Arnaldo tomou o rumo do Norte, como andarilho. Em duas semanas estava em Formoso, onde Minas e a Bahia encontram Goiás, um lugar que não é passagem de ninguém.

Por quatro anos, ninguém ouviu falar dele. Numa tarde ele surge na estrada rumo à casa de Humberto, que vagamente o reconhece e gradualmente vai ganhando a certeza de que de fato é ele. Bem apessoado, bem vestido e bem montado: um cavalo queimado cujo porte e musculatura prendem o olhar de Humberto.

– Hei mano, tudo na paz de Deus?

– Tudo em paz. Quem te viu e quem te vê!

Até alta noite conversa alegremente com o casal de amigos, embora evasivo sobre o motivo da viagem. – De onde eu venho? Eu vim foi lá do Norte, onde não sei se me encontrei ou me perdi.

Trouxe presentes para os três. – Mas que mimo de correntinha, meu irmão. Não precisava, não precisava. Olha que lindeza de prenda Humberto. Põe no meu pescoço, quero me ver no espelho.

Na manhã que veio, despede-se. Em menos de duas horas apeia na venda do Veridiano. Para os presentes é como se ali entrasse uma assombração. Numa das duas mesas, quatro homens

arrelham um truço barulhento, que com o álcool costuma ficar pendenciador. Arnaldo pede uma cachaça e senta-se sozinho na outra mesa. Ninguém atina a maneira de iniciar uma conversa e o próprio truço fica pacato, quase burocrático. É Veridiano quem arrisca:

– Quem é vivo um dia aparece. Mas aqui você era dado por morto, Arnaldo. A surpresa vai gerar umas duas decepções, mas também muitas alegrias.

– É bom escutar isso. Deixei aqui alguns amigos e muitas relações amenas. Tenho saudades de muitos. Mas a desavença pode ser um elo mais forte que a amizade: confesso que não voltei pelos amigos.

– Estou entendendo. Maior que o afeto costuma ser o desafeto... Ahrã... Você sabe que essa estrada margeia a fazenda do Sinhô Tenório.

– É, margeia. Assim fica mais fácil p'ra ele vir me encontrar.

– Talvez não venha, apenas mande os seus homens.

– Acho que ele vem.

– É, ele vai acabar aparecendo. Toma outra pinga?

– Por enquanto fico nessa. Mas se tiver um bom fumo mineiro, traz um pedaço. O que eu trago não presta, quer fumo ruim vai lá p'raqueles nortes.

– O que estou tendo não é lá essa coisa – diz Veridiano trazendo quatro dedos de fumo. O Capoeirinha, tô em falta dele.

– Pode me servir comida por uns dias?

– Mas lugar pra dormir eu não tenho.

– Se esse cachorro for bom de alerta, não preciso de cama. Durmo na rede debaixo do pau-d'óleo. Gosto do cheiro dessa copaíba – disse Arnaldo apontando a árvore que ocupava o lado esquerdo do pátio.

– Dá sinal de tudo. Nenhum estranho chega perto da casa sem que ele faça uma barulheira. E tenho mais outro, igual.

– Isso é mais que quatro paredes. Fico aqui uns dias.

Arnaldo passa o dia quase sem sair da venda. Dá apenas uma breve andada nos fundos, no que Veridiano vê intenções de vistoria.

– Aquele abacateiro ali solteiro e cheio de fruta, tem de haver outro por perto. Abacateiro solteiro peca a flor sem dar fruta.

– Ah, tem um quintal onde era a minha casa antiga, não se lembra?

– Agora lembro. Quem mora nela?

– Derrubei a casinha antes que ela caísse de velha. Precisava das telhas e de umas madeiras.

Arnaldo escolhe uma garrafa de cachaça pro seu consumo comedido. Na tarde aparecem vários curiosos e uns três amigos. Armam uma roda de truço. Conversa-se dispersamente. Ninguém

menciona dois nomes: o de um homem e o de uma mulher. No dia seguinte, ainda mais gente. Dentre ela, dois homens do Tenório, e um deles é o Vadico, um dos quatro que jogaram Arnaldo no despenhadeiro. Vadico não consegue disfarçar o susto de ver a aparição e em nenhum instante dá-lhe as costas. O tempo todo assustado, cara de cachorro embarcado em canoa. No terceiro dia, cinco homens desconhecidos do Arnaldo. Pelo jeito dos cavalos e pela forma como são conduzidos, vê-se que são cinco vaqueiros. Entram, correm os olhos na venda e sentam-se a uma mesa. Mandam trazer cachaça de Paracatu. Um deles parece comandar o grupo. Agita um pouco a garrafa e com o côncavo da mão dá-lhe um golpe no fundo: a rolha quase salta da garrafa e o homem a retira com os dentes. Tinha se sentado de frente para Arnaldo. Dá os ares de ter notado o estranho e exclama:

– Um forasteiro aqui no Boi-Preto. Não quer tomar dessa cachaça conosco, amigo? Feita de rapadura envelhecida, a melhor que conheço.

– A cachaça é boa, e melhor ainda é sua cortesia, mas tomei uma há pouco, dessa mesma. Sejam bem servidos.

– De passagem pela região?

– Espero que sim.

– Por que “espero”?

– Você sabe a que vim e pode ser que eu não saia daqui.

O homem sonda as palavras que ouviu, pesa as que vem a dizer:

– Dou por certo que não sai.

– Por certo nesse mundo de Deus e do diabo, só a morte. Mas sua chegada é de todo incerta. A minha pode estar logo ali, como o amigo me adverte.

No quarto dia, curiosos, conhecidos e um amigo. Mais uma vez joga-se truço, toma-se cachaça rebatida com torresmo.

No quinto dia, pra lá do meio da tarde, ele aparece. Arnaldo o acompanha com os olhos desde que ele sai da estrada e penetra o largo espaço de terra batida, montando um formidável tordilho arreado com excesso de prata. Amarra o cavalo num palanque sob o pau-d’óleo e caminha sem pressa rumo à venda. Tinha-se banhado e barbeado. O chapéu preto, a botina de pelica, as esporas de prata, alto e elegante. Entra com ares de dono:

– Boa tarde Veridiano. Traz meu licor de pequi, e antes um copo d’água.

Bebe a água, recebe nas mãos um cálice especial com o licor. Toma um pequeno gole e fica de lado para o balcão, voltando-se, pela primeira vez, para Arnaldo.

– Eu sabia que você viria.

– Por que tanta certeza?

– A sua necessidade de mostrar que não tem medo.

– Fez boa viagem de lá donde veio?
– Sim, e conheci uns lugares que quero melhor apreciar na volta.

– Pois eu fiquei meio triste agora na vinda. Vinha pensando: nessa tarde, tenho de matar um homem só pra que ele demonstre ser um valente...

– É um homem de sentimentos. Lamento ter causado esse tipo de tristeza. Escolheu as armas?

– De macheza mesmo, só carece quem duela de punhal. Espero que você a tenha.

– Não tive a experiência. Mas trouxe o revólver e também o punhal.

Levanta-se, põe o revólver sobre o balcão e fala:

– Estou pronto.

Parece que isso foi tudo o que disseram. Tenório também se desfaz do revólver e caminha até o pátio. Arnaldo deixa que ele tome alguma dianteira e depois vai ao seu encontro. No início os punhais se evitam, e cada homem quer dar as costas para o sol. Mas não tarda que se impacientem, ou talvez se inquietassem os próprios punhais, e as lâminas se chocam com ruídos ríspidos. Nas duas mãos, já algum sangue. Daí a pouco, num dos braços e depois também no do oponente, mas à terra amarela não importa a origem do sangue. Rodeiam-se entre um ataque e outro. Um ombro também já é rubro. Quando dois homens duelam, nenhum rosto revela ódio; a morte próxima, com sua sentença indevassável, de algum modo o apazigua. Nenhuma imprecação ou blasfêmia.

Alguém tem de falhar primeiro; talvez o que primeiro se canse, talvez o menos apto, talvez apenas o sorteado pelo acaso. Ou, quem sabe, o que já estava prefixado pelo destino. Tenório avança em excesso o pé direito. Quando Arnaldo tenta contorná-lo pelas costas ele não pode virar sem perder o equilíbrio, e ao tentar recuperá-lo desprotege a guarda: o aço penetra-lhe o ventre, e depois o peito, onde permanece. Dois ou três gemidos, mas o último som é um insulto rouco.

Arnaldo sabe que Tenório está sozinho. Mas tão logo saibam da morte do patrão, seus homens virão vingá-lo. Exatamente por isso, durante aqueles dias, quase de sol-a-sol, tem mantido o cavalo num barraco ao fundo da venda, arreado, alimentado e hidratado. Pega, ainda sobre o balcão, seu revólver e também o de Tenório. Entrega a Veridiano um maço de notas que cobre de sobejo os seus gastos, com palavras breves despede-se dele e de dois outros homens que tinham testemunhado a cena. Monta e parte a galope na planície, tomando o rumo do Norte. Mais lhe custaria esquecer Juliana. Primeiro, seria talvez preciso que a perdoasse.

O PACTO NÃO PRONUNCIADO

Foi nos anos noventa e cinquenta. Garapuava não teria mais de oitenta casas. Criava-se gado nos seus cerrados entremeados de campinas e veredas. Na pastagem nativa era frequente o capim-branco, também dito capim-puba, que se mantinha comestível até o final do inverno. Mas já em fins de agosto, as pastagens brotavam com vigor nas queimadas às bordas das veredas. O vilarejo era mais conhecido como ponto de comércio de gado. Ficava a vinte quilômetros do vale do Urucuia, onde o gado era muito abundante. O afamado curraleiro urucuiano, miscigenação das raças crioulo e caracu, que desde o Ciclo do Couro se disseminara em todo o vale como gado selvagem, conhecido como gado brabeza. Mas naquele tempo já era domesticado, quase inteiramente. Mesmo assim, era difícil retirá-lo do vale, *habitat* a que era famosamente apegado. Curraleiro urucuiano berra voltado para o Urucuia, morre virado para o Urucuia, dizia-se naquelas chapadas de Garapuava, um planalto trezentos metros acima do vão, nome que se dava ao vale. O curraleiro era trazido até o planalto, aclimatado e depois vendido a boiadeiros de Unaí, Paracatu e Formosa dos Couros.

Havia duas pensões, onde se hospedavam os compradores de gado. A preferida pertencia ao Jaci, homem de olhos muito verdes que sempre pareciam estar um pouco marejados. Sua pele clara, curtida pelo sol desde a infância, ganhara uma coloração de mel. Às mulheres, atraía naquele homem sua notável aparência, para qual contribuía um corpo alto e vigoroso. Dentre os homens, era reconhecido pela sua inteligência e astúcia. Os boiadeiros se apoiavam nele como informante, se não mesmo como conselheiro. Tinha uma fala límpida, lúcida e agradável, num ritmo lento. Ganhava alguma comissão dos seus hóspedes pelas dicas sobre um gado bom, seguramente livre de brucelose e de aftosa. Ao vendedor vindicava depois outra gratificação pelo auxílio na venda.

Jaci também cultivava uma chácara. Oito hectares inteiramente ocupados por um pomar de laranja campista e tangerina cravo. Um rego d'água serpenteava o terreno, irrigando por gravidade a plantação. Dali a cento e oitenta quilômetros se construía a nova capital do País. Corria muito dinheiro naquele canteiro de obras

distante do mundo. Seus “candangos” compravam o que se lhes apresentasse, até porque ali tudo era mais escasso que o dinheiro. Caminhoneiros de Brasília disputavam as laranjas oferecidas pelo Jaci. Sua chácara distava só dois quilômetros do vilarejo e um dos seus orgulhos era levar seus hóspedes para uma visita ao laranjal. Um dos visitantes frequentes da chácara era Olímpio Pescoço, cujo apelido era tema de divergentes especulações. Uns o atribuíam àquele pescoço grosso e musculoso, um tanto excessivo para sustentar a cabeça mediana e quadrada. Mas para muitos, pescoço era no caso empregado como um adjetivo, ou uma metáfora, como também se usa o termo garganta. Pois Olímpio era conhecido como o homem mais velhaco de toda a redondeza, onde tudo era vasto e as distâncias se mediam em dezenas de léguas. Como comprador, era capaz de adquirir notas de cem por três pagamentos de trinta, e ao vender realizava o que se possa imaginar como o avesso de tal feito. Gostava de cultivar esse mito, propalando e aumentando suas façanhas de comerciante de gado. Desde a primeira vez que Olímpio visitou a chácara, insistia em comprá-la. Suas ofertas eram a cada ano mais generosas.

Num domingo, à tardinha como era seu hábito, Olímpio estacionou o jipe empoeirado à porta da pensão. Banhou-se, sentou-se à mesa do jantar e iniciou conversa com Jaci, a quem já tratava como amigo. Elogiou o sabor do surubi temperado com açafrão e coentro, indagou como andava a oferta de gado na chapada e finalmente falou sobre a chácara. Fez nova oferta por ela, desta vez algo possivelmente irresistível. Após ouvi-la em silêncio, Jaci ficou pensativo. Serviu-se de um pouco da cachaça que havia na mesa, acendeu um cigarro, sondou o rosto inescrutável de Olímpio. Levantou-se e se aproximou do janelão azul, de onde se expunha a pracinha com um cruzeiro no centro. É possível que do sol já encoberto ainda restasse algum ouro espalhado no poente, que também se avistava da janela. Olímpio vigiava esses gestos com ar ausente. Desta vez ele teria a cobiçada chácara. Nos negócios, ele sabia quando seu interlocutor finalmente vai responder sim. Da sua parte, estava seguro de que faria uma grande aquisição. Já sondara em Brasília e descobrira compradores dispostos a pagar um preço mais elevado pelas laranjas do Jaci, de sabor insuperável. Jaci voltou à mesa e novamente tomou seu assento.

– Imagino que esse valor que você oferece seria pago no ato da escritura.

– Sim, pagamento à vista, com cheque do Banco do Brasil. É só ir a Formosa e sacar o dinheiro.

– Eu sei que esse seu preço, aparentemente elevado, ainda lhe é muito conveniente. Mas tudo bem, lidando com você é impossível alguém levar vantagem. Entrego-lhe a chácara pelo valor ofertado.

Olímpio disfarçou seu triunfo. Serviu duas pequenas doses de cachaça e convidou o parceiro para um brinde discreto. Ao comentário de Jaci, já tinha a resposta preparada:

– Não nego o valor comercial da sua chácara, mas é possível que hoje eu esteja sendo movido por um impulso sentimental. Confesso que me encanto toda vez que vou àquele laranjal, que você cultivou com tanto esmero. Talvez o esteja comprando por uma razão afetiva. Ao chegar ao montante da minha oferta, acho que contabilizei até os sabiás que se alimentam e se acasalam naquelas árvores.

– Com certeza você incluiu os sabiás, meu amigo, mas os estou cedendo de graça. De lambujem! Peço-lhe que, pelo menos aqui no vilarejo, você tenha a elegância de jamais se vangloriar deste negócio. Bem, vamos ao lado prático. Na próxima semana, se isso lhe for conveniente, nos encontramos em Unaí. Passo-lhe a escritura e você me paga com um cheque visado.

Olímpio gostaria de agilizar o negócio, mas a dissimulação, que há tempos se incorporara aos seus instintos, lhe parecia necessária. Em mais de uma ocasião, lhe ocorrera de alguém voltar atrás num negócio já acertado em palavras por perceber que ele manifestava pressa em formalizá-lo com documentos; a mesma história poderia se repetir. Foi por isso que alegou apenas poder finalizar a transação dali a quase duas semanas: ele tinha uma viagem programada à Chapada dos Veadeiros.

– Por mim eu até gostaria de agilizar o nosso negócio. Mas você conhece a minha labuta, ano inteiro montado nesse jipe velho. Vou a Veadeiros, depois ainda tenho de entregar uns bois que vendi.

Para a outra semana, foi Jaci quem alegou um empecilho. Mas finalmente combinaram o dia exato, ambos com a mesma calma dissimulada.

Jaci recebeu o cheque e o depositou imediatamente na sua conta bancária. Olímpio manifestou o desejo de ir no mesmo dia receber sua nova propriedade. Não foi efusivo em mostrar alegria, mas também já não era necessário acrescentar mais novenas àquela transação sacramentada. Foram de jipe até Garapuava. Uma viagem de apenas setenta quilômetros, mas mesmo assim não chegaram antes da noite.

Ao romper o sol numa manhã azul, tomaram a estrada rumo à chácara. O jipe pertencia ao Olímpio, mas Jaci sentou-se ao volante, o que era frequente e agradava a ambos; a um pelo prazer de dirigir e ao outro pelo enfado de tanto fazer isso em suas andanças. Numa encruzilhada, próximo à chácara, Jaci tomou a esquerda, não a previsível direita. *Deve haver algum impedimento na estrada que o obrigou a uma alternativa*, pensou Olímpio. Em mais uns quinhentos metros, estacionaram diante de uma casinha recém-construída. Nos seus dois lados e também ao seu fundo, se estendia uma plantação de laranjeiras novinhas, as plantinhas viçosas não ultrapassando uns

cinco palmos de altura. Foi então que Olímpio entendeu aquela alteração do itinerário, ou julgou entendê-la.

– Seu velhaco, já planejava vender-me a chácara e debaixo de um quieto preparou outra para repô-la.

– Não estou entendendo. Esta é a chácara que você comprou.

– Esta a chácara que comprei! Deve estar caçoando comigo. Nunca vi esta chácara.

– Ora, mano velho, quanta coisa você já comprou por informação. Quanto gado você tem comprado baseando em descrição que lhe fiz. Todo mundo aqui no Garapa sabe desta nova chácara, que eu estava preparando para dar ao meu filho. É claro que você se informou dos menores detalhes. Aquela antiga, você sabe muito bem, eu não a venderia por dinheiro algum. Até pela escritura você pode conferir o que digo. A área, a descrição do contorno e dos confrontantes, os dois mil pés de laranja, mil e duzentos pés de tangerina, tudo certinho e escriturado.

Olímpio ficou rubro como um peru. Seu impulso imediato foi de saltar sobre Jaci e estrangulá-lo. Talvez fizesse isso, não fosse o porte atlético do adversário. Jaci manteve os olhos fixos nas plantinhas enfileiradas. Evitou os olhos de Olímpio, sabia que encará-los seria uma humilhação desnecessária àquele homem tão orgulhoso da própria astúcia. Sabia também que Olímpio era, acima de tudo, um homem objetivo e pragmático, e sua conduta por isso lhe parecia previsível. Ele não passaria recibo de sua derrota, o que se confirmou plenamente. Olímpio recompôs-se e caminhou rumo ao pomar, ao modo de uma vistoria. Examinou as plantas, perguntou como distinguir, naquela idade, o que era laranja e o que era tangerina. Jaci chamou sua atenção para o tamanho das folhas. As menores eram de pés de tangerina. Pediu, depois, que Olímpio examinasse o cheiro: as tangerineiras tinham folhas de cheiro característico, muito mais pronunciado. O novo proprietário vistoriou a cerca que contornava a chácara, novinha, com o arame ainda brilhante.

– Moirões e estacas de moçambé e vinhático do campo; só acabam se atacadas pelo fogo – valorizou Jaci.

– Reparei nisso. Madeira da melhor, não há dúvida.

Pedi que Jaci abrisse a casinha, que Olímpio examinou e não considerou imprópria. Retornou ao terreiro, pairou o olhar sobre as arvoretinhas enfileiradas.

– Em três anos estará dando boa colheita, não é isso?

– Em quatro anos haverá alguma colheita, que aumentará a cada ano. É planta de pé franco, nada de enxerto. Tarda mais na produção, mas dá árvores maiores e produzem por mais tempo. Sementes escolhidas das melhores matrizes da chácara antiga. Como lhe disse, preparei tudo para presentear o meu filho. Pretendo orientá-lo no que for solicitado. Não me queixo da minha venda, mas você fez uma ótima compra. Irrigação por gravidade, isso é

econômico. E com a irrigação as árvores crescem mais rápido e dão colheita muito superior.

– Sim, também acho que essa irrigação é indispensável. Nós dois temos muita coisa em comum.

Houve mais alguma conversa aparentemente dispersa, mas cada frase trocada continha outra mensagem, que mesmo sutil era claramente entendida por ambos. Estavam, na verdade, selando um pacto de silêncio. Olímpio reconhecia que tinha perdido, que pela primeira vez havia encontrado um adversário que o superasse. Aquele ardil, pensado e construído ao longo de pelo menos um ano, era algo para ser respeitado. Para ele, isso lamentavelmente representava uma perda pecuniária nada desprezível, mas também não era coisa que fosse abalar suas finanças. O importante, agora, era resguardar sua reputação, sua dignidade. E em cada manifestação de Jaci, ele lia implícita a promessa de que tudo aquilo ficaria entre os dois. Não se deveriam usar os termos explícitos, talvez grosseiros, naquele acordo de cavalheiros. O ar cheiroso e o silêncio só eram perturbados pelas suas palavras oblíquas.

Jaci cumpriu o que ficou tratado. Em coisa de dez anos, Olímpio morreu num acidente, pela última vez tentando comprar algum gado. Em Garapuava, nunca deixou de hospedar-se na pensão do Jaci, e entre eles perdurou a amizade e confiança mútua. Jaci sobreviveu-lhe em quase vinte anos. Seu filho, cujo nome no momento me foge, ou não quero lembrar, foi quem depois tornou pública esta história. Registro-a, com os inevitáveis complementos da imaginação, mas também sem me atrever a julgar os dois personagens. Mutuamente se perdoaram e se aceitaram com tal perfeição que, pelo menos moralmente, isso representa uma anulação do passado.

A VENDA DO MAGNATA

Aqueles ciganos tinham chegado a Garapuava havia coisa de dez dias. Vendiam tachos de cobre, que faziam com técnica e arte. Consertavam tachos velhos, faziam troca de tacho velho por novo. Pesavam o velho, diziam quanto valia o cobre e era o que aceitavam na troca. Também faziam arreios para todo tipo de gosto e de preço. Tinham caído no agrado da gente aqueles arreios, o estoque se esgotara e cuidavam agora das encomendas. As mulheres liam a sorte pelas linhas da mão e também vendiam redes e bordados. Segundo rumores mal comprovados, duas delas também suplementavam as rendas – o trocadilho com bordados foi um acidente – com certos favores de maior privacidade.

Fora isso, faziam todo tipo de catira. Não havia gênero de troca impossível de se fazer com aqueles ciganos. Relógio, isqueiro, canivete, anel de ouro, revolver, garrucha, espora de prata, pássaro de canto, radinho, sanfona, cabrito, qualquer dessas coisas, e o que mais se queira imaginar, poderia ser envolvido em alguma barganha. E seu modo de negociar era ágil, o que parecia estranho para o pessoal do vilarejo. Parecia jogo de truço:

– Truco!

– Vale seis!

Se alguém mostrava um canivete suíço, algum cigano exibia um cortador de unha e dizia:

– Dou esse Trim pelo canivete e volto cinco mil-réis.

Não havia negaça nem regateio: era pegar ou largar. Logo ficou claro que era quase impossível passar manta naqueles ciganos. Gente das mais velhacas do vilarejo e das imediações tinha feito catira com algum deles, aceitando aquela forma sumária de negociação, e depois amargado o reconhecimento de ter sido passado para trás. O mais hábil dos ciganos era um tal de Manuelito. Deu de fazer ponto na venda do Agenor-da-Venda, onde podia ser encontrado logo após encerrar seu trabalho na tenda, ali pelas cinco e meia. Um exemplo ilustra sua forma de fazer negócio. Um homem simples entrou na venda, tomou uma pinga e logo começou a fazer um pito com um canivete Solinger da melhor qualidade. Enquanto enrolava e depois acendia o pito, deixou o Solinger aberto sobre o balcão. Aquela isca, como previsto, provocou a reação do cigano.

– Bom canivete esse seu. Pra pegar um bom corte, nada como um Solinger, não falando que pode durar o mesmo que o dono.

– Se o moço agradou, por algum trocado fica com ele.

Manuelito tirou do bolso outro Solinger quase idêntico, mas um pouco mais novo, abriu-o e colocou ao lado do outro.

– Entrego meu canivete por doze mil-réis, mas também fico com o seu pelos mesmos doze.

Apostou, com acerto, que o pobre homem não teria doze mil-réis para fazer a opção de compra. Nesse caso, teria de vender e não havia como questionar o preço. O homem entendeu que não fechar o negócio seria uma desmoralização e entregou seu canivete. Pouco depois entrou um rapaz bem vestido e bem apessoado, que desceu de uma mula queimada. Manuelito começou a aparar as unhas com o canivete recém-comprado. O rapaz olhou o belo instrumento, reparou na facilidade com que ele cortava as unhas grossas.

– Por acaso o amigo disporia desse canivete?

Manuelito pensou um pouco, completou o corte das unhas, em que os dons da ferramenta ficaram realçados pela sua habilidade de artesão.

– Por dezoito mil-réis me desfaço desta preciosidade.

O rapaz tirou do bolso uma carteira de couro de crocodilo, pegou duas notas de dez e apenas perguntou:

– Tem dois mil-réis para o troco?

O antigo dono do canivete assistiu a transação com desgosto. Além da perda financeira acabava de ser humilhado diante de toda aquela gente.

No domingo, ainda não tinham dado as nove, um alazão apontou do outro lado da praça. O cavalo tinha um porte soberbo e marchava de forma repicada e elegante. O cavaleiro também era um ótimo ginete, sabia conduzir o cavalo com a cabeça levantada e o passo ritmado, em perfeita linha reta. O pelo escovado do alazão brilhava na luz da manhã. Viridiano cruzou em diagonal a praça com piso de terra e estacou bruscamente frente à venda. Saltou do cavalo com destreza e o amarrou ao palanque. Conversou sem pressa com um conhecido que estava saindo, que no fim decidiu retornar para juntos tomarem uma cachaça, e entraram na venda. Veridiano fez uma saudação impessoal para todos:

– Saúde, boa gente.

Manuelito observara atentamente toda a cena. Enquanto os dois eram servidos no balcão, fingiu um pigarro e saiu à porta da venda para escarrar e cuspir. Examinou melhor o cavalo e retornou à mesinha, onde tomava um conhaque com outro cigano. Esperou em vão que Viridiano se apresentasse, ou pelo menos lhe dirigisse um bom-dia. Finalmente levantou-se e estendeu a mão ao recém-chegado.

– Sou Manuelito, estamos passando umas semanas aqui no arraial. Ou você é dos melhores cavaleiros que já vi ou esse cavalo é um marchador de primeira.

– Cavaleiro, sou só um como tantos. O que duvido é que o senhor já tenha visto um alazão como esse. Desculpe, meu nome é Viridiano.

– Satisfação. Cavalo bom e vistoso, não há como desfazer dele. Tem interesse em vendê-lo?

– Interesse, na verdade não tenho.

O assunto não teve prosseguimento e Viridiano retomou a conversa com seu amigo. Manuelito saiu novamente à porta da venda e examinou o cavalo com olho mais detalhado. Nem precisava examinar os dentes, aquele animal não passava dos quatro anos. Apreciou também o bom gosto de toda a arreata: a cela pantaneira preta com abas contornadas de treliças amarelas, o peitoril com argolas douradas, os estribos também dourados, a rédea tecida com seda de rabo de cavalo, nas cores castanho e branco, o cabresto de couro de veado. Esse Viridiano era sem dúvida caprichoso, não se desfaria daquele cavalo por qualquer ninharia. Mas faria uma oferta.

– Mas se ofenderia com uma proposta pelo cavalo?

– Tirando a Jussara, que você nem conhece, considero com calma e sem ofensa proposta pra qualquer coisa minha.

Manuelito tirou da cintura um revolver Schmidt, todo cromado, e o colocou sobre o balcão.

– Já enjetei trezentos mil-réis por este revolver. A coronha é de chifre de cervo, um tipo de galheiro que existe lá pros lados onde ele é feito, o país dos Estados Unidos. Ofereço ele e mais duzentos mil-réis pelo cavalo. Sem os arreios, que eu mesmo os faço ao meu modo.

Veridiano fitou o revolver por algum tempo e depois resolveu examiná-lo. Abriu o tanque de balas, esvaziou-o e testou o seu giro macio e silencioso. Olhou depois para o cigano, não conseguindo disfarçar um ar de dúvida, e finalmente disse:

– Pode guardar o revolver, vou ter de matutar um pouco. Acho que preciso tomar umas três cachaças antes de pensar se desfaço do Magnata.

– Fique à vontade, amigo. Estarei aqui por mais uma meia hora, esse é o tempo que você tem para decidir.

Disse isso e retornou à sua mesa e ao seu conhaque, que bicava vagarosamente. Em coisa de vinte minutos Veridiano tomou sua decisão.

– Você tem os duzentos mil-réis para pagar à vista a diferença?

O cigano levantou-se e foi saindo da venda, dizendo apenas:

–Volto já-já.

Ao retornar, tirou um pacote do bolso e contou vinte notas de dez mil-réis. Colocou as notas abertas sobre o balcão e sobre elas o

revolver. Veridiano foi até o Magnata e retirou-lhe os arreios, deixando apenas o cabresto que o prendia ao palanque. Afagou o pescoço do animal com ternura, colocou os arreios encostados à parede da venda e retornou ao balcão. Guardou o revolver e o dinheiro e declarou:

– O Magnata é seu.

Os seis ou oito presentes testemunharam em silêncio a transação. Alguns foram até a porta examinar o cavalo. A maioria permaneceu onde estava, já o conhecia de sobra. Em todas as cabeças parecia inquietar a mesma pergunta: quem teria levado vantagem na catira? Não poucos se indagavam que tipo de necessidade tinha forçado o Veridiano a desfazer-se do Magnata. Afinal, a oferta não lhes parecera tão irresistível, talvez o preço tivesse sido até meio baixo. Quem rompeu o silêncio foi o Manuelito.

– Amigo, acho que comprei seu cavalo por uma pechincha. Na verdade, esse revolver nem está funcionando, masca quase todas as balas. Já o Magnata, agora ninguém o tira de mim por menos de seiscentos.

– É uma pena, mas há de ter um conserto; talvez me custe um bom dinheiro trocar as peças estragadas desse Schmidt. Já o Magnata, e isso me dói cá no peito, pra ele não tem solução.

– Mas o que há com o Magnata?

– Semana atrasada amanheceu com uma novidade. O olhos embaçados, enxergava pouco. Um compadre meu disse que devia ser alguma peçonha: cobra, sapo, lagarto ou talvez aranha. Nunca tinha visto falar em coisa dessa natureza, mas compadre Norberto sabe coisas do arco-da-velha. Garante ter bicho que cospe no olho da vítima, causando cegueira. Lavei três vezes ao dia com um chá preparado pelo compadre, mas em oito dias o Magnata estava cego. Eu o trouxe puxado pelo cabresto. O meu outro cavalo, que lamentavelmente não lhe chega aos pés, ficou amarrado num pequizeiro, logo após a praça. Confesso que é duro ficar sem o Magnata.

Ouvi tão poucas vezes seu nome que hoje, mesmo forçando a memória, não consigo lembrá-lo. Seu apelido, Claro, fazia referência à pele muito branca. Quando o conheci, teria uns setenta e poucos anos, e seus cabelos finos estavam inteiramente encanecidos. É possível que antes da velhice tivessem sido louros. Era magro, de estatura mediana. Tinha uma venda em Garapuava, distrito de Unaí, no Noroeste de Minas. A venda, que tomava toda a frente da sua casa, ficava do lado de baixo de uma praça levemente inclinada. Era o mais velho de uma família de cinco irmãos e uma irmã. Todos os irmãos tinham tez morena. Tinham ofícios diversos. O mais novo era barbeiro, outro era carpinteiro, um terceiro era fazedor de botinas, laços e arreios de cavalo. Os dois irmãos mais velhos de Claro haviam cessado suas atividades e levavam vidas muito pobres. Cultivavam seus quintais, com galinhas, alguns porcos e uns tantos pés de fruta. A irmã tinha sido a única puta declarada do vilarejo. Do ofício originara também uma filha bonita que havia se casado com um fazendeiro e garantia à mãe uma vida confortável.

A divergência física entre Claro e seus irmãos era fonte de rumores sobre a virtude da sua finada mãe. Diziam que ele era meio irmão dos outros cinco, filho de um dos Campos, família de fazendeiros da região na qual eram comuns os cabelos louros e os olhos azuis, como os de Claro. Longe da sua presença, certa vez vi alguém referir-se a ele como Claro Campos. Seus irmãos, bem mais que Claro, tinham sido na juventude exímios caçadores. Caçavam animais comuns na Chapada de Garapuava: veado campeiro, capivara, paca, alguma anta, emas e perdizes. Se alguma onça subisse as quebradas que descem ao vão do Urucuia e decidisse viver das muitas capivaras da chapada, cedo ou tarde encontraria a morte num tiro certo de um dos irmãos. Em suas casas, havia ornamentos e utensílios de couro de onça. Zezinho barbeiro, o mais jovem deles, era também o melhor caçador. Não mato nada de perto, garganteava Zezinho. Cachorro meu serve para localizar e espantar caça, não esse negócio covarde cercá-la. Espanta o bicho e só atiro quando ele ganha uma distância de pelo menos umas cem braças. “Matar de perto é covardia, o bichinho tem de ter alguma chance de se defender com a velocidade das suas pernas. Meu mais fino gosto, na verdade, é fazer perdiz levantar voo e pô-la no chão quando já não escuto o bater das asas. Pá! Um zumbido de bala corta o ar e a perdiz capota, em tremura de morte. Se o perdigueiro é bom, é contar até trinta e lá vem ele com a avezinha pendurada pelo pescoço.”

Claro não teve esses dons e quase nunca fala de si próprio. Seu hábito é narrar a crônica do vilarejo e da sua ampla vizinhança. Sua venda é a mais frequentada, embora seu sortimento de produtos seja modesto comparado ao de uns dois concorrentes. Mesmo nas altas horas da noite, quando todo o arraial estava dormindo, as três portas da venda projetavam a luz do lampião pendurado ao teto, em faixas de luz que iam se alargando ao cruzar a praça. Claro tinha se enviuvado aos pouco mais de cinquenta anos e casado de novo com Adelaide, vinte anos mais nova do que ele. A mulher fazia pão de queijo, biscoitos de polvilho e broas, muito apreciados pelos frequentadores da venda. Para mais valorizar seu trabalho, cada vez que trazia uma cesta de quitandas quentinhas lamentava a mesma ladainha: “Hoje não se acha polvilho e fubá como os antigos.” Em vez de levá-la a sério, uma meia dúzia de homens levantava-se de seus tamboretos para ir ao balcão, decidindo na última hora suas dúvidas entre um ou outro comestível. Os filhos do antigo casamento haviam se casado, mas Adelaide deralhe mais uma filha, uns dois anos abaixo dos vinte, que pai e mãe chamavam de Rosinha. Sua beleza era um atrativo a mais do comércio, habilmente explorado por Claro. Exceto quando tarde da noite, de hora em hora ela trazia um bule grande de café fresco, botava sobre o balcão e cumprimentava a clientela com um sorriso discreto, dava um beijo na testa do pai e se recolhia. Fosse um pouco mais cedo, o próprio Claro interrompia suas histórias para chamar a filha: “Rosinha, faz mais um café fresco pra gente”, e não tardava que a moça chegasse. A esperança de Claro e Adelaide era casar a filha com algum filho de um dos fazendeiros da região. Um possível candidato frequentava a venda nos sábados e domingos e todos já notavam o seu flerte oblíquo com Rosinha.

Claro conhecia bem a história, os parentescos e a ascendência de todas as pessoas da região. Complementando o que sabia com adornos criados pela imaginação, passava os dias contando a história do distrito, não raro regredindo a coisas ocorridas havia mais de um século. Seu estilo narrativo era sedutor, sua voz era agradável e pausada. Entrecortando suas histórias com um ou outro questionamento a alguém da audiência, no intuito de obter confirmação de algum detalhe do que era narrado, Claro preenchia o espaço da venda com sua voz, por meio da qual fatos recentes ou longínquos eram revividos, para encanto da plateia. Risos e apartes de um ou outro entendido completavam o teatro. Mesmo fatos corriqueiros ganhavam dimensão literária quando narrados por Claro, mas não era raro que a história fosse em si bizarra ou até mesmo dramática. Para ilustração dessa última categoria, tentarei reproduzir uma história que ouvi na venda numa noite perdida no tempo.

“Não existe mais catrumano nesse sertão. Daí que até o sentido da palavra virou motivo de entreveros. Para alguns, catrumano é caipira

dos mais rude, gente de grotta onde nenhum outro humano quer viver. Para outros, é termo pra xingamento. É velho o costume de desmerecer alguém chamando ele de quadrúpede. Pegou agora a moda de falar catrumano em vez de quadrúpede. Catrumano ganhou o sentido de quadrúmano, que quer dizer quatro mãos. O falecido Nicanor explicava que de fato veio daí a palavra catrumano, e não se pode menosprezar o seu vasto conhecimento, reconhecido por todo mundo que o conheceu. Lembra do velho Nicanor, Abelardo? Claro que se alembra! Mas catrumano era uma gente com uma maneira diferente de viver. Quem de vocês tá passado dos sessenta, como taí o Abelardo pra confirmar, ouviu muito caso de catrumano, povo que vivia em grupo, que nem cigano. Só que catrumano não vivia em barraca de lona, mudando de um lugar para outro, nem fazia taxo de cobre, nem tinha mulher com talento para ler sorte. Catrumano gostava de viver em encruzilhada, desde que tivesse água ou desse cisterna boa. A encruzilhada era o seu contato com o mundo. Essa estrada que sobe pra Cabeceiras margeia a comprida Vereda Longa. Lá no fim da vereda tem aquela encruzilhada com três escolha: quem segue reto vai pra Cabeceiras, se tomar a esquerda dá na Barraginha, se tomar a direita chega ao fazendão sem fim dos Neves. Ali vivia uns quase trinta catrumano, na margem esquerda da estrada principal, que já é a campina da vereda. Cisterna com água rasiinha, da melhor qualidade. Cheguei a conhecer umas taperinha de casebre abandonado, pois quando eu era menino os catrumano já havia mudado pra algum sertão mais distante. Todo mundo aqui já ouviu falar do Firmino, avô falecido do Osvaldo Campos. Ouvi dele uma história muito triste concernentemente a esses catrumano da vereda. Viviam mais é de veado, ema, capivara, mandioca, inhame e pequi. Na falta de carne melhor, comiam calango e alguma cobra. Coco buriti é o que mais tem naquela veredona. Usavam a palma pra cobrir os casebre e fazer corda, balaio e rede, e comiam o coco e a castanha. Catrumano era raro ter espingarda, com isso virou mestre em pegar bicho em armadilha.

Durante uma seca mais forte, os bicho da vereda quase todos sumiro e com isso os catrumano deram também de comer macaco, coisa que todo mundo esconjura, pois macaco tem cara de gente e faz micagem de gente. Parou a seca, mas não parou a começão de macaco. Aí já era pecado mortal, pois ninguém já nem tava passando fome. Ninguém sabe se foi advertência divina ou traquinage do capiroto, mas o fato é que uma moçinha solteira deu à luz um menino com rabo de macaco. A má notícia se espalhou pelos casebre e todos vieram ver o menino e a mãe. A benzedeira fez caprichada benzeção do menino e da moça, que chorava aos altos pranto. Não deixaram nenhum menino ou menina ver o rabinho do neném. Por mais de uma semana, o assunto foi discutir o significado da calamidade, e as consequência. Não se chegou a nenhum acerto sobre o assunto, menos ainda sobre o que tinha de ser feito. Para birutá ainda mais a cabeça dos catrumano, o neném era

uma belezinha de menino. Alguns opinaram que se devia matar o menininho pra evitar maldição ainda maior na vilazinha. No final de muita discussão, com avenças e desavenças, convergiram que bastava cortar fora o rabo macacal do menino. Uma parteira foi incumbida da operação. Não tinham anestesia, e apesar dos chá calmante que deram ao menino, ele gritou atrozmente. Parecia que o menino ia sarar da operação e até tava calminho e mamando normal, mas foi atacado por uma inflamação na ferida. Teve muita febre e morreu em poucos dia.

A tristeza da moça era de cortar o coração. Achava que era culpada de alguma coisa de muita severidade, quem sabe alguma grande malvadeza da meninice. Cismada com a história de comer macaco meio humano, a moça parou de comer qualquer tipo de carne. A tristeza não passava e a falta de carne trouxe fraqueza. Por fim a tristeza virou loucura: ficou doida a coitada da mocinha. E com doideira ganhou também o dom de fazer milagre. Curava qualquer um, só pondo a mão na cabeça do doente e ficando assim paradinha por um tempo, sem falar nada. Na verdade, a mocinha parou de falar quase qualquer coisa. Seu olhar era de muita amenidade, de uma bondade triste. Gente de toda essa vizinhança ia à vila dos catrumano em busca de algum milagre da nova santa. Mas a santidade não durou muito tempo. A mãe santa do menino amaldiçoado quase não comia e foi enfraquecendo até morrer numa madrugada mais fria. Acabou a triste história, mas não o mistério. O além envia mensagem a este mundo que ninguém entende, e cada um de nós vive sem atinar com o sentido da vida. Na idade que tenho, muita gente desiste e passa a querer entender é só a morte. Bobagem, o único mistério mesmo é a vida. Morrer, até aroeira morre, se existe vida também tem de existir a morte, pois no mundo nem cabe pra sempre tudo que nasce. Um agrônomo me disse que câncer dá até em árvore, gosta muito de atacar aroeira”. A história, que não era típica dos casos que Claro costumava narrar, causou um silêncio prolongado na audiência, que ele mesmo interrompeu lembrando que as quitandas ainda estavam fresquinhas no balcão.

Antes de chegar aos dezenove anos, Rosinha começou namoro com Beto, filho do fazendeiro Manoel Rodrigues, que na juventude tinha ficado rico por meio de negócios questionáveis. Como já falei antes, havia tempo que Beto frequentava a venda, sempre de olho na Rosinha, sob a observação aprovadora de Claro. Logo ficaram noivo e o casamento foi marcado para dentro de seis meses. Claro Campos não disfarçava o seu contentamento. Desde que Beto começara a frequentar a venda, parou de contar suas detalhadas histórias dos antigos negócios de gado e de terras do então jovem Manoel. Por sorte, nunca falara qualquer coisa negativa de Beto, que na opinião da gente de Garapuava, tinha herdado a inteligência do pai e também o tino para os negócios.

A menos de um mês do dia do casamento, Rosinha sumiu no meio da madrugada. Deixou um bilhete que os pais liam e reliam aos prantos. Fugira com Beto Baralho, rapaz vadio do vilarejo que se sustentava pela habilidade e malandragem no jogo do truco. “Amor é amor, não controlamos nosso coração. Imploro que me entendam e me perdoem”, dizia Rosinha no final do bilhete. Nos primeiros meses, Claro insistiu desesperadamente na procura da filha, vasculhando a vizinhança em busca de algum indício que o levasse até ela. Ninguém vira nem ouvira nada, exceto um jipe que na noite nefasta havia parado na saída de Garapuava que ia para Goiás. A tristeza de Claro só crescia. Seu semblante se turvara, sua voz havia perdido o brilho. Logo depois do anoitecer, fechava a venda e não dava as caras pra ninguém. Viveu mais uns seis meses, até que numa dada manhã Adelaide deu o alarme de que o marido amanhecera morto. Houve grande comoção. Gente de toda a vizinhança compareceu ao velório e ao sepultamento. Na tarde do mesmo dia, uma cova em chão de cascalho fino acolheu o corpo do notável cronista.

O MENINO DA ESTRADA

*Ao anônimo que a inventou,
há mais de meio século*

Enquanto vencida a ladeira, o caminhão ia perdendo forças, e ao atingir a planície não as recuperou. Não tardou que o motor começasse a falhar. Ernesto avistou, um pouco adiante, um ponto em que o acostamento da estrada era continuado por um espaço de terra batida. Conduziu até ali seu caminhão e o estacionou naquele terreno. Viu que estava diante de um desses pequenos comércios que se encontram às margens de nossas rodovias. Aproveitou para tomar uma água mineral antes de averiguar o seu veículo. Uma espécie de pequena mercearia com uma desordenada variedade de itens à venda: botinas, chapéus, celas de cavalos, varas de pescar, latarias, panelas, facas e canivetes, carrancas, duas dezenas de marcas de cachaça ou de aguardente inferior, doces mineiros, queijos de qualidade questionável, querosene, ratoeiras, pregos, parafusos, sal de fruta, velas, enfim, o diabo. No outro extremo, quatro mesinhas para quatro pessoas, e no meio um balcão com um sortimento de coisas de comer e beber. Bebeu uma Cambuquira enquanto se informava sobre a possível proximidade de uma oficina especializada em diesel. Ernesto considerava as alternativas possíveis do que causara aquele problema no caminhão. Julgava-se mecânico razoavelmente qualificado e estava seguro de poder diagnosticar com segurança o avario. Seria a bomba de óleo combustível ou algum dos bicos injetores. Entretanto, para o conserto talvez precisasse de um mecânico. Menos do mecânico do que das suas ferramentas mais sofisticadas. Talvez precisasse também de peças de reposição. Soube que estava a menos de doze quilômetros de uma oficina equipada com um pequeno estoque de peças. O dono da mercearia poderia ir atrás daquele recurso em seu caminhão velho, um Ford 7000. Tudo sob controle, pensou Ernesto com certo alívio.

Voltou ao caminhão e, de um encaixe sob a carroceria, retirou uma caixa de ferramentas. Quando a estava abrindo, chegou um garoto magrelo, queimado de sol, olhos muito vivos, coisa de nove anos. O menino observou calado a operação e depois examinou as

ferramentas, tanto as que Ernesto espalhara no chão sobre uma flanela amarela quanto as que permaneceram na caixa. O caminhoneiro abriu o capô do caminhão e voltou pra pegar uma chave inglesa. O menino comentou:

– Meu pai tem duas dessas.

Ernesto desapertou alguns parafusos menos atarraxados e voltou pra pegar uma chave de boca na medida para outro conjunto de parafusos. O menino disse:

– Meu pai tem duas de cada dessas chaves.

Enquanto Ernesto aplicava toda a sua força tentando retirar os empecilhos à frente da bomba de óleo, o menino, vendo sua cara de esforço voltou a falar.

– Meu pai é bom de consertar caminhão e tem muita força. Se precisar, ele te ajuda.

– Obrigado garoto, se precisar de ajuda eu peço. Eu sei que pra ter um caminhão velho como aquele tem de se entender do assunto. Traga esse alicate aí pra mim, por favor.

O menino pegou a alicate e o entregou enquanto dizia:

– Meu pai tem dois desses. Ele tem caminhão velho porque gosta de brincar de mecânico. Tem dinheiro pra comprar dois caminhão novo.

Ernesto não conseguia ficar com raiva do garoto porque ele era do tipo chato simpático, se é que esses dois predicados não se cancelam. Naquele garoto eles pareciam se orbitar reciprocamente, sem mútuo aniquilamento. O menino sumiu por não mais de um minuto, e voltou com uma garrafa de Coca-Cola e outra de Cambuquira. Disse:

– Papai mandou esta garrafa, falou “O moço do caminhão gosta é desta”. Eu ia trazer era Coca-Cola.

Ernesto falou “Obrigado garoto”, bebeu a água e foi pegar uma torquês na caixa de ferramentas. O menino disse “Deixa eu ver”, e emendou:

– Muito parecida com as duas que o meu pai tem.

Ernesto continuou o seu serviço, o menino sentado num toco ali por perto e de vez em quando falando alguma coisa. Certa hora Ernesto precisou urinar. Olhou em volta, na margem da estrada havia um aglomerado de arbustos, encaminhou-se para o fundo deles. Abriu a braguilha, retirou a torneira de duplo uso e começou, aliviado, a verter água. Quando ergue os olhos dá de cara com o garoto observando tudo com a sua curiosidade de ferramenteiro. Não se conteve e perguntou:

– Não vai me dizer que seu pai tem dois desses.

– Tem não, é só um. Mas dá dois desses.

UMA ITALIANA PARA DOIS TALHERES

Essas estradas de Minas! Tomamos a Rio-Brasília, em Belo Horizonte, rumo a Brasília. A partir de Paraopeba, era puro buraco. A cada cinco quilômetros, se tanto, alguém no acostamento trocava um pneu do carro. Aquelas crateras no asfalto, numa delas o pneu vai pro bebeléu. – Devagar – dizia minha mulher, não demora é você que cai numa dessas. – Estou atento, Leninha. – Mas boca de mulher, você sabe, não prevê as coisas, parece que na verdade as determina. Ela olhava tensamente a estrada, eu costurando os meandros entre os buracos. Abriu um saquinho de *chips* de batata, acho que foi para se acalmar. Botou um CD do Julian Bream com músicas de Fernando Sor compostas para violão. Já ligou o CD na minha faixa predileta. – Bonito, não? – disse, mas com certeza não esperava resposta, sabia o que eu sentia por aquela música. – Aceita uma batatinha? – Foi eu olhar para aquele saquinho e, ao retornar os olhos para a estrada, me ver a poucos metros de uma loca. Pluff! Lá se foi um pneu dianteiro. – Te falei! – exclamou ela, metade chateada, metade gloriosa. Troquei o pneu, agora era procurar uma borracharia antes que outro pneu se danasse.

Pouco adiante, um posto de gasolina. Vários carros esperando na fila da borracharia. Parei o meu sob um conjunto de figueiras enormes. Falei com um dos borracheiros para marcar minha posição na fila e voltei até o carro, onde minha mulher permanecera lendo uma revista e ouvindo o Julian Bream. Sentei-me num banco à sombra das figueiras. Ali perto havia uma carreta bonita, com aparência de nova, e um homem de menos de quarenta anos saiu de sua cabine, vindo reto em minha direção.

– Esses buracos na estrada são a festa dos borracheiros. Aqui eles são três e não dão conta do recado.

– Mas para uma carreta dessas, buraco pode causar problemas na suspensão, não nos pneus.

– É o que você pensa. Estourei o pneu e ainda empenei a roda dianteira. Ainda vão ver se conseguem desempenar a roda.

Reparei o sotaque paulista do caminhoneiro. Conferi a placa, era de Campinas.

– Campineiro?

– Quase, sou de Valinhos.

– Estradas boas, naquelas bandas. Bandeirantes, Anhanguera, Pedro I e tome lá mais estrada de primeira.

– Mas pra ganhar algum dinheiro é preciso rodar esse Brasil inteiro. Na verdade, é disso que gosto.

Do restaurante, ali perto, saiu um menino de uns quatro anos, correndo atrás de uma bola colorida que quase lhe dava no nível da cintura. Logo atrás, um casal. O homem de uns trinta e cinco anos, a mulher com uns cinco anos menos. Ele com o aspecto típico de caminhoneiro: óculos escuros, pele queimada, braços musculosos e barrigudo. Ela vestida com certo cuidado, sandálias bonitas, unhas dos pés e das mãos bem cuidadas, relógio num pulso e pulseira no outro, colar enfeitando o decote. Rosto agradável e corpo decididamente bonito. Mas o que mais chamou a atenção na mulher foi um ar de beatitude, um incessante sorriso de tocadador de flauta – se me é lícito usar esta imagem do Pitigrilli. O homem deu um beijo na mulher, deixou-a com a criança e foi até a borracharia, talvez para ver como andavam as previsões. A mulher descobriu Leninha e foi ter-se com ela e o garoto veio brincar perto do meu interlocutor.

– Lucinho, chuta a bola aqui pro papai.

Deu três trocas de chutes com o garoto, que depois decidiu retornar à presença da mulher.

– Seu filho?

– Sim, o garotão é meu filho.

– E aquela mulher com quem ele estava?

– A mãe dele.

– Me deu a idéia de ser a mulher daquele outro homem.

– Mais ou menos isso.

– Entendo, vocês se separaram e ela agora está com ele.

– Não é bem isso, ela é de nós dois.

– Dos dois!

– Dos dois, minha e também do Saul. É isso mesmo! A Paola é mulher do Ernani, que sou eu, e do Saul, com quem estava ainda há pouco. Neste fim de semana ela é dele.

Fiquei sem saber o que dizer. Aquele arranjo, eu sabia, não era tão raro, mas eu nunca o deparara concretamente. Mas foi o próprio Ernani que deu continuidade à exposição dos fatos.

– Sou solteiro, o Saul é separado. A antiga mulher tava botando chifre nele. Caminhoneiro é a maior raça de corno que existe, não sei se você sabe. Somos amigos há muito tempo, sempre dividimos a mesma carreta. Esta aqui, nós compramos faz menos de um ano. Há uns seis anos, apareceu a Paola, o Saul deu de cima dela. Quando a conheci, também fiquei agradando. Esses italianos, de quem ela descende, são um pessoal meio despachado, ela falou que podia namorar nós dois. O Raul aceitou. Aliás, pra quem tinha levado tanto chifre da ex-mulher, aquilo de dividir uma segunda com um amigo era coisa menor. Em poucos meses, passamos a levá-la conosco em todas as viagens. Nossa vida é a carreta e a estrada, é

melhor que a mulher também venha junto: diverte e evita chifre. Temos também nossa casinha lá em Valinhos, que na verdade é propriedade minha.

– Nenhum dos dois fica com ciúme?

– Um ciumezinho até que a gente tem, mas isso até apimenta um pouco a relação. Temos um calendário, cada dois dias ela fica com um de nós. Ela é que sai ganhando. Cada um capricha ao máximo quando é a sua vez, pois existe o perigo de ela querer ficar só com o outro. O premiado dorme com ela numa hospedaria de beira de estrada, o outro dorme no caminhão com o Lucinho. Isso agora que ele ficou grandinho, no início ele acompanhava a mãe. E ela é mulher bastante para dois, acho que mais fogaosa que italiana, nem nordestina.

– Quem é mesmo o pai do garoto?

– Eu sou o pai, mas o Saul acha que é dele. Acredita que o menino é a cara dele, mas você pode ver que só parece com a mãe. O Lucinho chama nós dois de pai e fica muito feliz com isso. Dois pais e uma mãe sempre por perto!

– Por que você garante que ele é seu filho?

– Ele tem um sinal de nascença no saquinho, herdou de mim, sem tirar nem pôr. O Saul não sabe do meu sinal. Quando ele nasceu, a Paola me chamou e apontou: olha só o saquinho dele!

DUAS IRMÃS

Embora não faça tanto tempo não é mais possível recompor a integridade dos fatos. Na verdade, eles nunca foram comprovados. Mas não importa, a ficção parece mais viável que a realidade; ou pelo menos mais convincente. Se presumirdes, então, que inventei esta história, ela acabará parecendo mais real. Mas ela de fato ocorreu.

A casa ainda existe, em local que prefiro omitir, mas o abandono rapidamente lhe deu uma aparência arruinada. Foi construída por um homem de nome Florêncio, que apareceu um dia vindo da Bahia. Comprou o terreno, ladeado pelo espinhaço de uma serra e por um rio, fez um aramado nos dois lados abertos, semeou pastagem para gado, plantou uns pés de coco, um pouco de banana, mais ainda de mandioca, e ergueu a casa. Vivia sozinho e não tinha amigos, embora também não fosse de desavenças. Nos domingos podia aparecer no vilarejo para umas compras e três ou quatro doses de cachaça, quase sempre solitário numa mesa. Nunca foi visto embriagado. Teria uns trinta e cinco anos, foi quando se casou com uma moça de outro distrito; seu nome era Miriná e sua idade devia andar pelos vinte. Não sei se tinha pais, a moça, mas havia uma irmã. Pois, quando Miriná estava para dar à luz um filho fez vir Mariana, de apenas doze anos, para prestar-lhe assistência. Menina caladinha, amena e bonita como sua irmã Miriná. Ambas de olhos escuros, cabelos corridos e também negros e um sorriso límpido, embora modesto. Parece que a parteira, uma mulata experiente buscada pelo Florêncio quando a mulher mostrou sintomas de verter a criança, foi quem primeiro deu notícia do surgimento da mocinha.

O garotinho estava com uns cinco meses, foi quando a Mariana começou a mostrar uma barriga. Pois dois caçadores ali de passagem rumo à serra parecem ter visto, embora de longe, a Miriná com o menino no braço e a mocinha grávida; não há outros testemunhos. Dessa vez, Florêncio não mais recorreu à parteira. Apregoou que o bebezinho era um segundo filho de Miriná e é assim que atesta o registro no cartório. Passaram-se uns anos. Quase ninguém os visitava, pois Florêncio protegia com zelo a sua

privacidade. Relata-se que as duas irmãs eram amigas e que tratavam Florêncio com respeito e cortesia. Raras vezes apareceram na vila. Tinha-se por certo que Florêncio servia-se das duas como mulher. De ambas, não é improvável que tenha tido a inteira paixão, pois ao destino agrada o insólito e inverossímil. Há séculos, um árabe disse – ou pode ter sido um persa – que o destino é um camelo cego, o que me parece bem mais que uma metáfora. Assim, não surpreende que seus passos erráticos possam traçar os mais delirantes labirintos. Acho que o menino maior já estava com três anos, foi quando o torpe arranjo chegou ao seu fim. As circunstâncias foram reveladas pela própria Miriná à minha mulher, na época quase sua amiga. Assim foi narrado o que importa.

Florêncio já não se contentava em alternar as duas irmãs e passou a insistir que os três compartilhassem a mesma cama. Mariana, indignada, repelia essa pretensão, mas Miriná silenciosamente urdiu seu plano. Estavam Mariana e Florêncio na intimidade do amor quando no quarto entrou Miriná. Na penumbra e calmamente, para contentamento de Florêncio e assombro de Mariana, despiu-se e foi se juntar aos dois que estavam no leito. Florêncio efusivamente deixou Mariana e abraçou a recém-chegada; além de um peito quente sentiu um punhal nas costas. Miriná desvencilhou-se do corpo e abraçou a irmã, ambas em prantos. Abraçadas permaneceram longamente. Pela primeira vez em anos, sentiram-se inteiramente unidas: não mais as separava um ultraje e um vilão compartilhado, e no abraço estava tácita a cumplicidade. Carregaram o corpo até o rio, amarraram-lhe uma pedra aos pés e o atiraram à água.

Miriná procurou o marido desaparecido por dias, por semanas, e por meses. Finalmente vendeu as terras a um fazendeiro vizinho e partiu com a irmã, filho e sobrinho, para local jamais descoberto.

Construía-se a rodovia Rio-Brasília. O engenheiro Miranda era responsável por um segmento da obra, os cerca de cem quilômetros de João Pinheiro a Paracatu. Um trecho de cerrado plano, com suaves declives perto do rio Paracatu e o da Prata. Final dos anos cinquenta. Tudo era distante e o engenheiro tinha de morar no acampamento com os maquinistas, um topógrafo e os peões, estes últimos quase sempre arrebanhados na vizinhança. Ao engenheiro Miranda não desagradava tal tipo de vida. De natureza simples, apreciava com sinceridade aquele convívio. De dia as máquinas derrubavam o cerrado, rasgando o chão vermelho. À tardinha banhavam-se no córrego, araras cruzavam a planície buscando a pousada. A janta mineira, depois duns dois tragos de cachaça: torresmo, linguiça, feijão tropeiro, carne de charque, essas coisas que hoje em dia andam falando fazer mal à saúde. Tinha-se ainda arroz, abóbora, mandioca e algum peixe pescado por ali mesmo, quando não fosse uma capivara ou um veado campeiro, mas sobre essas comidas ainda não há maledicência. Os lampiões de gás, as conversas sobre mulher, a cachacinha vagarosa que se continuava bebendo até a hora de dormir. Numas mesinhas toscas, jogava-se truco. Lá fora o silêncio, o cheiro de árvores esgarçadas, o andar sigiloso de algum predador notívago.

Um dos peões, acho que seu nome era Ramiro, mas o tratavam por Cará, por ter um cabeção meio nodoso, o cabelo quase raspado, o rosto com sequela de espinhas. Era trabalhador dos bons, mas quando bebia além da conta ficava inconveniente. Se perdesse no truco dava de arreliar e impunha-se pela valentia. Segundo rumores, devia duas mortes à justiça. Numa noite teve um entrevero com Ananias. Mais uma vez, por uma jogada de truco que desagradou ao Cará. Ele trucou o Gumercindo, o pé da jogada. Ananias, parceiro do Gumercindo intrometeu-se:

– Pode chamar que o ladrão tá de falso.

– Fica na sua, enxerido, quem tem de chamar ou correr é o Gumercindo, sua vez de falar já passou. Ou tá chamando em cima do seu valete de merda?

Houve troca de ofensas, o baiano Ananias levantou-se e sacou uma peixeira. O Cará olhou impassível a lâmina exposta e disse quase com calma:

– Guarda essa faca, baiano, pra não ser preciso eu te dar uma surra.

Os olhos do Ananias flamejavam e os do Cará pareciam tranquilos. Numa briga, nada causa mais medo que um olhar sem exaltação, como o de gavião fitando a sua presa. Ananias afastou-se do grupo em silêncio. Na manhã seguinte pediu as contas e foi embora.

Numa outra noite, Cará teve nova briga, dessa vez com o próprio parceiro. Estavam perdendo, botou a culpa no companheiro. Parece que o ofendeu, talvez até o tenha humilhado. O engenheiro Miranda decidiu então despedir o arrelento.

Cará morava nas redondezas e não tardou que começasse a frequentar o acampamento. Era amigo chegado do Vadinho, um homenzinho magro que trabalhava na obra. Vadinho jogava pouco truco, mas gostava de ficar por perto tumbando, enrolando seus cigarrinhos. Pacato, de poucas palavras e nenhuma desavença. Não causaria temor sequer a uma criança. Não se entendia muito bem a amizade entre dois homens tão opostos. Uns alegavam que tinham sido vizinhos; segundo outros, entre eles havia um parentesco distante.

O engenheiro Miranda não gostava do modo como o ex-empregado o olhava. Aquele mesmo olho de carcará, agudo, confiante, estático. O engenheiro o encarou certa vez, com um ar de “o que ainda anda fazendo por aqui?”, mas acabou sendo o primeiro a desviar o olhar. Ainda naquela noite, quando o Cará despediu-se, Miranda resolveu ter uma conversa com Vadinho. Levou-o para fora do acampamento, ofereceu-lhe um cigarro de papel, caminharam até um local onde pudessem conversar em confidência. Expôs que não queria mais ver o Cará frequentando o acampamento.

– Sim senhor, o doutor é quem manda na obra e nos barracos.

– Fala pro Cará que você não acha convenientes essas vindas dele aqui.

Vadinho escutou em silêncio. Permaneceu calado, como se esperasse algum complemento. Só respondeu depois de perceber que o patrão já tinha terminado.

– Mal lhe pergunte, tá cismado com ele, doutor?

– Não é cisma, mas aqui é o acampamento de quem trabalha na firma. Ele já foi despedido, pois fique lá no seu canto. Se não fosse briguento podia até ser admitido, mas qualquer dia desses ele acaba arranjando outra rixa. Se ainda não brigou, é porque meus homens o relevam.

– É só o doutor falar pra ele não botar mais os pés no canteiro de obras.

– Tá certo, Vadinho, eu até podia falar que ele tá proibido de vir ao acampamento, mas parece que ele vem aqui por sua causa. Assim, é melhor você mesmo falar sobre a inconveniência. Pede pra ele não mais venha visitá-lo, diz que sua presença incomoda.

– O senhor me desculpa doutor, não tenho coragem pra isso. Eu não ia passar uma desfeita dessas no Cará. Falar a um amigo pra não visitar a gente!

Miranda permaneceu calado por um tempo, pensando em como persuadir seu peão a por um fim nas visitas do amigo. Foi nisso que Vadinho retomou a palavra.

– O doutor, tá se vendo, anda cismado. Acho que nem tem motivo, mas tá cismado. Falar pro Cará não vir aqui, o senhor me desculpa de novo, mas não tenho cara pra isso não senhor. Agora... Bem, se o doutor achar que é mesmo preciso, posso dar um fim nele.

– Dar um fim...

– O senhor entende, uma noite ele sai daqui, mas não chega em casa, pouco depois do segundo córrego.

A VISITA DA CEGONHA

Era uma casa branca situada num declive suave. Estávamos lá, papai, mamãe e também meus irmãos maiores. Eu estava também, acho que nem é preciso dizer. Devia ser um domingo, pois era sempre nesse dia que saíamos a passeio. A fazenda não era distante da nossa, e lá moravam meus tios e meus primos. Houve um almoço, com frango e outras coisas gostosas que já não lembro bem. Mas de repente houve um alvoroço. Três ou quatro mulheres entraram num quarto e fecharam a porta. Uma delas saiu logo em seguida dizendo para arrumarem água quente. Bastante água

quente! Alguém ordenou que as crianças fossem brincar no quintal. Uma moça magra, o cabelo arranjado numa trança, logo tomou a iniciativa de dizer:

– Vamos lá, meninada, todo mundo pro quintal! – e nos levou para um ponto distante, cheio de laranjeiras e outros pés de fruta.

Levou também uma faquinha, com a qual descascava laranjas para cada um de nós. Cada menino ganhou quantas laranjas tenha querido, desde que tivesse a paciência de esperar. Meu irmão maior não aceitava ser tratado daquela forma e exigia a faca para ele mesmo descascar suas laranjas. Já teria seus dez anos, era quase um rapazinho. No quintal, podíamos brincar de tudo, só não se podia era voltar para casa. Subimos em mangueiras e goiabeiras, corremos atrás dos patos, brincamos de enfezar o peru, assobiando. Eu era ainda muito pequeno para conseguir assobiar, mas outros maiores soltavam assobios e o peru retesava o rabo e as asas, e fazia glu-glu-glu-glu-glu, muito vermelho e nervoso. Tampouco era eu capaz de subir em mangueiras, mas consegui galgar uma goiabeira até superar a considerável altura do meu corpo, de onde contemplei o mundo com ar triunfante.

Os patos, vendo-se acoissados, tinham se refugiado num pequeno lago, e fomos então observá-los. Deslizavam sobre a água suavemente, provocando uns frisos muito arrumadinhos que corriam sobre o espelho. De vez em quando um deles falava quá-quá-quá para um companheiro. Nadavam sentadinhos, como se a água fosse um ninho. Um dos meninos jogou uma pedra no lago, e aqueles mesmos frisos apareceram, formando círculos nascidos onde a pedra tinha caído. Todo mundo quis jogar alguma pedra, e a brincadeira só acabou quando o lago se enrugou inteiramente.

Senti vontade de fazer xixi, e fiz isso muito naturalmente na frente de todos, sem que ninguém me reprovasse. Estranhei que o xixi não tivesse cheiro de laranja, mas riram de mim quando eu comentei, e achei que tinha falado uma bobagem. De fato, a moça chegou a falar “Seu bobinho”, mas olhei para o seu rosto e não vi qualquer maldade nos seus olhos, e em sua boca percebi um sorriso; resolvi por isso tomar o comentário como uma forma de carinho. Mas meu irmão mais velho cismou de fazer algo muito impróprio. Subiu numa goiabeira, e lá de cima começou a mijar, desenhando no ar um arco cintilante. Queria chamar a atenção da moça, e também de uma menina do seu tamanho, que virou amuada para o outro lado. Mas a moça olhou para ele muito brava enquanto dizia:

– Muito engraçadinho, vou contar pra sua mãe.

Meu irmão não ligou para a ameaça, e nisso a moça caminhou em seu rumo esfregando a faquinha num dos dedos como se o estivesse decependo. Assustado, meu irmão recolheu o pingolim com tal precipitação que acabou fazendo uma grande mancha molhada na calça. Houve gargalhada geral e ele desceu da

goiabeira com a expressão mais infeliz que eu já tinha visto em seu rosto. Permaneceu depois o tempo todo fugidio, fazendo de tudo para não se virar de frente para a menina ou a moça.

Passou-se um tempo muito grande, tão grande que já não sabíamos mais que brincadeira inventar para passar o tempo. A casa proibida era um mistério que esticava o tempo, dando-lhe um tamanho que nada era capaz de preencher inteiramente. Um tempo tão grande que deu para qualquer criança voltar a ter fome. Alguém deve ter atinado com aquilo, pois trouxeram umas coisas pra gente comer. Não sei bem o que nos deram para comer, pois as emoções daquela tarde embaçaram a lembrança dessas coisas pequenas.

Certa hora, acho que já era quase tardinha, lá do terreiro da casa alguém gritou alguma coisa que não entendi. Mas para a moça que nos pajeava tudo pareceu muito claro, pois ela disse que podíamos voltar. Voltamos, e nossa curiosidade era grande e indisfarçável. Havia um bebezinho vermelho e muito enrugado, embrulhado em flanelas branquinhas. Podíamos vê-lo bem de perto, mas que ninguém o tocasse com suas mãos imundas. A cegonha o tinha trazido. Sua mamãe, que também era minha titia, de tão contente com a prenda jazia deitada numa cama, toda coberta com lençóis muito limpos. Seu cabelo estava todo penteado, e ela sorria muito feliz com a boca pintada de cor-de-rosa.

Foi então que entendi por que tínhamos sido levados para o fundo do quintal. Eu já sabia que não conseguíamos ver papai Noel, isso porque ele entrava pela chaminé quando estávamos dormindo. Já a cegonha, esta aparecia em plena luz do dia, mas por algum motivo também não podia ser vista por crianças. Eu aceitava de bom grado que o mundo das crianças era outro e não me sentia infeliz com isso; assim me resignava em não ter podido ver a cegonha. O que não cheguei a entender é por que precisaram de tanta água quente.

OS FILHOS DA LUA

Numa noite sem chuva e também sem lua, ele teria aportado naquele ponto, talvez descendo o rio numa canoa de tronco. Não configurava mistério o sumiço da embarcação, ou de qualquer vestígio seu: teria sido abandonada às correntes tão logo cumprida a sua função. Também possivelmente, ali chegou caminhando, vindo da direção do poente, de longínquas distâncias onde, segundo dizem, se elevam altas montanhas. Ninguém jamais esteve em terras tão remotas, onde no cume das serras a água se petrifica, mas sua existência, e também o milagre da água, são revelações antigas que, mercê dos deuses, iluminaram nossa tribo. Mas não era improvável que ele tivesse caído da lua. Pois nosso pajé, que perdeu a visão das cores por ter ficado sábio, ou atingiu a sabedoria porque a luz dos olhos já o não distraía da luz da mente, dizia ter visto algo. As imagens, que mesmo divinas não lhe trespassavam os olhos opacos, se lhe afiguraram na forma de sonho. No alvorecer, a lua minguante se adelgçando no zênite, seu corpo abriu-se dando à luz uma coisa, talvez divina. Sete dias e sete noites, esse tempo a criação da lua despendeu na queda, para serenamente pousar na arenosa margem do rio; a lua, então, já estando na nova. Esta evidente verdade se impôs sobre as vagas conjeturas, eis porque todos passaram a chamá-lo Filho-da-Lua.

Quando alguns de nossos homens foram pescar, na primeira luz da aurora, lá o encontraram. Ele não temeu os homens, que também eram guerreiros, nem lhes inspirou qualquer medo. Não pertencia a nenhuma das tribos que temíamos e que nos temiam, e que cobiçavam nosso rio, nossos segredos e nossas mulheres. Contemplou os guerreiros sem palavras nem qualquer gesto e depois olhou o céu como se averiguasse a hora daquele encontro. Nossos homens depuseram suas fisgas, que poderiam ser tomadas por lanças de guerra. Queriam sinalizar a paz de forma mais concreta, mas não decifraram se ao visitante foi clara a intenção dos seus gestos. Foi no que decidiram retornar com urgência à aldeia. Todos os seus atos, incluindo o de correr rumo à taba, deixando para trás seus arpões, foram unânimes e simultâneos, embora nenhuma palavra tenha sido por proferida.

Nossos magos julgaram imprudente retornar ao rio por três dias. No terceiro alvorecer, assegurou o pajé, se ele ainda lá estivesse, teria vindo como protetor da tribo. Antes disso, não se exporia o fato às mulheres nem às crianças. Tampouco se comeria

peixe, e os caçadores foram enviados para o lado oposto ao do rio. Quanto ao pajé, apenas lhe seria próprio beber água. Na aurora do terceiro dia, foram com cautela à margem do rio. Seis homens, os mais sensatos e mais destemidos. Não levaram os arpões, suas intenções pacíficas tinham de ser patentes. Lá estava o homem, conforme o haviam descrito: alto, inteiramente nu, a pele cor de bronze. Na pequena clareira que antecedia a arenosa margem do rio, havia erigido uma estátua. Não figurava uma pessoa, nem qualquer animal: era apenas um tronco talhado em perfil de hexágono, a cabeça adiantada; para nosso povo, divindade ainda alheia. Posicionava-se verticalmente e tinha a mesma altura do seu escultor. O Filho-da-Lua se afastou, parecia estar animando nossos homens a examinar sua obra. Os seis se aproximaram, com todas as imagináveis reverências e as mais poderosas benzeções. O tronco talhado se apoiava numa plataforma de pedra, ampla o bastante para que nela se deitasse um homem. Em toda esta região, nunca se viu pedra daquele tamanho. Sua cor, a mesma da lua, teria causado ainda mais respeitoso espanto. Não eram visíveis as ferramentas usadas para talhar a pedra e esculpir aquele deus. Tampouco se encontraram os restos de rocha e de madeira oriundos da confecção.

Os quatro arpões antes abandonados se erguiam fincados na areia, na franja do rio. Foram vistoriados e estavam intactos, perfeitos para seu predestinada uso. Decidiram testá-los na pesca: não tinham sido encantados nem amaldiçoados; a pesca foi normal, não generosa nem mesquinha. Nossos homens observaram o visitante por muitos ciclos da lua, o que em nada reduziu o seu mistério. Não se ouviu qualquer som emitido pelos seus lábios, e não foi possível concluir se entendia o que tentavam lhe dizer. Comer, o homem nunca comia. Banhava-se a cada entardecer, quando também despejava água sobre a cabeça, a face voltada para cima, bebendo parte do jorro. Não se sabe se saciava a sede ou realizava um rito. Ninguém ousou permanecer ali após o anoitecer e, destarte, não se demonstrou que o homem dormisse. Um jaguar adquiriu o hábito de aparecer, antes do pôr-do-sol, e deitar-se no pedestal da estátua. Quando nossos homens se afastavam, o animal ali permanecia. Na lua cheia, seus bramidos alucinavam a noite. Os lobos aderiram com seu uivo enternecido.

Quando a lua se fez nova pela terceira vez, uma das nossas virgens foi em sonho possuída pelo Filho-da-Lua. Mais quase dez castas luas se passaram quando, na cheia, ela pariu um varão, e o visitante se foi, misteriosamente e para sempre, no decurso da noite. Ao completar dezoito anos do sol, o filho do Filho-da-Lua, cujo nome era Assunã, submeteu-se à cerimônia de iniciação, o mais antigo costume do nosso povo. Foi ungido guerreiro pelo pajé, mas causou assombro ao declarar que sua iniciação não estava completa: desafiou para a luta os três guerreiros mais valentes da tribo. Os três

indicados, aparatados com as rubras tatuagens da guerra, foram vencidos e mortos, liturgicamente. Assunã se benzeu, untando-se com o sangue dos vencidos e contemplando com reverência a lua nova, que se exibia no céu da tarde como um fino anel. Purificou-se depois com as fezes de uma criança de peito.

Desposou sete virgens e em cada delas gerou quatro filhos, varões e meninas. Aos outros ventres femininos, a lua negou para sempre as regras de sangue que anunciam a fertilidade. Isso foi há incontáveis anos do sol, numerosos como as estrelas que se espalham no céu. Nosso povo, desde então, descende da lua. Sobre isso há muitas severas coisas, que somente aos magos podem ser reveladas. Mas quando a lua cheia prateia a mata e a lenta água do rio, todos os jaguares desta terra, e também os lobos, se unem na ruidosa homenagem ao Filho-da-Lua. Para nós, essa celebração já é o bastante.